



3 1761 07047044 8







ENSAIOS LITTERARIOS

A ROZA DO ADRO

ROMANCE

POR

MANOEL MARIA RODRIGUES



PORTO

TYPOGRAPHIA DE SILVA & VALBOM
Rua das Taipas, 15

1870



PQ.
9261
R617R6

DEDICATORIA

AO MEU AMIGO ANTONIO PEREIRA AVILA

Meu bom amigo

Dediquei-lhe este meu pequeno trabalho, quando em 1868 foi publicado no *Tasso*.

Dediquei-lh'o então não só pela amizade quasi fraternal que nos ligava, mas tambem porque n'elle havia um nome que a ambos nos era summamente caro....

Hoje, que publico o mesmo trabalho em volume, dedico-lh'o ainda, não só pela amizade que ainda nos liga, mas tambem como lembrança de alguns dias felizes que já passaram, e que jámais se me riscarão da mente e da alma.

Tem caprichos bem crueis a fatalidade!...

Acceite pois ainda a dedicatoria d'este romance e como recompensa só lhe peço que accredite que é

Seu amigo o que se assigna

Manciel Maria Rodrigues.

Porto, 30 de julho
de 1870..



DUAS PALAVRAS

Dou hoje em volume o romance que ha dous annos foi publicado no periodico litterario *Tasso*.

E' a terceira publicação, n'este genero, que deito aos ventos da publicidade, sob o titulo de *Ensaio Litterarios*, e este titulo de per si só diz o modo como apresento este pequeno trabalho, que é sem pretensões nem vaidade; fiquem d'isto bem certos aquelles que ainda não me conhecem bem.

Do mais cumpre-me só advertir o leitor, que re-toquei bastante este romance, quando resolvi publical-o em volume, porque a brevidade com que foi primeiramente escripto não me deixou vêr alguns defeitos que depois tentei remediar. Não quero dizer com isto que seja agora um trabalho perfeito, antes, pelo contrario, estou convencido que muitos serão ainda os seus defeitos de linguagem e acção, mas esses, com fran-queza o digo, não posso ainda corrigil-os, e só o tempo e mais constante prática de identicas lucubrações é que me poderão ir ensinando e esclarecendo.

Dito isto, creio ter predisposto claramente o leitor para o merecimento litterario do romance que vae ler, e supponho por isso desnecessarias mais choradeiras e prevenções.



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

Que linda era aquella Roza do Adro!.....

.....

A umas cinco ou seis legoas do Porto, e no fundo montanhoso de uma collina, surge, como por encanto, de entre as bouças de pinheiros e carvalhos, a pequena mas pitoresca aldeia de.....

Fórma ella um gracioso montão de pequenas casas, com suas paredes brancas como a neve, com seus telhados vermelhos de sangue, e sobrepujadas por outras tantas chaminés, das quaes de vez em quando sahẽ uns rolos esbranquiçados de fumo, que se desfazem nos ares, ao mais leve sopro da viração.

Do centro d'este interessante grupo sobresahe magestosa e desafogada uma igreja de modesta e simples architectura, de cujo cimo se levanta soberba

uma grande cruz de granito, erguendo para o céo os seus toscos braços enegrecidos pelo tempo e pelos annos.

E' bello e cheio de poesia tudo aquillo!

Aquelle acervo de modestas habitações, aconchegadas umas ás outras, assimilham-se a pobres e timidas fugitivas, que, abandonando presurosas o bolicio das cidades, alli vieram apertar-se em um terno abraço, procurando a paz e o descanso eterno em derredor d'aquella carinhosa mãe, que as abriga com a sua sombra e as protege do alto com os braços abertos, como para as livrar de qualquer perigo.

Depois, ao longe, lá se levanta sobre a relva dos campos uma ou outra casa ainda, parecendo espreitar invejosa, por entre a folhagem verdejante dos arvoredos, aquella feliz fraternidade de suas companheiras.

Emfim, as pequenas florestas, as viçosas planícies, as pittorescas encostas da collina, os estreitos e limpidos regatos serpenteando por toda a parte, o trinado alegre das aves na alvorada, o canto monotono e sentido do pegureiro, ao pôr do sol, conduzindo os rebanhos, o mugido lastimoso das vacas que pascem, e uma outra infinidade de harmonias da natureza em toda a sua plenitude e rusticidade, dão áquelles logares um aspecto de alegria e felicidade inconcebiveis.

Em uma das pequenas casas que mais se aconchegavam á igreja, e distanciada d'esta apenas por um pequeno largo, a que chamam adro, habitava, em outro tempo, em companhia de sua avó, unica parenta que então lhe restava, a mais alegre, linda e engragada rapariga d'aquelles arredores.

Chamava-se Roza, e tinha apenas dezoito annos.

Não era uma d'essas corpulentas *moçoilas* de faces vermelhas e gordas, de grandes olhos castanhos e cabellos de azeviche, de que o nosso bello Minho nos dá tão apreciaveis exemplares.

A Roza do Adro, como lhe chamavam, era, muito ao contrario, alta, de compleição delicada, tinha o rosto um pouco comprido, as faces aveludadas e cobertas de um ligeiro rozado, os labios finos e vermelhos, os dentes pequenos e brancos como leite, os olhos da côr do céu, umas vezes travessos, outras meigos, e d'uma languidez angelical, os cabellos louros e nedeos, e as mãos e pés pequenos e bem formados.

Era um conjuncto de bellezas e graças que enfeitavam os olhares mais descuidados e indifferentes.

Fazia gosto vê-la ao domingo, na missa do dia, vestida com a sua saia de baeta-crepe, a cabeça caprichosamente envolta em um lenço de cambraia, cuja alvura mais deixava sobresahir o alourado dos seus cabellos e o rozado das faces, os virgineos seios cuidadosamente recatados por um grande e ramalhudo lenço de grandes flores vermelhas, symetricamente encruzado, e cujas pontas vinham unir-se, por um nó, atraz, na cintura delicada e flexivel, já apertada por um collete de fustão amarello salpicado de pequenas flores encarnadas, os braços cobertos até aos punhos pelas mangas larguissimas de uma camiza branca de neve, e os pequenos pés semi-calçados em umas apuradas chinellas de duraque com biqueiras de verniz.

Quando ella e sua avó, dirigindo-se para a igreja, appareciam no adro, um grito surdo, uma exclamação de alegria e pasmo sahia de todas as boccas.

—«Ahi vem a Rosa do Adro!»—diziam.

E, no mesmo instante, todos os olhares, todas as attensões se projectavam na graciosa rapariga, que, com o sorriso nos labios, ia atravessando os grupos de povo, respondendo com gracejos ás lisonjas dos velhos, ás palavras amorosas dos rapazes, e aos gabos das visinhas e amigas.

E em quanto o som da campainha não chamava os fieis á oração, reunia-se a um qualquer grupo de raparigas, com as quaes conversava, entretanto que sua avó, entrando no templo, ia ajoelhar diante do altar de Nossa Senhora, a fazer-lhe as suas costumadas orações e pedir-lhe mil benções para a querida neta.

Terminada a missa, Roza entretinha-se no adro a *conversar os moços*, que, azafamados, e depois de uma renhida questão de —«primeiro vou eu, depois irás tu»—, procuravam á porfia occasião propicia de se lhe aproximarem, esforçando-se cada um d'elles por captar-lhe mais provas de sympathia e amor.

Ella, porém, sem escolha nem reparo, com todos fallava, com todos se ria, sem comtudo demonstrar a mais leve predilecção ou sympathia por qualquer d'elles.

Depois, á tarde, quando os rapazes e raparigas vinham reunir-se defronte da sua pequena habitação, formando ahi um dos seus predilectos bailaricos, era Roza, entre todas, a que mais se distinguia, já pela

sua voz sonora e engraçados versos, já pelo garbo e requebros seductores com que dançava.

Passados os domingos, pela semana adiante era sempre a mesma, alegre e folgazã.

Sentada á pequena janella da sua casa, trabalhando, a sua voz sympathica não deixava sequer um momento de se fazer ouvir, indo o seu echo perder-se ao longe, nas quebradas dos montes; e se qualquer camponio passava e lhe dirigia alguma graça, ella, sempre risonha, não o deixava sem qualquer resposta zombeteira, com o que elle se ia vangloriado e contente.

Não havia esfolhada, sarau ou festa para que não fosse convidada, sendo sempre a mais obsequiada em toda a parte onde apparecia.

Finalmente, a Roza do Adro era a alegria e o enlevo de toda a gente, a rainha, o tudo, d'aquelles logares.

Quanto ao seu viver domestico, era elle o mais regular possivel.

Só, com sua avó, não carecia de grandes haveres para se sustentar a si e a ella.

Não tinham o mais pequeno rendimento, mas o trabalho de Roza dava o sufficiente para que ambas podessem viver sem privações e desassombradamente. A bella rapariga era costureira de profissão, e como por aquelles arredores não havia quem, melhor do que ella, talhasse ou fizesse um vestido, uma *janota*, uma capa ou outro qualquer adorno feminino, não lhe faltava por isso nunca que fazer.

Além d'isso, como tivesse um gôsto especial para

aquelle genero de trabalhos, tornára-se de ha muito a mais accreditada modista d'aquella pequena cidade, sendo ella a que inventava as modas e as punha em prática nas obras que lhe mandavam fazer, consistindo essas novidades em dar esta ou aquella fórma a qualquer objecto de vestuario, em augmentar ou diminuir uma prega, um folho, um rufo, ou uma fita em uma saia, vestido, ou capa.

Relativamente a namoros, como geralmente se diz, Roza não tinha nenhum certo. Fallava com a mesma affabilidade e com o mesmo agrado para todos os rapazes da aldeia, sem jámais fazer a minima selecção de qualquer d'elles. O seu coração, ainda demasiado livre, parecia inabalavel e insensivel aos mais ternos olhares e ás mais ardentes declarações, e isso dava incentivo a algumas pessoas para a acoimarem de presumptuosa e soberba.

Roza, porém, nada d'isso tinha: o seu coração, ainda estranho a essas sensações, e talvez um pouco leviano, não era de facil contento; entre os rostos dos moços que lhe faziam a côrte não encontrára até então uns olhos que a fizessem estremecer d'amor, nem vira entreabrir-se uns labios que proferissem duas palavras que lhe soassem sonoramente ao coração.

Havia, porém, de chegar-lhe um dia a sua vez.

II

Cerca de um quarto de legoa distante da igreja, e por detraz de um pequeno monte coberto de castanheiros velhos, estendia-se a rica herdade chamada do *Capitão*, nome que lhe viera dos avoengos do actual possuidor, que era o snr. José da Costa, o mais abastado lavrador d'aquellas redondezas, homem honrado em toda a accepção da palavra, um pouco rude, mas que nem por isso deixava de exercer, havia oito annos, com toda a consciencia e rectidão, o importante cargo de juiz eleito da freguezia, sendo além d'isso juiz, mesario e irmão de quantas confrarias e irmandades alli existiam.

Tinha elle um filho, unico herdeiro dos seus haveres, chamado Fernando, a quem, por mera deliberação sua, mandára aos quatorze annos para o Porto estudar preparatorios para se formar em medicina.

Fernando, que não passára até então de um po-

bre rapaz, sem illustração nem pretensões, ácostumou-se depois por tal fróma aos ares da cidade, e áquella vida livre e risonha de estudante, que dentro em pouco tornára-se o mais alegre, espirituoso e casquilho de todos os seus condiscipulos, pois que para tudo lhe dava de sobra a recheiada bolsa de seu pae, sempre aberta ás suas mais pequenas necessidades e exigencias.

Apesar d'isso, Fernando não desperdiçava o tempo, e como era dotado de uma bella intelligencia e amigo de estudar, tornára-se ao mesmo tempo um dos mais distinctos alumnos nas aulas que frequentava, recebendo por vezes, com grande contentamento de seus paes, algumas distincções e premios pelo seu bom aproveitamento.

Aos 22 annos achava-se já matriculado no quarto anno da Escóla Medica, tendo até ali dado provas notaveis da sua habilitade para a carreira a que se destinava.

E' n'esta epocha que precisamos travar com elle conhecimento.

Terminára o anno lectivo, e Fernando, depois de fazer os competentes actos, viera passar o resto das férias junto de sua familia, a quem no anno antecedente não visitára por causa dos seus trabalhos, tornando-se por isso a sua visita mais appetecida e festejada.

Seus paes receberam-n'o, como de costume, de braços abertos e com as lagrimas nos olhos, revendo-se com ufania n'aquelle esbelto moço que fazia a honra da familia, não só pelo seu porte como pela posi-

ção distincta que em pouco deveria occupar na sociedade.

—S'tás um rapaz como um cravo—dizia a boa mãe do estudante olhando-o de alto a baixo — e, com esses bigodes assim retorcidos á moda dos *sordados*! . . . Aquellas senhoritas lá do Porto não hão-de ter *forgado* nada contigo, heim, que digo eu?

Fernando limitava-se a responder áquelles gracejos maternas com um ligeiro sorriso, em quanto que seu pae exclamava com um ar meio serio, mas bondoso:

—Anda, meu tratante, que me estás por um bom par de moedas; ainda assim, louvado Deus, não tens sido dos peiores, porque tens estudado e aproveitado o tempo, que é o que eu quero; lá do mais, vocês são rapazes, gostam de figurar e de estroinar . . . e verdade, verdade, eu na vossa idade fazia o mesmo; vamos, não tens sido dos peiores . . . para o anno, se Deus quizer, já teremos um cirurgião cá na aldeia, não é verdade?

—Assim o creio, meu pae—respondeu o moço.— Para o anno termino o curso, e então já terá um filho medico-cirurgião.

—Eh, eh, eh,—respondeu José da Costa, rindo-se — um medico-cirurgião, dizes tu; diz antes um mata gente! Eh, eh, eh.

—Oh, meu pae.

—A proposito—continuou o pae de Fernando, rindo sempre. — Tu já serás capaz de dares ahi um remedio que cure um doente cá da casa?

—Então quem é que temos aqui doente?

—Ora quem ha-de ser? é a pobre da nossa egoa preta, que deu aqui ha dias um tropeção, ficando com uma perna *aleijada*, e não póde dar uma passada; já a levei ao ferrador, mas o diabo tanto lhe fez como nada.

Fernando ao ouvir estas palavras soltou uma estrepitosa gargalhada.

—Tu de que te ris?—perguntou José da Costa, um pouco serio por aquella desconsideração ás suas palavras.

—Pois o pae mandou-me aprender a curar gente ou burros?—retorquiu Fernando, continuando a rir-se.

—Oh, então ha alguma offensa n'esta minha....

—E' com effeito um bello elogio á minha sciencia; querer fazer de um medico-cirurgico um alveitar!...

—Perdão! Foi uma imprudencia....—respondeu o pae do moço, meio atrapalhado.

—No entanto—atallhou Fernando, meio compadecido da ignorancia de seu pae—vamos lá ver a egoa por ser cousa cá da casa, mas fique sabendo que eu não estudo ha oito ou nove annos para curar bestas; para isso é melhor consultar um ferrador ou alveitar.

José da Costa desceu com seu filho á estrebaria, um pouco vexado por aquelle incidente.

Fernando examinou a parte affectada do animal, mandou buscar um medicamento á pharmacia da aldeia, ligou-lhe a perna doente, e, para terminar a historia, d'ahi a quatro dias a egoa estava completamente curada e caminhava com todo o desembaraço.

Foi a primeira victoria alcançada pelo novo filho de Hypocrates.

Prosigamos, porém, agora, na nossa narração interrompida um pouco por este episodio.

III

Fernando era inegavelmente um bello e sympathico moço.

Era de estatura um pouco mais do que regular, tinha o rosto levemente comprido, a tez branca, tendo um pouco para o pallido, os olhos grandes e expressivos, cabellos pretos e naturalmente annelados, e o pequeno bigode, da mesma côr dos cabellos, era luzidio e nedeo como uma tira de azeviehe.

Além d'estes dotes physicos, que de per si só já o recommendavam aos olhos de qualquer filha de Eva, Fernando, que possuia fórmãs elegantes, tinha um gosto particular no modo de se vestir, era engraçado no dizer, e um desafectado abandono nos movimentos completava os requisitos necessarios para o tornar notavel e appreciado.

No primeiro domingo que succedeu ao dia da sua chegada, foi elle, em companhia de seus paes, ouvir mis-

na á igreja da aldeia, e tornou-se por essa occasião o alvo de todas as vistas e de todos os elogios do povo da freguezia, que alli estava reunido.

Era isso sempre de costume todas as vezes que o moço vinha a férias, com a differença, porém, de que havia dous annos, ultima occasião em que viera a casa de seus paes, não estava elle tão desenvolvido de fórmas e de attractivos como agora.

A Rosa do Adro não foi tambem n'esse dia indifferente á admiração geral, e por entre os grupos de povo que se achavam espalhados no adro, olhou sorrateiramente para a graciosa figura de Fernando, que se destacava no meio de toda aquella gente, e não pôde deixar de dizer de si para consigo:

«E' na verdade um bonito moço!...»

Mas, dito aquillo, os olhos distrahiram-se-lhe immediatamente para outras pessoas, e nem o coração nem a mente soffreram o mais leve abalo com aquelle pensamento que, como um raio, lhe atravessou a imaginação.

Não succedeu, comtudo, outro tanto ao joven cirurgião, que ao fitar de longe a graciosa rapariga, exclamou com uma especie de assombro, dirigindo-se a sua mãe que lhe estava proxima:

—Quem é aquella moça loura que está acolá? —e indicava a Roza do Adro, que n'essa occasião se ria no meio de um grupo de outras raparigas.

—Oh!—respondeu a mãe de Fernando—pois tu não a conheces?

—Tenho ideias d'aquella cara, mas não sei.....

—Aquella é a Rozita do Adro.

—Pois na verdade aquella lindissima rapariga é a Roza do Adro?!—exclamou Fernando não podendo occultar a sua admiração.

—E', sim; mas que espanto é esse? quem te ouvisse havia de dizer que tu não vens aqui ha dez annos.

—Effectivamente encontro-a tão mudada, que de certo não a reconheceria se não m'o dissessem; ha dous annos, quando eu cá estive, era ella uma criança, já encantadora, sim, mas agora encontro-a uma mulher perfeita!.....

—Pois é o que vês; em verdade aquelle corpo e aquella boniteza deitou-a ella ha dous annos a esta parte; é a melhoria d'estes arredores e pena é ser tão pobre....

Fernando, desde aquelle momento não mais perdeu de vista a encantadora rapariga.

Ao toque da sineta, o povo entrou no templo, e Fernando em todo o tempo que durou a cerimonia do santo mysterio, não desfitou sequer um momento o olhar d'aquelle rosto angelico.

Terminou a missa; o moço ao sahir aproximou-se de Roza, e com o sorriso nos labios exclamou:

—Se ha pouco não me dizem quem tu eras, Roza, quasi que já não te conhecia.

—Porque, snr. Fernandinho? — perguntou ella.

—Porque da ultima vez que estive aqui, eras tu uma criança, e venho agora encontrar-te uma mulher perfeita, bella e encantadora como um serafim, capaz

de endoudeceres a cabeça a um velho, se lhe lanças-
ses um d'esses olhares magneticos.... feiticeiros....

—Ora, o senhor Fernandinho está de certo a gra-
cejar com uma pobre rapariga....

—Não gracejo, Roza—atalhou o moço com serie-
dade—mas vamos ao que interessa, como tens passa-
do?

—Eu, graças a Deus, sempre bem; o snr. Fer-
nandinho, creio que tem egualmente gozado boa sau-
de...

—Felizmente assim tem succedido.

—Cada vez mais fero..... mais bonito.....

—Ah! tambem caçôas comigo?

—Oh meu Deus, pois eu cação comsigo, dizendo
a verdade?!.... visto isso o snr. tambem escarnecia
de mim ha pouco.....

—Estás uma garota!.....

—Pois sim, sim, serei o que quizer.

—Ainda moras alli na mesma casa?

—Ainda, sim; mas porque faz essa pergunta?

—Porque ámanhã, quando fôr á caça, desejo vir
fazer-te uma visita.

—Uma visita, a mim, ó senhor.....

—Então não queres?

—E' muita honra para mim, snr. Fernandinho.

—Pois virei, a não haver n'isso algum compro-
mettimento para ti.

—Não o comprehendo....

—Sim, quero dizer que poderia vêr-me algum
teu *conversado*, e depois.....

— *Conversados*, são-n'o todos os rapazes da aldeia.

— Então não tens nenhum mais teu predilecto?

— Não sei para o quê.

— Alegro-me muito com isso — concluiu Fernando com intenção — e agora, que não posso demorar-me mais porque meu pae já me espera, digo-te adeus até amanhã, sim?

— Até quando quizer, snr. Fernandinho.

O moço retirou-se, mas pelo caminho foi sempre cabisbaixo e embebido nas suas reflexões. Dar-se-ia o caso que o bello resto da rapariga imprecionasse o seu coração?

E' o que veremos no decorrer d'esta simples narração.

Quanto á Roza do Adro dir-se-ia que as palavras do moço nada lhe tinham feito mudar da sua habitual alegria, e bem depressa pareceu até esquecel-o.

IV

Não sei o que se passou no coração de Fernando durante o resto d'aquelle dia; o que é certo é que no seguinte, logo que acabou de jantar, subiu apressadamente ao seu quarto, substituiu a roupa ligeira que trazia por casa por uma outra propria de caça, lançou mão de uma bella espingarda de dous canos que no dia antecedente se entretivera a limpar e preparar, desceu a um quarto onde estava a matilha pertencente a seu pae, chamou dous cães e poz-se a caminho em direcção á igreja.

Fernando ia tristemente preocupado.

Com a cabeça baixa e os olhos fitos no chão, parecia que um pensamento qualquer lhe abstrahia todas as suas fâculdades mentaes, e se alguma vez levantava distrahidamente a vista era só para medir a distancia que o separava ainda d'aquella torre que alvejava ao longe por entre a folhagem do arvoredor, como se fosse esse o ponto principal da sua excursão.

Assim caminhou durante alguns minutos, até que, achando-se já proximo da igreja, parou repentinamente, como se uma força occulta lhe detivesse os passos.

Era que aos seus ouvidos tinham chegado as harmonias d'uma voz fresca e sonora, parecendo que os sons d'essa voz lhe tinham impressionado suavemente o coração, a ajuizar por um sorriso alegre que se lhe deslisára pelas faces.

Fernando poz-se a escutar, como enlevado, aquella voz que cantava:

Quem me dera amar um dia,
Ter amor, ter afeição,
Ser escrava, dar a vida
Por um terno coração.

Se eu tivesse um peito amigo
Que me d'esse um tal amor....
Eu então, igual affecto
Em seu peito ia depôr.

O canto sessou, e Fernando continuando a sorrir-se, exclamou:

—Vá, sejamos tambem poeta.

E principiando de novo a caminhar, foi cantando esta resposta áquellas duas quadras:

Se tu queres, amor, ó bella,
Amor te dou, amor bem puro;
Se tu juras ser só minha,
Será bello o meu futuro.

Não te esquivas, não me negues,
Esse amor, almo prazer,
Dá-me vida; n'este mundo
Sem amor não ha viver.

A Roza do Adro, pois era ella, que, segundo o seu costume trabalhava á janella alegrando sempre os ares com os seus cantos, ao ouvir resposta tão adequada e cantada por voz para ella desconhecida, debruçou-se um pouco sobre o peitoril da janella, e ao avistar Fernando que caminhava alegremente para aquelle sitio, soltou uma desenvolta gargalhada, exclamando ao mesmo tempo:

—O snr. Fernandinho.... ora esta!....

—Eu mesmo, minha flôr; pensas que só tu sabes cousas bonitas?

Fernando chegára em frente da janella sobre a qual se debruçava a alegre rapariga, e levando graciosamente a mão á aba do seu chapeu, continuou:

—Boas tardes, Roza.

—Salve-o Deus, snr. Fernandinho — respondeu ella.

—Então que tal achas as minhas cantigas?

—Oh, muito lindas, muito lindas; estava quasi capaz de o rogar para cantar comigo na primeira esfolhada que por cá houvesse.

—E eu que estou prompto a acceitar com o maior gosto um tal pedido.

—Pois na verdade atrever-se-ia em publico a....

—E porque não?

—Ainda assim Deus me defendesse de tal; estava bem aviada se eu fosse cantar comsigo ao desafio... o snr. Fernandinho, que tanto sabe... eu decididamente ficava mal.

—Pois sim, sim, seja lá o que tu quizeres; mas vamos a outra cousa: estás pelo contracto?

—Qual contracto?

—O das cantigas que ha pouco trocamos?

Roza, a esta repentina resposta, estremeceu involuntariamente e um leve rubor lhe coloriu as faces; depois encarando Fernando com um olhar seductor, exclamou com esse ar de franqueza tão caracteristico, ás vezes, nas filhas do povo:

—A' fé de quem sou, lhe juro, Fernandinho, que se o senhor fosse cá da minha ugalha, acceitava....

—Então tu gostas de mim, Roza?

—O senhor nunca me deu motivos para o contrario—respondeu a moça baixando modestamente os olhos, como se aquella resposta a embaraçasse.

—Pois ouve, Roza, eu morro por ti!... se soubesses a impressão que recebi hontem quando te vi...

A seductora rapariga, a estas palavras, sentiu faltar-lhe completamente essa audacia que até ali nunca a tinha abandonado em momentos criticos como aquelle; deixou pender a cabeça para o peito e exclamou tristemente:

—E de que valle isso, Fernandinho? o senhor só deve gostar d'aquellas que, pelos seus haveres e pelas suas qualidades se lhe possam pôr a par.

—Louca—respondeu o moço em tom apaixonado

—e pensas tu que o amor seja tão mesquinho para olhar para essas pequenas vaidades do mundo?

—Não fallemos mais n'isso—atallrou a bella rapariga perturbando-se—diga-me, vá para a caça, não é verdade?

—Vou, sim—repondeu Fernando, com mau humor, por ver fugir-lhe occasião tão azada para satisfazer o motivo principal da sua visita.

—Então, não se esqueça de presentear-me com uma peça da sua caçada, não?

—Pois sim; não me esquecerei do teu pedido, e adeus, até á volta.

—Vá na paz do Senhor, Fernandinho.

O moço retirou-se, vendo que aquella occasião era pouco propria para declarar francamente á sua, já querida Roza, as sensações que tinha experimentado desde o momento em que a tinha visto tão bella e seductora.

A joven aldeã, sem ter bem a consciencia do que fazia, logo que Fernando partiu, debruçou-se maquinalmente sobre o peitoril da janella, e seguiu-o com o olhar até o vêr desaparecer na volta de um caminho; depois retirou-se, e como se a presença d'aquelle homem lhe tivesse suggerido um qualquer pensamento, ficou por instantes tristemente abstrahida.

Um observador attento que tivesse analysado por um momento os differentes movimentos d'aquelle rosto ainda ha pouco tão alegre e despreoccupado, vel-o-ia umas vezes illuminar-se com um sorriso angelico, ou

tras obscurecer-se com um gesto de funda tristeza, ora tingir-se com a côr das rozas, ora assombrar-se com a pallidez do lirio.

Como o rosto é o mais verdadeiro objectivo da alma, é inegavel que no intimo do coração d'aquella rapariga se passava alguma cousa de extraordinario e de desconhecido para ella.

Effectivamente, aquellas poucas palavras que Fernando proferira, mas que exprimiam já muito, tinham impressionado a estouvada rapariga; sentia ella, pela primeira vez na sua vida, arrastar-se pelo magnetismo d'essas doces expressões, e no intimo d'alma perguntava-se a si propria se aquelle mau estar do espirito crá o começo d'esses sentimentos a que chamavam amor.

A resposta era um estremecimento do coração, um d'esses estremecimentos que dizem mil venturas e mil pezares, e Roza, em cujo peito pulsava um coração virgem mas capaz de uma grandiosa affeição, principiava a entregar-se a ella quasi ás cegas, antevendo já uma serie de felicidades.

A Roza do Adro, finalmente, principiava a sentir os symptomas de uma d'essas paixões extraordinarias que nos levam muitas vezes á loucura e á morte quando não são correspondidas como effectivamente o merecem.

Passou o resto d'aquella tarde toda entregue aos seus pensamentos, e ao escurecer, como de costume, deixou o trabalho e veio encostar-se á umbreira da porta.

Pela primeira vez na sua vida, Roza sentiu n'aquelle momento apartar-se-lhe o espirito de todas as sensações terrenas, e elevar-se ás infindas regiões do edealismo.

Fitava os seus bellos olhos no céo, e parecia querer penetrar com a vista os arcanos d'aquelle mundo mysterioso; e em cada nuvem que esvoaçava nos ares, e em cada estrella que mal começava a fulgir, dir-se-hia tentar ler uma palavra que soasse sonorosamente á sua alma, uma revelação que esclarecesse as trevas em que se achava envolvido o seu coração.

Permaneceu assim esquecida por longo tempo, deixando embriagar-se pelas doçuras d'aquelle delicioso extasis, quando um pequeno incidente veio arrancal-a subitamente d'aquella especie de marasmo para lhe fazer voltar o pensamento para o objecto real das suas sensações.

Sentira ao longe o latir de alguns cães, e uma voz alegre que cantava uma toada que ella nunca ouvira a nenhum dos pastores das suas vizinhanças.

Por certo aquella voz era a de algum desconhecido e o desconhecido não podia ser outro senão Fernando, que a essa hora devia voltar da caça.

Este pensamento fel-a estremecer de secreta alegria e de viva anciedade.

Alongou a vista pelo caminho de onde parecia partir aquella voz, e forcejando por penetrar as sombras em que estava envolvido, esperou com angustia a chegada d'aquelle que se lhe tornava já tão querido.

Passados poucos momentos, Roza distinguu um

valto que se encaminhava para o sitio em que ella estava, e reconheceu Fernando.

Subiu então de ponto a sua commoção. O corpo estremecia-lhe a cada momento, e o coração batia-lhe apressado no peito; quiz retirar-se para dentro de casa para occultar aos olhos de Fernando o segredo de sua alma, que bem claro se patenteava nas convulções do rosto, mas não o pôde fazer; uma força occulta parecia tel-a pregado n'aquelle logar.

Abandonou-se então ao acaso; forcejou por dominar as palpitações do coração, compoz-se um ar de indifferença, e esperou.

Fernando, passados alguns minutos, acercou-se d'ella, e com um malicioso sorriso de esperançado triumpho, exclamou.

—Boas noutes, minha Roza.

—Boas noutes, snr. Fernandinho—respondeu com a voz ainda mal segura.

—Esperavas ha muito por mim, não é verdade?—continuou o moço com intenção.

Esta pergunta que n'outra qualquer occasião não teria produzido na travessa rapariga o menor effeito, n'aquella, porém, quasi que a deixou petrificada de espanto, por vêr que o segredo mais intimo do seu coração fôra talvez adivinhado.

Pois que queriam dizer aquellas palavras, senão, que Roza, esperando por Fernando, lhe dava n'isso já a primeira prova de interesse e de amor?

Este pequeno argumento, que como uma sombra lhe passou rapido pela mente, teve-a, por um momento,

quasi trahida. Conteve-se, porém, e fazendo ainda um esforço para se dominar, respondeu com mal disfarçada indiferença:

—Eu não o esperava, snr. Fernandinho.

—Não me esperavas?!—retorquiu o moço—então que fazias aqui ainda a esta hora?

—Bem se vê que o senhor está pouco ao facto dos nossos costumes, ou pelo menos dos meus.

—Não te comprehendo...

—Eu lhe explico: nós outras, as raparigas que trabalhamos em casa, costumamos deixar o trabalho logo que se põe o sol, e vimos depois descansar um pouco, passando o tempo á porta; as que teem conversados esperam por elles e entreteem-se um pouco a fallar-lhes; as que os não teem divertem-se com as raparigas amigas das vizinhanças.

—Visto isso, tu que não estás a divertir-te com as tuas companheiras, esperas de certo pelo teu conversado, não é sim?—e Fernando proferiu estas ultimas palavras dando á voz uma inflexão de tristeza.

—Oh, meu Deos—respondeu Roza com a voz magoada—pois eu já não lhe disse que não tinha conversado algum?

—Juras-me isso, Roza?—exclamou Fernando com exaltação.

—Que loucura!... pois que necessidade tinha eu de mentir-lhe?

—Bem, fico satisfeito; agora cumpre-me satisfazer o teu pedido; aqui tens esta gallinhola; foi a unica peça de caça que pude hoje matar.

—Ora esta!... pois o Fernandinho tomou a serio o meu pedido?

—E porque não?

—Mas aquillo em mim foi uma simples brincadeira.

—Fosse o que fosse; acceitas ou não?

—Acceito para não o desgostar.

—Ora ainda bem; estava a vêr se depois de tanto trabalho...

—Então não havia caça? esforçou-se muito só para me obsequiar?

—Caça havia até de mais; mas é que eu hoje estava de todo; não sei se deva attribuir isso á falta d'exercicio se a outro qualquer motivo; o que é certo é que todos os tiros me falhavam, e se não fosse o teu pedido, Roza, juro-te que tinha pegado em espingarda e polvora e atirado tudo para o inferno.

—Não sei como pagar-lhe tantos sacrificios, snr. Fernandinho.

—E' bem facil satisfazeres o teu desejo; devéras queres recompensar-me?

—De certo, mas infelizmente não vejo com quê.

—Vejo eu...

—Oh! então pessa; se fôr cousa que eu possa fazer-lhe...

—Olha, Roza, dá-me o teu coração, a tua vida, e eu ficarei bem recompensado—exclamou o moço em tom apaixonado.

—Não brinque com essas cousas—respondeu a rapariga tristemente.

—Juro que te fallo serio; — continuou Fernando com exaltação—finalmente, é preciso que nos deixemos de embustes e rodeios e que fallemos com franqueza; Roza, eu amo-te: amo-te como nunca amei n'este mundo, e se queres ver-me feliz, se queres...

N'este momento a voz rouca da avó de Roza, chamando por esta, veio evitar a confissão ardente e apaixonada de Fernando.

A'quella voz, a leviana rapariga, que se sentia dominar pouco a pouco pelas apaixonadas palavras de Fernando, e que de certo iriam por fim arrancarlhe do peito essa confissão secreta do seu amor, que ella tanto forcejava por occultar, pareceu respirar livremente como se se visse alliviada de um grande pezo, e sem attender a mais nada, exclamou com a voz ainda tremula pelas sensações porque acabava de passar:

—Adeus, snr. Fernandinho, não posso demorar-me mais; minha avósinha chama-me. — E retirou-se apressadamente, deixando o moço como petrificado.

—Adeus Roza—respondeu elle apenas, e ficou por alguns momentos com o olhar pregado na porta por onde vira sumir-se aquella figura angelica, aquelle conjunto de graças que desde o dia antecedente lhe trazia a cabeça tresvairada, retirando-se a final triste e pezaroso por ver fugir-lhe ainda outra vez, occasião tão feliz para os desabafos de sua alma apaixonada.

Pela sua parte, Roza, passára o resto d'aquella noite toda entregue a longas cogitações sobre os successos que se tinham dado.

Sentia-se devéras subjugada pelas palavras d'aquelle moço, em tudo differente de todos quantos até alli tinha conhecido. Nunca alguém lhe dissera cousas tão agradaveis e seductoras, nunca vira maneiras tão sympathicas e delicadas, e sobre tudo nas aldeias circumvisinhas não havia rapaz mais esbelto e bem figurado do que Fernando.

Embalada por estes doces pensamentos, a pobre rapariga sentia de momento a momento crescer em seu peito esse fogo intenso que tão repentinamente se lhe ateara no coração, e abandonava-se cegamente ás fagueiras illusões d'esse amor purissimo, entrevendo n'elle um futuro de felicidades inconcebíveis.

Uma sombra negra, vinha porém ás vezes obscurecer-lhe o fulgor dos seus pensamentos.

Media a distancia que a separava de Fernando, tanto pelos dotes de fortuna como pelos physicos, cria-se a mais humilde de todas as mulheres, via-se então indigna do seu amor, e formava na mente mil projectos desesperados, persuadindo-se de que Fernando nunca lhe teria verdadeira affeição.

Em presença d'estas ideias que a torturavam, forcejava então por combater os sentimentos que se tinham apossado do seu coração, procurava enganar-se a si propria, e a final, como reconhecesse a impossibilidade de renunciar para sempre a esse amor já tão arreigado, protestava com tudo occultal-o aos olhos de Fernando, fugindo sempre a qualquer occasião imprevisita em que podésse trahir-se.

A final, fatigada por aquelle combate contínuo de ideias, adormeceu com o firme proposito de levar a effeito todos os seus premeditados projectos.

Pela manhã, logo que se levantou, dirigiu-se ao seu pequeno quintal, sentou-se em um banco de madeira que havia ahi, e pareceu respirar por alguns momentos, com sofreguidão, as perfumadas brisas que embalsamavam o espaço.

Depois de alguns minutos de apparente insensibilidade, levantou-se repentinamente, e como cedendo a uma ideia fixa e tenaz, encaminhou-se para o seu pequeno alegrete, colheu uma duzia das flores mais bellas que n'elle havia, com as quaes compoz um lindo e odorifero ramilhete, e dirijindo-se com elle para o logar onde costumava permanecer durante o dia, principiou a trabalhar, tendo comtudo, ou por habito, ou por curiosidade, o cuidado de olhar algumas vezes para o caminho por onde Fernando viera no dia antecedente.

N'aquella manhã, porém, o moço não voltára.

Depois de jantar, Roza regressou para o seu posto, e desde então pareceu amiudar mais as demonstrações de curiosidade.

Passado algum tempo a moça estremeceu, e o rosto, que por um momento se lhe alegrára, tornou-se subitamente pallido e anciado.

Ouvira o latir dos cães e uma voz para ella já conhecida.

Momentos depois, Fernando parava em frente da janella onde estava a moça, e levava graciosamente

a mão ao seu largo chapéu, acompanhando este movimento com as palavras:

—Boas tardes, branca Roza....

—Deus lhe dê as mesmas, snr. Fernandinho— respondeu ella ainda um pouco commovida.

—Tua avó, ralhou-te hontem á noute por minha causa?—continuou elle.

—Nada, snr. Fernandinho; não me disse a mais minima cousa e até me parece que não soube que o senhor esteve aqui.

—Ainda bem; ser-me-ia de bastante pezar, se soffresses o mais leve desgosto por minha causa.

—Olhe, snr. Fernandinho, tenho aqui uma cousa para lhe dar; é a paga do seu presente de hontem; uma recompensa bem insignificante, não é verdade?.... mas eu não tenho outra melhor—e dizendo isto entregou ao mancebo o ramilhete que pela manhã tinha colhido. Fernando olhou-o por um momento, levou-o aos labios e exclamou:

—E' muito lindo este ramo, e estimo-o por vir das tuas mãos. ah, mas ainda assim, não é com flôres que se pagam paixões!

A moça còrou levemente, mas fingindo não perceber bem o sentido d'aquellas palavras, encaminhou a conversação para assumptos estranhos.

Depois de uma curta conversação, Fernando retirou-se, continuando o seu passeio.

Ao fim da tarde, quando voltava, notou com desgosto que a janella da casa estava fechada, e que Roza

não se achava, como na tarde antecedente, encostada á soleira da porta.

Esperou ainda alguns minutos, mas como ella não apparecesse, retirou-se bastante magoado, descrendo quasi das esperanças que tinha nutrido a respeito do amor da rapariga.

V

Decorreram seis ou sete dias depois dos successos que deixamos narrados.

Durante esse espaço de tempo nada se passou de notavel, a não ser o completo silencio que ambos os jovens se tinham guardado sobre os sentimentos de suas almas.

Roza, desde a ultima tarde em que Fernando lhe patenteára o seu amor, evitava qualquer occasião de se achar assós com elle, e fugia arteiramente á mais simples declaração que porventura, tentava dirigir-lhe.

Nunca mais fôra encostar-se, ao fim da tarde, á umbreira da sua porta, e de tarde, quando o esbelto caçador passava alguns minutos defronte da sua janella, a conversação era sempre fria e desinteressante. Quem os tivesse observado n'alguns d'esses curtos

dialogos, diria que entre um e outro não existia a menor afeição.

E comtudo, Roza, apesar da sua simulada indifference, amava Fernando, e amava-o com um amor excessivo e até louco! E a prova mais patente d'esse amor, era que a pobre rapariga, desde muito, vivia triste e pensativa, como se qualquer pezar desconhecido lhe trouxesse enlutado o coração.

A sua voz alegre e sonora já não eccoava tantas vezes na immensidão d'aquelles prados; e se por um momento esse canto ainda se faiza ouvir, era sempre monotono, triste, e repassado de amargura. O sorriso dos labios e a alegria que transpirava em todos os seus movimentos, mudara-se em dolorosa languidez e inacção.

A Fernando, porém, não passára desaperecebida aquella repentina mudança, e como perfeito conhecedor do coração feminino, chegára quasi a convencer-se de que Roza effectivamente o amava em extremo, mas que por motivos que elle ainda não podéra alcançar, procurava occultar-lhe esse amor a custo dos maiores sacrificios.

Em vista d'isto, o moço não desesperou jámais do seu intento, e agora mais do que nunca, procurava occasião opportuna de poder arrancar-lhe do peito esse segredo que ella tanto se obstinava em confessar.

A occasião desejada chegou a final.

Uma tarde, Roza, ou por accaso, ou porque effectivamente sentisse a necessidade de desabafar as angustias do seu coração, aproveitára-se da sahida

de sua avó, que fôra a casa de uma vizinha doente, e viêra, como antigamente, sentar-se, depois de terminado o trabalho, na soleira da sua porta, esperando d'esta vez, com viva anciedade, a chegada de Fernando.

Este não se fez esperar por muito tempo, e apesar da escuridão já crescente da noute, Roza pôde distinguil-o ao longe, por entre as sombras que entenebreciam o caminho.

E' escusado descrever os receios, as alegrias, e os estremecimentos de coração da pobre rapariga ao lembrar-se do que iria passar-se n'aquella entrevista, cujo fim seria talvez ou a sua desventura perpetua, ou o começo de uma serie de felicidades e enlevos que a fariam enlouquecer de prazer, visto estar já tão arroigado em seu coração o amor que sentia por Fernando.

Passados momentos o gentil caçador aproximava-se da habitação, e ao dár com os olhos na leviana rapariga, não pôde calar no peito um grito de secreta alegria.

—Bravo—exclamou, correndo para ella—até que enfim pude pilhar-te, minha esquiva andorinha.

Rosa, que percebeu a intenção d'aquellas ultimas palavras, procurou ainda encubrir e salvar a fraqueza do passo que tinha dado, e respondeu com simulada indifferença:

—Não sei de onde provenha essa sua admiração, Fernandinho; como minha avó sabiu ha pouco para casa de uma vizinha que está bastante mal, não pude estar lá dentro só, e vim para aqui em quanto ella não chega.

—Pois tu estás só, minha Roza?!...—continuou Fernando com alegria — oh felicidade das felicidades!...

—Jesus, snr. Fernandinho—atalhou ella com dissimulação—parece que enlouqueceu! não vejo motivos para tanta expansão.

—Cala-te, Rosa; tu não sabes que desde a ultima tarde que estivemos n'este mesmo lugar, tenho debalde procurado encontrar-te outra vez sem isso me ter sido possível?

—Mas eu não comprehendo ainda para que....

—Roza—perseguiu o moço com seriedade—deixemo-nos de mais rodeios; os momentos são-nos preciosos, e antes que tua avó venha, como da outra vez, roubar-me a preciosidade d'estes poucos instantes, é preciso que nos declaremos.

A moça não respondeu; sentia-se mais que nunca suffocada por esses anceios do coração que só experimentam aquelles que verdadeiramente amam, e apesar dos esforços que fazia para dominar a sua angustia, via-se pouco a pouco na impossibilidade de occultar por mais tempo esse segredo d'alma, essa paixão immensa que lhe roía o coração de instante a instante.

Fernando, que percebera de um relance a causa d'aquelle silencio, pareceu ganhar então novas forças, e dando á voz uma expressão de ternura, continuou:

—Vamos, minha Roza; terminemos com isto; nada de fingimentos; aqui, n'este mesmo lugar, não ha muito que te declarei francamente quaes eram os senti-

mentos do meu pobre coração; disse que te amava, que foste tu a primeira mulher que me fizeste estremecer de amor e que a retribuição d'esse sentimento, da tua parte, seria para mim a extrema felicidade; todas essas declarações, todos esses protestos, t'os faço ainda n'este momento. Roza, por quem és, tira-me esta horrivel incerteza; um unico gesto, uma só palavra tua, e ficarei satisfeito; não prolongues por mais tempo este horrivel martyrio, que me mata.

E o moço callou-se, esperando que Roza, vencida finalmente por aquellas palavras, lhe respondesse; ella porém continuava a conservar-se muda, com a cabeça pendida para o ceio, como querendo occultar a anciedade que se lhe patenteava em todos os gestos.

—Então—atreveu-se ainda o moço com acento resignado—nada me respondes, Roza? não serei digno de um só palavra?

—Snr. Fernandinho....—exclamou ella a final, tentando ainda occultar a sua agitação.

—Ora vamos, minha querida filha, sê franca; não faças tão desesperados esforços para me occultares o teu amor; de que te valle isso? torturas-te, e torturas-me; olha minha louca, eu sei que tu amas-me, sei que tambem entrou em teu coração esse sentimento sublime e terno; sei que.....

—Meu Deus—interrompeu Roza—quem lhe disse tanto?.....

—Ninguem, louquinha, ninguem, adivinhei-o eu!...

—Adivinhou-o!...

—Sim, e admiras-te d'isso? Ora dize-me, porque é que já não cantas como d'antes, e porque quando isso succede a tua voz é sempre repassada de tristeza e amargura? porque vives tão recolhida e taciturna? porque fojes de mim e evitas todas as minhas phrasas de amor?...

Decorreram alguns minutos de profundo silencio; a final, Roza, como se acabasse de tomar uma resolução desesperada, levantou a cabeça com impetuosidade, pregou um olhar ardente nas faces do moço, e exclamou com a voz ainda mal segura:

—Pois bem, Fernandinho: tudo isso é verdade, e seria loucura negal-o; o senhor diz que me tem amor, que a sua felicidade depende de mim; pois ouça: eu tambem o amo, tambem sinto no coração um não sei quê que não posso explicar, um sentimento que me impelle irresistivelmente para si desde o momento que declarou ter-me um amor cego; tentei desviar de mim, o mais possivel, essa affeição que senti pelo senhor; fiz os mais inauditos esforços para lhe occultar o que se passava em meu peito, fugi-lhe emquanto pude e estava resolvida, por fim, a morrer com o meu segredo; a final, como fraca que sou, deixei-me vencer, e amo-o!.... agora, que da minha propria bocca ouviu esta scincera confissão, não me escarneça; perdoe-me..... eu sou uma desgraçada...—e não pôde continuar; uma torrente de lagrimas abafou-lhe a voz.

Fernando, delirante de felicidade, pegou-lhe nas mãos que cobriu de beijos e continuou com exaltação:

—Ah minha querida Roza, eu escarnecer-te, eu

perdoar-te, de quê? Vamos, socega; para que tantas lagrimas e tantas angustias?... Ora dize-me, porque é que tanto forcejavas em occultar-me o teu amor? Acaso duvidarás de mim?

—Ouçã, Fernandinho:—respondeu a moça com os olhos ainda marejados de lagrimas—eu sou uma pobre rapariga, que tenho apenas, por unicos bens de fortuna, os meus braços; vivo do meu trabalho, e faltando-me elle tornar-me-hei talvez tão desgraçada que morrerei á mingua, porque á minha querida avó já lhe faltam as forças com que me poderia ajudar no grangeio do pão quotidiano. O snr. Fernandinho, muito ao contrário, é rico, é o morgado de uma casa que Deus benificiou com avultados haveres, e d'esta fôrma que poderei eu esperar do senhor? Diz que me ama, que me tem uma amizade sincera, mas a final de que vale isso, se d'aqui a pouco me abandonará, para dar o seu coração e talvez até o seu nome a outra mais digna do que eu?

«E' este o motivo principal porque tentei sempre apartar de mim o seu amor, e que me obrigou a occultar-lhe até hoje o segredo mais intimo da minha alma; por fim, como vê, não pude ser superior a mim propria; fui fraca de mais para poder vencer-me os impulsos do coração, e confessei-lhe tudo. Conheço que sou indigna do seu amor; vejo até que commetti uma grande imprudencia em o amar, porque é grande a distancia que nos separa, mas a culpada, ainda assim, não fui eu.... oh perdoe-me, porque eu sou uma insensata.....

—Calla-te louquinha—atalhou Fernando—porque não sabes o que dizes; pois que fizeste tu para me pedires perdão? não duvides sequer um momento da pureza dos meus affectos; não te arrependas d'esse amor que me devotaste, porque todas as tuas duvidas e supposições me mortificam e me desesperaím. Dizes que não és digna dos meus affectos, que és pobre, e que um dia te trocarei por outra!.... como te enganas, minha pobre creança..... pois quem será mais digna de mim senão tu, a quem eu amo tão loucamente? que me importa que tu sejas pobre? acaso não me deu a Providencia o bastante para viver feliz? Olha, minha Roza, para mim, possues tu riquezas que não me seriam faceis de encontrar em outra. As tuas riquezas são eses olhos que roubaram a côr ao azul do céu, são esses cabellos d'ouro, são esses labios finos e nacarados que fazem inveja á mais bella roza, são essas faces aveludadas e frescas, são essas fórmãs divinaes, são finalmente os sentimentos d'esse teu coração sensível e virgem.

«Aparta pois de ti essas tristes apprehensões; ama-me desassombradamente e com todas as forças da tua alma, porque eu tambem te amo muito.»

A pobre moça, ouvira como extasiada aquella linguagem ainda desconhecida para ella, mas que tão direita lhe ia ao coração, e ao levantar o rosto purpureado para Fernando, exclamou com ar de descrença:

—Ah, snr. Fernandinho, prouvera a Deus que essas suas ultimas palavras fossem do coração.....

—Sempre a duvida, sempre duvida! — atalhou

Fernando com ar amargurado.— Não haverá um meio de te convencer de uma vez para sempre da pureza dos meus affectos e da verdade das minhas promessas?

—Perdõe-me, Fernandinho; mas ha felicidades tão immensas, ha venturas tão suppremas, que uma pobre rapariga como eu, quando chega a pensar n'ellas olha-as mais como um sonho do que como um factio que possa vir a realisar-se; é d'ahi que partem todas as minhas duvidas, todos os meus réccios.

—Pois aparta-os para bem longe de ti, minha Roza; e se queres uma prova bem convincente, pede-me o maior dos sacrificios, exige de mim o que quizeres, porque te obedecerei como um escravo; d'essa fôrma não te restará a mais pequena duvida do meu amor; amar-me-has sem receio, e convencer-te-has da realidade de todas essas felicidades e venturas que crês impossiveis. Roza, por quem és não dilaceres este meu pobre coração com a descrença e a duvida; jura que me amas, abre-me sem receio a tua alma, deixa-me ler n'ella os infaveis gosos que a dominam; dize-me querida filha, tu amas-me?... tu queres-me muito?...

Estas palavras, proferidas com uma suprema ternura acabaram de render a pobre moça, que entre anciosos soluços exclamou fóra de si:

—Se o amo, meu Deus!...se lhe quero!...amo-o sim; amo-o como nunca amei n'este mundo e quero-lhe mais que á minha propria vida! nunca senti os enlevos que n'este momento me extasiavam o coração. Como é bello o amor!... ah, meu Deus, parece-me

até que endoudeço!... diga-me Fernandinho, repita-me muitas vezes que me ama tambem, ainda que eu creio impossível que sinta no coração quanto eu sinto.....

E a desvairada moça, sem a consciencia do que fazia, deixou pender a cabeça sobre o peito de Fernando, occultando n'elle as lagrimas incessantes que lhe saltavam dos olhos.

O joven estudante, tambem louco de felicidade, comprimiu ao seu coração aquelle corpo flexivel e delicado, exclamando com voz que bem demonstrava os transportes que lhe iam n'alma.

—Agora, sim, meu anjo, agora vejo quanto amor ha n'esse teu peito... já não me resta a mais pequena duvida... sei que me amas e é isso o sufficiente para eu entrever um futuro de felicidades e santos enlevos que de ha muito anhelava.... Roza, filha da minha alma, lavanta esse rosto, deixa-me admirar bem de perto todos os encantos que o adornam... Como és linda, meu anjo!.... como te dizem bem essas lagrimas no aveludado das faces!... e ainda dizes que não és digna do meu amor!... pobre louca... pois quem ha ahi no mundo que possa resistir a tantas graças, e que não fique louco de amores por ti ao contemplar-te!...

E proferindo estas palavras, o apaixonado moço erguia entre as suas mãos a cabeça da vencida moça, e enlevado em muda contemplação, ora lhe limpava as lagrimas que se deslisavam dos olhos languidamente amortecidos, ora lhe ameigava o rosto, ora lhe ane-

deava os louros cabellos que em desalinhadas tranças lhe cahiam sobre os hombros.

Roza, como esquecida e como transportada pelas visões de um sonho, abandonava-se cegamente a todas aquellas caricias sem proferir a mais minima palavra, sem dar o mais pequeno signal de enfado ou de repugnancia, e os seus bellos olhos n'aquelle momento de uma expressão encantadora, fitavam-se com ternura no rosto do mancebo.

Depois de alguns minutos passados n'aquelles ternos enlevos, Fernando interrompeu o silencio com estas palavras:

—Vamos, minha Roza, socega, basta de lagrimas; falla-me do teu amor, dos transportes da tua alma, do nosso futuro de rozas, de tudo finalmente que diga respeito ás venturas que hoje principiamos a gozar; dize-me, meu anjo, consideras-te agora verdadeiramente feliz?

—Oh, sim, muito!—respondeu a moça um pouco mais socegada—parece que uma nova existencia nasceu para mim; diga-me muitas vezes que me ama, repita-me a todos os instantes essa palavra magica que me faz estremecer de alegria o coração; o Fernandinho ama-me muito não é verdade?

—Amo-te, sim louquinha, amo-te o quanto é possível amar-se na terra.

—E não quererá nunca outra mulher para sua esposa, não foi o que me disse?

—Sim, sim, és tu a unica que será capaz de me fazer verdadeiramente ditoso.

—Como havemos de ser tão felizes!... Depois de unidos para sempre.... olhe, Fernandinho, ha de depois estar sempre junto a mim, repetindo a todos os momentos que me quer muito, que não vê outra mulher senão a mim, e que sou para si a mais bella de quantas ha, sim?... Como seremos ditosos, meu Deus!...

—E' isso exactamente o que ha de succeder; imagina que delicioso porvir nos aguarda!...

—Ah, Fernandinho, e se o senhor um dia se aborrecesse de mim?—interrompeu ella subitamente.

—Eu aborrecer-te!... Acaso enlouqueceste, Rozza?—atalhou o enamorado moço em tom um pouco serio.

—Ah, Santa Virgem, se tal succedesse, parece-me que morreria de pezar: dizem que os homens são tão ingratos...

E como se aquelle triste pensamento lhe magoasse fundamente o coração, as lagrimas principiam de novo a saltar-lhe dos olhos e o peito a arfar-lhe de angustia.

Fernando, commovido, fóra de si, apertou-a com delirio entre os braços, e n'um d'esses momentos em que o amor venda os olhos do decoro e do respeito para só obedecer a essa attracção natural, imprimiu-lhe nos labios um beijo!...

O primeiro beijo, ardente, distillado da força d'esse sentimento a que se chama paixão!.....

.....

Ao sentir roçar pelas suas faces aquelles labios, Roza estremeceu toda como se tivesse recebido um choque electrico. Desprendeuse subitamente dos braços que a cingiam, e encarando o moço com um olhar brilhante e cheio de dignidade, exclamou com voz mal segura:

—Fernandinho, parece que abusa demasiadamente da minha fraqueza; vejo que a continuação da minha presença n'este logar póde ser-me bem fatal.... a noute já vae alta, minha avó não poderá tardar e por isso é melhor separarmos-nos....

Fernando, que comprehendeu logo o verdadeiro sentido d'aquellas palavras, accusou-se secretamente da cegueira de que se possuira e da falta que acabava de commetter, e exclamou como arrependido:

—Perdão, Roza, perdão; sei a falta que commetti.... não pude ser superior aos impulsos do coração, mas apesar d'isso nada temas... esse beijo que te dei será o juramento fiel do meu amor; vamos, não te retires assim despeitada; diz que me perdôas, jura ainda que me amas e não me queiras deixar ir com o desespero no coração; Roza, perdôa-me.

—Não tenho de que perdoar-lhe, Fernandinho; a culpada fui eu—respondeu ella commovida. — O que eu temia era que o senhor se esquecesse dos seus deveres....

—Nada tinhas a temer de mim, Roza; amo-te muito para que ousasse.... mas dize-me, não afrouxou por isso o amor que disseste ter-me, não é verdade?

—Oh, não, não; este fogo que me abraza o peito só a morte o poderá extinguir, juro-lh'o.

—Obrigado, minha querida, obrigado; e agora que já não me resta a mais pequena duvida do teu amor, retiro-me, porque a noute effectivamente já vae bastante adiantada, e tua avó póde vir surprehender-nos. Antes porém de separar-nos, tenho a pedir-te uma cousa: de hoje em diante principia para nós uma nova epocha e por isso espero que não perderás um só momento de nos podermos encontrar a sós, para fallarmos sem receio do nosso amor e do nosso futuro; recommendo-te tambem que não te esqueças das tuas promessas um só momento.

—Descance, Fernandinho; era já impossivel deixar de o amar....

—Adeus, Roza, e até ámanhã.

—Adeus.

Os dous amantes apertaram-se ternamente as mãos, e Roza, apoderando-se instinctivamente de uma das de Fernando, levou-a aos labios, e talvez sem ter bem a consciencia do que fazia, imprimiu-lhe um beijo, murmurando:

—Que amor este, meu Deus!....

Depois, como arrependida ou envergonhada da sua fraqueza, fugiu para casa, em quanto que Fernando com passo vagaroso caminhava em direitura á sua habitação, com o pensamento suavemente preocupado pelas scenas que tinham occorrido.

Quem o seguisse passo a passo, ouviria n'um momento sahir de sua bocca estas palavras:

—Parece-me que a amo realmente!..... mas Deolinda....

Durante todo o tempo da entrevista dos dous jovens, alguém, uma só pessoa, tinha sido testemunha ocular de tudo quanto se passara entre elles, e ouvira de certo todo o colloquio.

Esse alguém era um homem, que, encoberto pelo tronco de um velho alamo que havia proximo da casa de Roza, e favorecido pela escuridão da noite, assistira immovel como uma estatua, e sustendo até a propria respiração, áquella scena d'amor, que faria a inveja de muitos entes desgraçados que ha por esse mundo, e que nunca conseguiram sequer apertar a branca mão do anjo dos seus sonhos.

Esse homem, logo que os dous amantes se retiraram, sahiu cautelosamente do seu esconderijo, encaminhou-se para defronte da porta da habitação, e postando-se alguns minutos em frente d'ella, estendeu os braços n'aquella direcção em ar de desespero ou ameaça, proferindo algumas palavras imperceptiveis, depois do quê se retirou com passos pouco firmes e a cabeça pendida para o peito, como subjugado por uma grande dôr.

VI

No dia seguinte, pouco depois do meio dia, parava defronte da janella de Roza um dos rapazes que mais assiduamente faziam a côrte á travessa rapariga, e a quem esta igualmente parecia ligar mais consideração que a nenhum outro.

Tinha elle cerca de 22 annos, era alto, bem proporcionado de fórmãs, feições sympathicas, e possuia além d'isso umas maneiras engraçadas e agradaveis.

Chamava-se Antonio, e era moço de um padre que habitava uma rica herdade não longe da egreja, ao serviço do qual estava desde creança.

Quanto ao seu character e costumes, eram os melhores possiveis. Alegre, franco, serviçal, de um comportamento irreprehensivel e inimigo de rixas, soubera elle por todos estes dotes conquistar a estima de todo o povo da freguezia.

No momento em que o vimos parado defronte da janella de Roza, dir-se-ia que um pezar occulto, um soffrimento qualquer lhe torturava a alma, a ajuizar pela pallidez do rosto e pela tristeza que lhe assombrava as feições.

A bella aldeã, com a face reclinada sobre a mão, tão abstrahida estava, que não dera pela chegada do rapaz, que com os olhos fitos n'ella parecia esperar com angustia o despertar d'aquelle embevecimento, não se atrevendo sequer a chamal-a.

Passados momentos, Roza levantou machinalmente a cabeça, e dando com Antonio, não pôde reprimir uma pequena exclamação de espanto, contrafazendo ao mesmo tempo o rosto com um leve sorriso.

—Estavas ahi, Antonio?—perguntou ella naturalmente.

—Cheguei mesmo agora, Roza—respondeu o moço com ar amargurado.

—Já me não lembra que te visse, rapaz; por onde tens andado?

—Por ahi....

—Talvez entretido com novos amores, não é verdade?

—Os meus amores....és tu só, Roza....—respondeu Antonio, baixando os olhos.

—Pois não o parece; d'antes ainda vinhas por aqui vezes a miudo....mas de um certo tempo a esta parte não ha quem te veja...

—Isso pouco te deve custar; ia até jurar, se tal

fosse preciso, que desejarias muito não me vères mais n'este lugar!...

—Tu enlouqueceste, Antonio!? Por acaso tenho eu deixado alguma vez de te demonstrar que sou tua amiga?!

—Sim, minha amiga..... mas infelizmente ha agora outro a quem melhor dispensas essa amizade.

—Estás enganado.... com tão bom modo fallo para ti como para outro qualquer....

—Não mintas, Roza!

—Então tu....

—Olha, Roza—atalhou o moço, fazendo um esforço —deixemos-nos de mais palavriado; tu a quem queres mais do que a ninguem é ao filho do *capitão*; ora ahí está a verdade.

—E o que ha n'isso de extraordinario?

—E que lhe tens já uma amizade cega — continuou Antonio sem attender áquella resposta.

—Mas o que ha n'isso de extraordinario, pergunto eu ainda outra vez? — exclamou a moça com mau modo.

Antonio, a estas palavras, sentiu-se estremecer repentinamente: cravou na rapariga um olhar que se poderia traduzir por odio ou desespero, olhar que ella supportou com o maior sangue-frio, e exclamou um pouco fóra de si:

—O que ha n'isso de extraordinario, perguntas tu? E' que eu só agora conheci o quanto me tens sido falsa!...

—Falsa, eu?—respondeu a moça, soltando uma

finia gargalhada.—Pois dar-se-ha caso que eu algum dia te declarasse essa amizade que tu imaginaste, para assim me fallares?

—Nada me disseste a tal respeito, é verdade, mas a maneira como sempre me trataste, a preferencia que me davas, é que me fez suppor. . . .

—Pois foi uma má supposição, meu Antonio; tive-te sempre em muita conta, é verdade, preferia-te sempre a outro qualquer, não o nego, mas tudo isso não passava de uma afeição ganha nos nossos primeiros annos.

—Visto isso, tenho andado illudido até hoje?—murmurou o pobre moço, esforçando-se por conter a sua commoção.

—Não que eu te illudisse, tu é que te illudiste.

—Tens razão, Roza, eu nunca deveria ter aspirado á tua estima; sou um pobre engeitado... não tenho sequer um palmo de terra... além d'isso não sei dizer d'essas palavrinhas doces com que se engodam coações. . . .

—Antonio!—exclamou a Roza do Adro, sentindo affluir-lhe o sangue ao rosto---não sei a quem te referes; desejava que te explicasses.

—Quero fallar d'esse peralta que por aqui costuma passar todas as tardes; antes d'elle vir lá do inferno, tu eras muito outra do que hoje és: fallavas para todos, com todos te rias, dançavas, cantavas e vinhas sempre alegrar as nossas festas com a tua presença; agora, porém, dá-se bem o contrario; foges de todos nós, já poucas vezes se ouve a tua voz alegre,

e passas horas e horas encostada á janella a olhar para a lua, como se visses n'ella o retrato do teu Fernando, que é todo o teu feitiço! . . . Estás servida, rapariga; fia-te nas suas lamurias, toma-lhe uma amizade cega e depois verás o pago que elle te dá. . . .

Roza não pôde ouvir mais; ferida no intimo do coração, ouvindo assim fallar d'aquelle que já lhe era tão caro, levantou-se impetuosamente, encarou o moço com um aspecto cheio de dignidade, e exclamou com voz dominada pela cólera.

—Nunca, nunca consentirei que na minha presença falles assim de uma pessoa a quem estimo; não tenho culpa das tuas tolices, e o mais que te tenho a dizer é que sou nova, solteira, e por isso posso entregar o meu coração, a minha alma até, a quem muito me aprouver; quanto a ti, não te faltam raparigas que te mereçam; eu é que jámais poderia ter-te amor!

Antonio ficou como petrificado ao ouvir aquellas palavras. Sabia que Roza já amava muito o seu rival, mas não tanto. A'quella resolução tão franca, tão clara, sentiu fugir-lhe a derradeira esperança; deixou pender a cabeça, sem sequer ter forças para fugir d'aquella mulher que lhe tinha talvez desde esse momento envenenado a existencia, e assim permaneceu por muito tempo, não se atrevendo a encarar aquelle rosto onde elle vira ha pouco os verdadeiros symptomas de uma paixão ardente.

Roza, passado o primeiro impeto, quasi se arrependeu amargamente do mal que tinha causado com a sua resposta precipitada, e teria de certo cedido aos

instinctos do seu bondoso coração, pedindo perdão ao atribulado moço, se não o visse repentinamente levantar para ella os olhos cheios de mágoa e entreabrir os labios para fallar.

Effectivamente Antonio, depois de travar comsigo uma lucta desesperada, procurou acalmar as angustias que lhe torturavam o coração, e em tom quasi supplicante exclamou:

—Perdão, Roza, se te offendi, porque não era esse o meu intento; deves convencer-te de que as minhas palavras não são mais do que um vivo reflexo dos bons sentimentos que nutro por ti; se eu não temesse uma desgraça... assalta-me um bem triste presentimento!...

—Presentimento?!... e de quê?—perguntou Roza com curiosidade.

—Não sei... mas diz-me o coração que Fernando nunca será digno do teu amor; é quasi impossivel que elle te ame como mereces!

—Como te enganas, meu Antonio; era preciso nunca o ter visto, nunca o ter ouvido, para assim pensar. Fernando ama-me puramente, e esse amor tornar-nos-ha a ambos completamente felizes; elle assim m'o jurou.

—Palavras vãs, cousas que se dizem, mas que se não sentem.... e mesmo que assim fosse, por muito que elle te ame, o seu amor não será mais sincero e desinteressado do que o meu; além d'isso elle é rico e aspirará tambem só a uma esposa que o seja igualmente. Quanto a ti, pobre Roza, o seu unico fim é perder-te.... e depois abandonar-te....

—Antonio! . . . —exclamou a moça, principiando de novo a agastar-se.

—Vamos, não te zangues; eu bem sei que estas verdades são amargas, e que soam mal a um coração apaixonado; mas por fim é isto o que com mais certeza te virá a succeder. Commigo já se não dariam esses casos, porque te quero pura e santamente; além d'isso as nossas sortes são quasi iguaes; tu és pobre e eu tambem o sou; a minha unica ambição, pois, era unir-me a ti, partilharmos juntos da nossa pobreza, mas vivermos, apezar d'isso, felizes, como felizes vivem os anjos no céu; mas tu não o entendeste assim. . . tens mais altas ambições, porque sabes o que vales. . . olha, minha Roza, acredita nas adocicadas palavras d'esse louro *valdevinos* e verás como elle te recompensará tanto amor! . . . prevejo-te um fim bem triste! . . .

—Basta—interrompen Roza, vermelha de colera —nem mais uma palavra; ouvi-te silenciosa, sim, mas com a raiva e o desespero no coração por tantas insolencias; vejo que o despeito e a vaidade é que te fazem assim fallar; mas que me importa isso? Acaso querer-mehas obrigar a deixar esse rapaz, em tudo muito differente de ti e de todos esses outros teus companheiros, incapazes de comprehender sequer a mais pequena pulsação de uma alma como esta que sinto palpar debaixo d'este seio? Pois bem, já que me fizeste fallar, ouve: nunca te amei, como talvez julgaste; dei-te sempre a preferencia a todos os outros rapazes, porque te tinha uma amizade de irmão, porque quasi fomos creados juntos, e tambem porque

possues dotes mais elevados que todos os teus compa-
nheiros; essa amizade, porém, é que nunca se tran-
sformou em amor, nem tal poderia succeder, porque...
Deus não o quiz; quanto a Fernando, amo-o como se
póde amar n'esta vida; quero-lhe mais que á minha
propria existencia, e este sentimento que nasceu tão
rapido no meu coração jámais poderá extinguir-se.
Poder-me-ha elle ser infiel e quebrar um dia os jura-
mentos que fez?... não o creio; Fernando tem uma
grande alma e seria incapaz do commetter uma tal
perversidade!... mas ainda assim, se elle um dia me
deixasse, não me deveria eu considerar bem feliz por
elle me ter amado sequer uma hora que fosse? Vês por-
táto qual é o meu proposito; amal-o-hei em quanto
a vida durar em meu coração; quanto a ti, já vês que
nunca te poderia amar, e por isso faz por perder essa
affeição que pareceste ganhar-me e trata-me como se
tratasses uma estranha.

—Ah! e foi elle que em um só momento me rou-
bou todas as minhas esperanças, toda a felicidade do
meu futuro.... Oh! amaldiçoado!....

—Não o arguas de nada, Antonio; se alguma
culpa ha, é ella toda minha; disse que me queria
muito, que só eu podia fazer a sua felicidade: ac-
creditei-o, aceitei-lhe os seus protestos e entreguei-lhe
o meu coração.

—D'essa fórma é forçoso perder qualquer espe-
rança que eu ainda podésse ter, não é verdade?

—Será escusado repetir o que já te disse.

Estas palavras foram para o pobre moço o ultimo

golpe; inclinou a cabeça para o peito, e occultou o rosto entre as mãos como se quizesse d'essa fórma esconder as angustias e o desespero que o torturavam. No meio d'esse estertor, brilhára-lhe nos olhos um fogo sinistro, terrível, ameaçador, como se no intimo d'alma fizesse um juramento de insaciavel vingança; de repente, porém, esse fogo extinguiu-se, e encarando Roza com um aspecto de amargurada resignação, murmurou tristemente:—Como sou desgraçado, meu Deus!—e duas lagrimas escoaram-se-lhe vagarosas pelas faces pallidas.

Roza pareceu commover-se, e cedendo aos impulsos da sua bella alma, aventurou-se a dizer:

—Então que é isso, Antonio? assim desesperas por um mal que já não tem cura? Olha, meu amigo, ha muitas raparigas na aldeia; escolhe uma de entre ellas, ama-a muito e verás como me esqueces e como serás feliz.

—Impossivel, Roza, impossivel! Acaso não sabes tu ainda o que é amar? Deves sabel-o, porque tambem amas. Só tu poderias fazer-me completamente feliz!... Esta entranhada affeição que te tenho não nasceu hontem nem ha dous dias; amo-te desde creança, desde aquelles dias felizes em que ambos iamos guardar o gado para o monte, passando ahi horas esquecidas em innocentes brinquedos, em enlevos infantis; como eramos felizes n'esses tempos!... A final tudo passa!... para mim, Roza, está tudo acabado; possas tu ao menos ser feliz e Deus permitta que nunca se realizem as minhas tristes predições.

Ao terminar estas palavras, Roza, que voltara um pouco o rosto para o lado direito de onde estava, soltou um pequeno grito de alegria.

Antonio tambem se voltou para o sitio que Roza fixava com attenção e sentiu-se empallidecer.

Ambos tinham visto Fernando, que, com a espingarda ao hombro e seguido de dous perdigueiros, se encaminhava para aquelle local.

—Ahi vem o snr. Fernando — disse Antonio a meia voz—por isso retiro-me; adeus, Roza.

—Não—atallhou esta—agora fica; não vá elle persuadir-se que evitaste a sua presença e dar isso motivo a supposições menos justas.

—Sim, tens razão; não queres comprometter-te; effectivamente podia persuadir-se que não era só elle que merecia as tuas boas graças.

E ambos esperaram anciosos a chegada de Fernando, Roza com a alegria nos olhos, e Antonio com um ar frio e indifferente que forcejára por simular.

Passados minutos o moço caçador acercava-se dos dous, e apesar de os saudar com ar prazenteiro, relanceou-lhes um olhar prescrutador e desconfiado, como se tentasse adivinhar na expressão das suas physionomias o que se passara antes da sua chegada.

—Perdão — disse Antonio com certa intenção — entretinha-me um pouco a gracejar com este papagaio que faz a alegria de nós todos; porém, como agora o snr. Fernando chegou, retiro-me para me não tornar importuno.

—Isso é graça, rapaz!—respondeu Fernando, pa-

recendo penetrar o verdadeiro sentido d'aquellas palavras.— Deixa-te estar, e á vontade; creio que tanto eu como tu e como outro qualquer tem direito a captar as boas graças da perola d'esta aldeia; quem ficar vencedor na contenda, que seja feliz, porque eu, pela minha parte, não me zango com isso.

—Tem razão, snr. Fernando; gosto de o ouvir assim fallar; mas do que deve estar certo é que eu nunca tal tentei nem tentarei e para prova ella que o diga; é certo que entre nós existia de ha muito uma certa amizade....

—Amizade?!....—interrompeu o moço, fitando o rosto impassivel e sereno de Roza.

—Sim, uma amizade livre de qualquer tenção.... uma amizade de irmãos, de crianças....

—E's já mais feliz do que eu, Antonio; as affeições que se ganham nos primeiros annos da nossa mocidade são sempre ardentes, sinceras....

—Engana-se, snr. Fernando; essas affeições duram só até uma certa idade, até ao dia em que se não conhece no mundo outro ente e até ao momento em que se não ouvem juramentos mais accreditaveis, mas menos sinceros que as simples declarações que se trocaram durante esses primeiros dias de innocentes enlevos. Muitas vezes, snr. Fernando, a mulher que acompanhamos nos primeiros alvares da vida e que nos parecia querer tanto, chega a detestar-nos, a aborrecer-nos do intimo d'alma, desde o momento em que uma nova affeição lhe nasceu no peito.

—Ao que parece, achas-te muito ferido d'esse mal,

não é verdade? Ora vamos, sê franco e explica-te mais claramente; parece-me vêr uma certa intenção nas tuas palavras. . . .

—Pois bem: quer que seja franco? Ahi vae tudo sem rodeios. O snr. Fernando é o namorado de Roza e ella ama-o tão cegamente que quasi chega a aborrecer todas as pessoas que d'antes lhe mereciam alguma consideração e confiança; eu conto-me no numero dos queixosos. O snr. Fernando procurou agradar-lhe e conseguiu-o: foi uma grande victoria e tão grande, que até hoje nenhum rapaz da aldeia a pôde alcançar; do que, porém, nunca me persuadi foi que o senhor chegasse a inspirar-lhe uma paixão tão ardente! . . . Tive ainda ha bem pouco uma boa prova do que affirmo, porque ella quasi chegou a mostrar-me desejos de nunca mais me fallar, a mim que até ha bem pouco tempo gosava de toda a sua estima e a quem ella dava toda a preferencia! Quer saber ainda mais? Eu fui tão louco que, em vista d'essas demonstrações, cheguei a accreditar que ella me amava e que se daria como eu por muito feliz, se um dia Deus juntasse os nossos destinos e as nossas almas! . . . Como me enganei! . . . Emfim não era eu o predestinado para tanta felicidade!

—Talvez te enganes, Antonio — respondeu Fernando, secretamente orgulhoso por aquellas palavras—sonda bem o coração de Roza, e talvez encontres n'elle um desmentido ás tuas supposições; as apparencias muitas vezes enganam.

—Oh, não me enganam estas! . . . O snr. Fernando

matou para o mundo o coração d'esta pobre criança e fechou-lhe até os sentimentos de amizade para todos nós. . . .

—Parece que a amas muito, não é verdade?

—Amei-a, sim; para que negal-o? Esta' afeição principiou quasi no berço.

—E já a não amas?

—Talvez não; quem sabe? Ha balsamos para todas as feridas; não haverá tambem um para esta que me dilacera a alma?

—Deves aborrecer-me bastante! . . .

—Não sei pelo quê.

—Por te ter roubado o coração, que julgaste já pertencer-te, se é que eu t'o roubei.

Estas palavras emmudeceram Antonio por alguns minutos, e n'esse tempo pareceu meditar a resposta que deveria dar. Ergueu a final a cabeça com impeto, cravou no seu interlocutor um olhar calmo mas expressivo e respondeu com exaltação:

—Não o aborreço; chegaria, porém, a odial-o de morte se....—e interrompeu-se para lançar um olhar de magoa para a pobre rapariga, que no meio d'este debate se conservara acabrunhada e receiosa, esperando com viva anciedade o final da contenda.

—Se?—interrogou Fernando com impaciencia.

—Se as suas intenções, snr. Fernando, fossem menos puras e se o seu amor fosse a causa da infelicidade d'este pobre anjo!

—Ah, se são esses os unicos motivos, então tenho

a certeza que terci em ti o meu melhor amigo, não é assim?

—Affiança-me isso?

—E porque não? Acaso duvidas que eu não seja capaz de fazer a felicidade d'esta rapariga?

—Duvido.

—Duvidas?! E porquê?

—Porque. . . . porque o senhor nunca lhe dará o nome de esposa.

—Cautella, Antonio; olha que me offendes com os teus loucos preconceitos.

—Offendo-o?! não o julgava.... E' verdade que ha cousas que custam sempre ouvir; receiou talvez que as minhas palavras fossem frustrar todos os seus planos; ah, socegue, tal não ha de succeder; Roza ama-o demasiadamente para que o seu amor se abale com estas minhas tolices, como talvez o senhor lhes chame.

—E' de mais; emprazo-te para que declares immediatamente o verdadeiro sentido das tuas palavras!—e dizendo isto, o moço sentia affluir-lhe todo o sangue ao rosto, principiando a experimentar a falta d'essa serenidade que conservára até alli.

Antonio, pelo contrario, conservava-se impassivel e sereno, brincando-lhe apenas nos labios um sorriso ironico e quasi provocador.

—Pois bem,—exclamou elle—já que assim o quer, sejamos francos. O snr. Fernando tem um unico ponto de vista n'este amor; conseguiu já parte d'elle, isto é, fazer-se amar ardentemente d'esta rapariga; foi o mais difficil; agora o resto, o mais facil, é abusar do seu

amor e da sua inexperiencia para a lançar no caminho da desgraça, roubando-lhe o mais precioso dote — a honra! — Está agora satisfeito?

A esta nova provocação Fernando perdeu completamente a paciencia.

— Infame! — exclamou elle encolerisado — vaes pagar com a vida os insultos que acabas de dirigir-me!

E recuando alguns passos, engatilhou e levou á cara a espingarda, que estava carregada, dispondo-se a disparal-a contra o seu rival, quando Roza, fóra de si, exclamou com voz supplicante:

— Fernando, por quem é, pelo nosso amor lhe pego que se contenha!

Estas palavras produziram no moço o effeito que era de esperar; deixou cahir os braços, olhou com indisivel ternura para Roza, e voltando-se em seguida para Antonio, que durante aquella scena se conservára immovel como uma estatua de marmore, não perdendo sequer um só momento o sangue frio que conservara, exclamou:

— Agradece a Roza o não estares a esta hora na eternidade; agora pego-te para que te retires immediatamente; a tua permanencia aqui poder-nos-hia ser a ambos bem fatal: vae, mas pervino-te que te livres de dirigir-me qualquer expressão como as que acabaste de proferir; é quanto basta.

— Retiro-me, snr. Fernando, — respondeu Antonio com accento grave — não porque tema as suas ameaças; a morte para mim, n'este momento, servir-me-hia de grande allivio; retiro-me, sim, porque não quero

aggravar mais este triste incidente e porque tambem temo exaltar-me. Pela ultima vez repito-lhe: «a desgraça de Roza será a sua morte»; nunca se esqueça d'estas palavras.

E saudando com um simples aceno de cabeça os dous amantes, retirou-se com passos vagarosos, mas firmes.

Fernando seguiu-o com a vista até o ver desaparecer ao longo do caminho; depois, voltando-se para Roza, exclamou com um sorriso forçado:

—Iria jurar que este pobre diabo endoudeceu, não te parece?

Roza nada respondeu, contentando-se só em dirigir ao seu interlocutor um olhar triste e afflictivo.

—Não me respondes?—continuou o moço, franzindo um pouco as sobrancelhas—Acaso darias credito ás sandices d'esse miseravel ralado de ciúmos e de despeito?

—Oh, não não, o acreditei—respondeu a moça. —Confio muito no seu amor, snr. Fernando, para que duvidasse sequer um momento....

—Ainda bem; mas diz-me: qual é a causa d'essa tua consternação?

—Nem eu mesmo a sei; esse pobre rapaz, antes do snr. Fernando chegar, já me tinha dito tanta coisa....

—Provavelmente tudo no theor do que acabou de me dizer, não é assim?

—E' verdade; conquanto as suas palavras não podessem operar em mim senão tedio e despeito, ainda

assim, algumas d'ellas impressionaram-me profundamente!...

—Imagino pouco mais ou menos o que elle te teria dito; mas dize-me ainda: antes de mim era elle o teu namorado?

—Não, snr. Fernando, nunca nos declaramos a mais leve afeição e no entanto eu tratava-o com mais deferencia do que a nenhum outro, e foi isso de certo o que o fez persuadir que eu lhe tinha um verdadeiro amor; enganou-se completamente.

—Agora uma pergunta: posso saber os motivos que se davam para essas provas de deferencia?

— Motivos muito simples; em primeiro logar porque, como o snr. Fernandinho sabe, fomos creados quasi juntos, e em segundo logar porque notei sempre n'elle alguma cousa que o distinguia de todos os outros rapazes da aldeia; tem uma certa intelligencia, um certo espirito e maneiras, que, a dizer a verdade, parece que não nascera para a vida rustica do campo.

—Tambem eu notei isso mesmo ainda ha pouco; não é vulgar encontrar aldeãos que se expressem como elle. Viveu algum tempo na cidade?

—Não, snr. Fernando, nunca sahio d'estes sitios. Este rapaz ficou, segundo dizem, orphão de pae e mãe de tenra idade; o snr. padre Francisco teve pena d'elle, levou-o para sua casa e deu-lhe uma boa educação, ensinando-o a lêr e escrever correctamente, tencionando até ordenal-o para padre; o rapaz, porém, começou desde logo a mostrar uma pro-

nunciada negação para tal ministerio e não cessava de lhe demonstrar o quanto mais lhe aprazia a vida do campo; o snr. padre Francisco fez-lhe por fim a vontade e teve-o sempre na sua companhia, tratando-o mais como um proximo parente do que como seu servente. Foi de então que dataram as nossas relações, porque, como o snr. padre Francisco estimava muito meus paes e a casa da escola era bastante distante d'estes sitios, admittira-me tambem como sua discipula, e assim fomos ambos educados as mesmo tempo. Depois, a familia da snr.^a baroneza, que habitou aqui muito tempo, acabou de nos aperfeiçoar, graças á amizade que nos tinha a ambos. A snr.^a baroneza tratava do pequeno Antonio, cultivando-lhe o espirito com largas conversações e leituras, e sua filha, a snr.^a D. Deolinda, encarregou-se de mim, ensinando-me a pronunciar bem as palavras, e a fazer alguns bordados, que eu nunca saberia se não fosse ella. Ainda me lembro muito bem do quanto ella se divertia commigo, quando forcejava para eu pronunciar bem algumas palavras que me custavam a dizer. Pobre menina! Depois que d'aqui sahju nunca mais tive noticias d'ella nem de sua mãe. Era tão minha amiga.... não queria morrer sem a tornar a ver. O snr. Fernando, como tem estado sempre no Porto, ha de tel-a visto muitas vezes; deve estar uma senhora....

—Tenho-a visto, tenho—atalhou Fernando, parecendo querer mudar de conversação.—Mas vamos ao que importa: tu nunca mais te lembrarás do que ha pouco disse esse tresloucado rapaz, não é verdade?

Parece-me que não esfriou com isso o amor que me tinhas.

—Oh, não, não; amo-o muito, muitissimo; o que eu temo é pelo snr. Fernandinho.

—Por mim, como?!

—Receio que a allucinação d'esse rapaz o leve a commetter algum attentado contra o senhor.

—Nada receies, minha boa Roza; eu me preveni contra qualquer ataque. E' verdade: tua avó está em casa?

—Está no quintal a trabalhar; foi uma providencia o ella não ter ouvido o que ha pouco se passou; é muito amiga do Antonio e se soubesse que eu lhe tinha causado algum desgosto. . . .

—E a meu respeito ainda não te disse cousa alguma?

—Nada absolutamente: persuade-se que estas nossas relações não são mais do que um mero passatempo.

—Ainda bem; agora, minha Roza, retiro-me e espero encontrar-te á noite quando voltar.

—Satisfazel-o-hei em tudo, porque o amo.

—Bem; então até logo.

E acercando-se da pequena mão que Roza lhe estendia da janella, apertou-a entre as suas, deu-lhe um ardente beijo e retirou-se.

IX

São decorridos perto de quinze dias depois das scenas que deixamos descriptas.

Durante este tempo nada se passou de notavel, a não ser os progressos que fazia de dia para dia o amor dos dous jovens.

Dir-se-hia que já não havia forças humanas capazes de separarem aquelles dous corações tão cheios de fogo e de enlevos.

Fernando não deixara um só dia de ir visitar a linda aldeã; além d'isso já não era só á porta da sua habitação e debaixo da janella que faziam as suas mutuas promessas.

Roza, pretextando ir a casa d'esta ou d'aquella amiga, avisava antecipadamente o seu Fernando, e por isso não era raro encontral-os ou no meio de um atalho mais escuso, atraz de uma sebe ou ainda sentados junto ao tronco de uma arvore, confiando um do outro as suas felicidades, receios e duvidas, que fazem

sempre o assumpto principal das conversações de dous amantes.

Estes amiudados encontros e conversações não tinham, porém, passado despercebidos a meia duzia de vistas curiosas e espiritos chocarreiros, e d'ahi tinham nascido umas certas conversas em voz baixa, que principalmente as mulheres se trocavam parecia que misteriosamente, quando á noute se juntavam ás portas umas das outras ou se encontravam casualmente.

O que, porém, já de ha muito se dizia em voz alta e sem reboço era que Roza conversava o filho do capitão, como chamavam a Fernando.

As relações dos dous jovens eram pois já sabidas por toda a aldeia, e isso dava motivos a conversas e commentarios mais ou menos rasoaveis, mas quasi sempre malevolos.

Os invejosos e maledicentes, fallando dos amores de Roza, concluiam sempre as suas conversações com sentenças como esta:

—Chegou ao que queria... os moços da lavoura já lhe não serviam; agora, porém, deve estar satisfeita: um morgado rico e além d'isso cirurgião não era para desprezar. Coitada, está bem servida; persuade-se talvez que o filho do capitão a quer para alguma cousa, nem que elle não tivesse melhores caras e ademais raparigas ricas.... E o que é certo é que a delambida anda já tão emproada, que não dá cavaco a ninguem; parece até fugir da gente!... Está servida; o filho do capitão ha de casar com ella quando o mundo se acabar; nem que elle fosse algum tolo!...

Os supersticiosos diziam:

— A rapariga, segundo dizem, anda douda pelo moço; não digo nada para não errar, mas aquella amizade não pôde ter bom fim; o filho do capitão é rico e dentro em pouco terá uma linda posição; além d'isso é estudante, e isto de estudantes nem pintados.... Enfim, pôde ser que a rapariga lhe cahasse e que venha a casar com ella, mas duvido muito. Deus ampare aquella boa rapariga e a livre de alguma desgraça.... O mundo está de uma fórma que devemos sempre julgar o peor; tem-se por ahi visto tantos exemplos....

Finalmente os bondosos e desinteressados exclamavam com convicção:

— Aquillo é mocidade, e por isso deixem-nos divertir. O morgado em quanto por aqui anda quer empregar o seu tempo, e faz muito bem; ella é nova e solteira, e por isso está no seu direito de dar *trella* a quem quizer: d'aqui a dous dias aborrecem-se ou zangam-se por dá cá aquella palha e cada um trata de procurar outro norte. Aquillo não vale nada; deixem-nos divertir....

Eram estas as tres opiniões em que se dividia a população da aldeia, advertindo que o numero dos supersticiosos era maior, porque as suas ideias tendiam mais para o mal.

Quanto aos paes dos dous amantes, a avó de Roza, comquanto todos os dias lhe soprassem aos ouvidos algumas chufas e dictosinhos maliciosos, não lhes dava a minima importancia, e, como os bons e desinte-

ressados, não se oppozera até ahí ás relações de sua neta, porque não via n'ellas mais que um passatempo proprio da sua idade.

O pae de Fernando, esse ria-se quando em tal lhe fallavam e exclamava com o melhor bom humor:

— Deixai-o lá divertir-se; está no seu tempo e nós quando tínhamos a sua idade fazíamos outro tanto; ao menos o démo do rapaz não teve mau gosto: ella não é rica, mas é a melhoria d'estes arredores. Que converse pois com quem quizer em quanto por aqui está, porque eu não me importa com isso; estou até em dizer que elle d'aqui a pouco manda-a á fava e agarra-se por ahí a outra.

Os dictos e as chicanas continuavam, e tal vulto tomou a maledicencia com que algumas pessoas viam aquelles amores, que a avó de Roza vira-se obrigada a tomar a cousa a serio e dirigir a similhante respeito algumas palavras a sua neta.

Um dia, á hora do jantar, logo que terminou a refeição, a avó de Roza, com aspecto grave, interrogou sua neta por estas palavras:

— Minha filha, é verdade o que por ahí se diz a teu respeito, quero dizer, que tu conversas o filho do capitão?

A esta pergunta inesperada e a primeira que sua avó lhe dirigia sobre tal assumpto, Roza sentiu-se enleada, mas não pôde mentir; com os olhos baixos e as faces avermelhadas respondeu com certa firmeza:

— E' verdade, minha avó; persuadia-me que já o sabia.

—Sabia-o, é verdade, mas queria ter a certeza.... Dize-me: é certo também que tu lhe tens já muito amor?

Esta nova pergunta acabou de perturbar a moça a ponto de não poder responder senão com uma torrente de lagrimas.

Foi isto o bastante para sua avó adivinhar o que se passava no seu coração.

—Minha filha,—continuou a boa da velha, não podendo também conter a sua commoção—as tuas lagrimas são a verdadeira confissão do teu amor para com esse moço; foste demasiadamente precipitada, mas o mal ainda se póde remediar. Devias saber que o snr. Fernando, além de ser rico, não é nenhum moço de lavoura, como muitos outros que por ahí ha, e isso deveria ser motivo para tu repellires com todas as tuas forças os seus gracejos ou protestos de amizade que te fizesse; foste pois leviana na escolha, ouviste-o, accreditaste-o e consagraste-lhe o teu amor. De ha muito sabia eu d'essas relações, e nunca me tinha opposto a ellas, porque nunca julguei que ellas tomassem tanto vulto nem dessem tanto que fallar e criticar na aldeia; ainda para mais, ignorava que tu em tão pouco tempo podesse ganhar-lhe uma tal affeição!... Mas, como já disse, estamos ainda em tempo de tudo remediar; bem sabes o que se tem dito por ahí, e por isso é necessario que termines taes relações e que nunca mais tornes a fallar a esse moço.

Roza ouvira impassivel tudo isto, mas ás ultimas palavras as suas faces de novo se inundaram de lagri-

mas; sua avó, também cada vez mais commovida, affagava-lhe o rosto, e quando a viu mais socegada exclamou em tom quasi supplicante:

—Vamos, Roza, sê forte; o teu amor está ainda em principio, e por isso melhor se lhe poderá atalhar; são dous ou tres dias de saudades e de tristeza, mas depois esquecel-o-has. E' necessario este sacrificio, minha filha, e se não me queres dar um grande desgosto, faz-me o que te peço. Crê que o snr. Fernando nunca casaria contigo, porque o que elle quer é passar algum tempo e divertir-se; tu, como mulher que és, não pensas assim e d'aqui a pouco ter-lhe-ias uma affeição que poderia trazer comsigo graves consequencias. Vamos, fazes-me o que te peço? nunca mais te importarás com esse rapaz?

Roza meditou algum tempo e a final respondeu a custo:

—Farei tudo quanto poder para a não desgostar, minha avó.

Estas palavras foram recebidas com a maior alegria pela velha; abençoou sua neta, e confortou-a durante alguns momentos, para melhor a dissuadir d'aquella paixão.

Por uma notavel coincidencia, Fernando, n'esse mesmo dia, quando ia a sahir de casa, foi chamado por seu pae, que com o seu costumado bom modo exclamou:

—Vem cá, meu maroto; dize-me uma cousa: é verdade que tu conversas a Rozita do Adro?

—Não o nego, meu pae; mas a que vem essa pergunta?

—E' porque se falla muito n'isso na aldeia; todos dizem que os teus fins para com ella não são nada bons.

—Meu pae, isso é uma falsidade; juro-lhe que....

—Não jures nada; olha, fazes-me uma cousa?... Deixa em paz a pobre rapariga e tapa assim a bocca a essas linguas damnadas que tanto vos teem mordido.

—Mas eu é que não tenho nada absolutamente com o que dizem, e por isso....

—Vamos, Fernando, eu sei o que são rapazes, e ainda melhor sei o que tu és; deixa lá a rapariga socegada e não faças por ahi alguma das tuas.

—Perdôe-me, meu pae, mas eu não sei o que parece deixar uma rapariga sem ter para isso o mais pequeno motivo; isso não se deve fazer....

—Visto isso, não a queres deixar, não é verdade? Pois bem, faz lá o que tu quizeres, comtanto que não me dês por ahi algum desgosto, e o que te aconselho é que tenhas tento na bola; olha que isto aqui não é o Porto, onde vocês fazem toda a qualidade de maroteiras; depois, a Rozita é uma pobre rapariga.... enfim, juízo é que eu te recomendo e vae com Deus; tu já não és nenhuma creança para que não saibas o que fazes.... Vae, vae e diverte-te.

—Socegue, meu pae, não ha de haver novidade— respondeu Fernando, sahindo e dirigindo-se, como de costume, para a habitação de Roza.

Logo que alli chegou, a moça debruçou-se sobre

o peitoril da janella, e com ar mysterioso e a voz commovida exclamou em tom quasi imperceptivel, como se temesse que as suas palavras fossem ouvidas no interior da habitação:

—Vá já para a bouça do *Córado* e espere-me lá um pouco, que eu vou já fallar-lhe; não se demore aqui.

E antes que o moço, boqui-aberto, lhe perguntasse sequer o motivo d'aquella sua commoção, retirou-se precipitadamente da janella, deixando Fernando ainda mais estupefacto.

Sem atinar com o motivo d'aquelle ar mysterioso, o moço obedeceu ao ultimo pedido e encaminhou-se para o lugar indicado.

A bouça chamada do *Córado* ficava algumas centenas de passos distante da igreja, para o lado do sul.

Era um extenso valle, coberto de matto grosso e cerrado, partido apenas em diversas direcções por pequenos caminhos ou atalhos, que davam sahida para os campos visinhos e para a estrada que atravessava a aldeia.

Por entre o matto elevava-se um sem numero de pinheiros bravos, de larga copa, entremeando-se por meio d'elles algumas outras arvores de menor porte, formando o seu aspecto, á primeira vista, uma extensa e impraticavel floresta.

A' direita de um dos atalhos que atravessavam a bouça, e um pouco distante, havia um pedaço de terreno coberto de vigorosa relva, talhado quasi em cir-

culo e cercado por um grande numero de pequenas arvores, formando, pela sua disposição natural, uma especie de pequeno bosque, por detraz do qual se levantava uma especie de parede formada pela ramagem em maranhada de grande numero de espinheiros e outras plantas bravias, q ue impedia a vista do resto da bouça.

Foi n'este aprazivel logar que Fernando entrou, e pela escolha que fizera d'elle dir-se-ia que lhe não era desconhecido e que não era aquella a primeira vez que alli penetrava.

Sentou-se no tronco de uma arvore que alli se achava, encostou a elle a espingarda e esperou, em quanto que os seus dous cães, que sempre o acompanhavam, farejavam aqui e alli por entre o matto.

Passados poucos momentos o moço ouviu latir os cães, signal evidente de que alguém se aproximava ou atravessava a bouça, e levantou-se, para ver quem seria.

Effectivamente viu ao longe, caminhando por um atalho, um homem cujas feições não pôde a principio distinguir pela distancia que o separava d'elle, mas a final, quando o viu mais proximo, reconheceu n'elle Antonio, o moço do padre.

Era effectivamente o desventurado rapaz, que com a enxada ao hombro e a cabeça pendida para o peito caminhava vagarosamente, parecendo estranho a tudo o que o cercava.

Passou a alguma distancia do local em que Fernando estava, e tão abstrahido caminhava, que nem sequer parecera dar pela presença do moço, que, meio

desconfiado, seguia com curiosidade a direcção que elle levava. Apenas, ao sentir o latir dos cães, Antonio relanceara sobre elles um olhar rapido, que nem o proprio Fernando percebera.

A final, Fernando, logo que o viu desaparecer por entre o labyrintho de arvores, tomando um caminho opposto áquelle em que se achava, retomou o seu lugar, exclamando de si para consigo:

—Pobre rapaz!... á fé de quem sou, que tenho dó d'elle!... E ha quem diga que o coração do homem não seja capaz de uma grande paixão, incuravel até!... Engano, e a prova é esse pobre diabo, para quem parece terem morrido todas as alegrias d'esta vida, pelo simples facto de Roza o ter repudiado; pobre rapaz!... Ninguem o vê senão triste e acabrunhado, fugindo de toda a gente e affastando-se sempre de todos esses passatempos que outr'ora faziam a sua alegria. Mas a final que se lhe ha de fazer? Ceder-lhe eu o meu logar e abandonar-lhe essa bella rapariga, por quem ando louco de amores? Isso nunca; que sofra com paciencia, que arraste como poder a cruz que lhe peza, ou então.... que se deixe de ser tolo; coração ao largo e está tudo acabado; demais, a elle não lhe faltam por ahi raparigas que lhe possam espalhar as saudades, em quanto commigo se dá exactamente o contrario. Deixar eu agora a minha querida Roza, isso é que de fórma alguma; mas tambem eu me pergunto a mim proprio:—amal-a-hei como ella merece?—Nem eu sei, mas parece-me que sim. Não ha duvida: isto que sinto por ella, o interesse que me inspira,

as horas que passo a pensar n'ella, não póde ser senão um amor ardente e infinito, mas não tão louco como o d'esse infeliz rapaz que por ahi passou ha pouco. E quem haverá ahi que ao vê-la tão seductora não se sinta morrer de amores por ella? A's vezes custa-me a comprehender como a natureza possa reunir em uma mulher tantas bellezas; é a mulher mais perfeita que tenho conhecido!... E aonde eu a vim encontrar... aqui, no meio d'estes valles, cercada de phisionomias estupidas e grosseiras... Ah! mas é tambem n'estes lugares onde esses anjos se criam e se desenvolvem, puros d'essas paixões mundanas que depravam a vida dos primeiros annos.... E' realmente uma bella rapariga, digna de ser amada por um principe!... E na verdade não me despresaria nunca por lhe ter consagrado uma viva affeição... Mas Deolinda, a filha da baroneza?!... Ah! é verdade; pobre Deolinda, já me tinha esquecido d'ella....

O latir dos cães quebrou o fio d'estas cogitações; levantou-se de novo, e olhando ao longo do pinhal, distinguio Roza, que precipitadamente se dirigia para aquelle mesmo logar, parecendo temer ser vista por alguém.

Deixemos Roza aproximar-se de Fernando e vejamos o caminho que Antonio tomára depois que aquelle o vira desaparecer.

Antonio, ao embrenhar-se na bouça, ouvira latir os cães e pelo simples relancear d'olhos que lhes deitára conheceu serem de Fernando, e d'ahi colligiu que elle estava no pequeno bosque. Por isso passou ávante sem

fazer o mais pequeno reparo que podesse trahir as suas tensões, e logo que se viu fóra do alcance da vista do seu rival, deixou o caminho que parecia levar, retrocedeu á direita e avançou n'aquella direcção, não lhe servindo de empecilho o matto e as urzes, que de certo haviam de molestar-o.

Ao vel-o n'aquella desabrida corrida, dir-se-ia um louco fugindo á perseguição de algum phantasma.

Em poucos momentos achou-se perto das trazadeiras do pequeno bosque em que Fernando estava; parou então, e contendo o rumor dos seus passos e até a propria respiração, principiou de novo a caminhar vagarosamente, parando a final do outro lado do muro formado pelos espinheiros, e dispoz-se a escutar e ver tudo quanto se passava da outra parte, apenas separado d'ella por aquella pequena barreira.

Quanto a Roza, á medida que se ia aproximando do lugar em que Fernando a esperava com viva ansiedade, e que os dous perdigueiros a conheceram, cessaram os seus latidos, e como acostumados ás suas caricias, correram para ella, saltando-lhe em derredor e lambendo-lhe as mãos.

Roza, porém, tão afflicta parecia estar, que, não dando pelas caricias dos pobres animaes, nem sequer lhes dirigira um olhar de agradecimento.

Quando chegou perto do seu amante, o seu primeiro movimento foi lançar-se-lhe nos braços, derramando incessantes lagrimas. Era a primeira vez que a pobre rapariga se abandonava assim áquelle a quem tanto amava, e era essa a verdadeira prova do quanto

soffria n'aquelle momento e da necessidade que tinha de um peito amigo onde desabafasse as magoas que a cruciavam.

Fernando, sem atinar ainda com a causa de tantas angustias, cingiu-a ternamente ao coração, e tentando socegal-a, exclamou:

—Roza, anjo da minha vida, que querem dizer essas lagrimas? quaes são os motivos de tantas angustias? Responde, conta-me tudo e não me faças morrer de impaciencia.

Roza tentou responder, mas a voz morreu-lhe na garganta e uma torrente de lagrimas lhe inundou as faces.

Fernando, cada vez mais commovido, continuou em voz meiga, affagando-lhe o rosto e limpando-lhe as lagrimas:

—Vamos, minha querida, não chores mais; socega e senta-te aqui.

E tomando-a pela mão, fel-a sentar junto a si no tronco que alli estava deitado.

Roza, depois de socegar um pouco, graças ás caricias e supplicas de Fernando, limpou ainda duas grossas lagrimas que lhe rolavam pelas faces e exclamou a final com voz pouco segura:

—Snr. Fernandinho, é preciso separarmos-nos; sou forçada a deixal-o.

A estas palavras o moço como que sentiu um choque electrico, e encarou Roza com um olhar desconfiado prescrutador; a pobre rapariga, com os olhos

fitos no chão, parecia querer occultar as lagrimas que de novo lhe inundavam as faces.

Passado o primeiro momento de torpor, Fernando, pegando-lhe nas mãos, exclamou fóra de si:

—Tu que disseste, Roza?... E's forçada a deixar-me?!

—Sim, snr. Fernando; nunca mais poderemos ver-nos.

—E quem nol-o impede? Oh, não, não, parece-me que nem a morte nos poderia separar!... Mas dize-me que motivo tão imperioso existe que te fôrça a deixar-me.

—Eu lhe conto. Como o snr. Fernandinho talvez não ignore, as nossas relações teem dado bastante que fallar na aldeia; não ha grande nem pequeno que não tenha deixado de fallar do nosso amor com mais ou menos malevolencia, mas todos prognosticando-me uma serie de infellicidades e desgraças futuras; minha avó, a quem por fim não foram estranhos esses dictos, pediu-me hoje com as lagrimas nos olhos que o deixasse, mostrando-me as inconveniencias d'estas relações aos olhos do mundo, pela distancia que nos separa um do outro e pela impossibilidade, talvez, de jámais poder-mos ser um do outro; não ousei sequer rebater-lhe taes ideias e a final....

—E a final? —interrogou Fernando com ancie-dade.

—A final prometti annuir ao pedido que me fazia.

A esta resposta, o moço levantou-se de um pulo,

collocou-se defronte de Roza, e encruzando os braços, exclamou em tom ironico:

—Com effeito, Roza, estou admirado com o teu procedimento; dizias amares-me, juraste-me esse amor, e por fim escarneceste dos sentimentos mais puros do meu coração, trahindo todas essas promessas!... Eis como são as mulheres: só amam quando não ha sacrificios a fazer, mas logo que elles apparecem, o amor evapora-se!...

—Snr. Fernando,—atalhou a moça debulhada em pranto—por piedade, não diga isso; não duvide do amor que lhe jurei!

—Que não duvide do seu amor, quando acaba de me dar a prova mais convincente de que nunca me teve a mais leve affeição!... São escusadas mais explicações e o melhor é terminarmos isto por uma vez; deixo-a livre, póde retirar-se! De hoje para o futuro supponha que nunca me conheceu; seja feliz com os seus novos amores, mas o que lhe aconselho é que nunca engane ninguem como me enganou a mim! Adeus.

E dizendo isto, deu alguns passos para se retirar, quando Roza, levantando-se impetuosamente, agarrou-se-lhe aos braços, exclamando com desespero:

—Por compaixão, Fernandinho, não me deixe assim; ouça-me ainda e depois julgue-me.

—Pois bem; falle.

—O snr. Fernando diz que eu não o amo, que nunca o amei!... Oh, não, mil vez não; juro-lhe pela salvação de minha alma, por tudo quanto ha de mais

sagrado, que ainda não deixei sequer um momento de lhe consagrar toda a minha existencia, todos os affectos de minha alma. E' verdade que prometti a minha avó deixal-o, mas sabe se eu teria forças para cumprir tal promessa? Ah, snr. Fernandinho, muito mal julga as mulheres.... Diga: não haverá um meio qualquer de continuarmos estas relações sem darmos motivo a que se falle d'ellas, occultando-as aos olhos de toda essa gente e até á minha propria avó? Ordene, diga o que é preciso fazer, que estou prompta a obedecer-lhe como uma escrava. Agora, snr. Fernandinho, pergunto-lhe se ainda terá alma para deixar-me e se crê no meu amor.

Fernando olhou ternamente para aquelle rosto em que transluzia todo o fogo de um verdadeiro amor, e beijando a fronte da bella rapariga, dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

—Ora vamos, minha querida Roza; fui na verdade demasiado precipitado em te julgar; mas que queres? Quando se ama como eu te amo, e se chega a duvidar por um momento do amor d'aquella a quem devotamos a nossa felicidade, o nosso futuro até, não podemos reter no coração o despeito que isso nos causa e dizemos quanto nos vem á cabeça; porém tu perdoas-me, não é assim?

—Se lhe perdôo!—respondeu ella, apertando freneticamente entre as suas as mãos de Fernando.

—Muito bem; agora sentemos-nos outra vez e combinemos socegradamente nos meios que devemos empregar para fazermos persuadir a essa caterva de im-

becis que terminaram as nossas relações. Não é isto o que desejas?

—E'; sobretudo o que eu queria era não desgostar minha avó; está tão velha e quer-me tanto, que dar-lhe qualquer desgosto seria matal-a.

—E já te lembraste de algum meio?

—Não, por enquanto.

—Vejamos então se o descobrimos.

E Fernando pareceu meditar. Ao cabo de alguns minutos interrogou a sua amante pelas seguintes palavras:

—Roza, tu disseste amar-me, não é assim?

—Jurei-lh'o.

—E por esse amor que dizes ter-me serás capaz de fazer um sacrificio?

—Obedecer-lhe-hei em tudo como uma escrava, já lh'o disse.

—Bem; ora responde-me: o extremo do teu quintal dá para uma bouça que tem entrada pelo caminho da azenha, não é verdade?

—E'.

—O muro que separa o teu quintal d'essa bouça é apenas da altura de um homem, se tanto....

—Do lado direito, junto ao castanheiro grande, é ainda mais baixo.

—Melhor ainda; pois é ali, no teu quintal, que poderemos fallar todas as noutes, sem ninguem o saber.

—No quintal?!...

—Sim; ouve o meu plano: de hoje para o fu-

turo o nosso amor terminou apparentemente, isto é, eu deixarei de passar á tua porta e ainda que nos encontrarmos não nos dirigiremos uma só palavra nem sequer um olhar, de modo que toda a gente se persuada que effectivamente as nossas relações terminaram. Todas as noites, porém, por volta da uma hora, entrarei na bouça e saltarei d'ahi ao teu quintal, e a um signal convencionado, um assobio que imitará o canto de uma ave, por exemplo, tu agazalhar-te-has, abrirás a porta do teu quarto com toda a cautela e dirigir-te-has para junto do castanheiro, no fundo do quintal, onde me deves encontrar. Creio ser este o unico meio e o mais seguro que devemos empregar.

Roza ficou pensativa por algum tempo e o seu silencio foi interpretado por Fernando quasi como uma recusa.

—Então não respondes?—perguntou Fernando—Acaso te recusarás?

—Oh, não, não; nada recusarei, porque prometti obedecer-lhe; mas se alguém vem a saber....

—E's louca, minha Roza; pensas que eu não procederei com toda a cautela?

—Pois bem, entrego-me nas suas mãos, snr. Fernandinho; quero dar-lhe todas as provas de que o amo como nenhuma outra o amaria.

—Então ficamos certos, não é assim? A'manhã principiaremos já as nossas novas entrevistas. Agora vae para casa, porque já te demoraste bastante e póde tua avó desconfiar.

—Tem razão, Fernandinho; vou-me embora:

adeus até amanhã. Cuidado e segredo é o que lhe peço.

—São desnecessarias essas recommendações, filha; á uma hora, não te esqueças.

Apertaram-se as mãos; Roza retirou-se e em breve desapareceu por entre a ramagem do arvoredo. Poucos momentos depois Fernando também se retirou, tomando um caminho opposto áquelle que Roza seguira, para não suscitar desconfianças no caso que fosse encontrado por alguém.

Antonio, por seu turno, logo que os dous desapareceram, também sahiu do esconderijo.

Vinha pallido como um cadaver e duas profundas rugas lhe atravessavam a testa, o que lhe dava um aspecto quasi medonho.

—Desgraçada! . . . —exclamou, elle caminhando vagarosamente.—Como se deixa arrastar para o abysmo! . . . Julgaram que ninguem os ouvia, como se não houvesse no mundo um ente que velasse noute e dia por aquelle anjo! . . . Oh, continuarei agora a velar mais do que nunca.

X

No dia seguinte, por volta das onze horas e meia da noite, a casa da herdade do *capitão* estava immersa no mais profundo silencio, e a não ser o reflexo de uma luz que brilhava nas vidraças de um dos quartos do lado do norte, dir-se-ia que tudo alli repousava.

A janella que assim resplandecia no meio das densas trevas que cercavam o resto da casa era a do quarto de Fernando, e o vulto d'este, destacando-se de vez em quando no meio da claridade, denotava que o moço ainda se não havia deitado.

Penetremos no quarto.

Algumas cadeiras antigas, um leito de pau preto da mesma idade dos outros moveis, uma meia commoda com toucador, duas pequenas mezas, sobre uma das quaes se via um relógio, uma outra collocada no meio do aposento, cheia de livros em desordem, eis a decoração singella d'aquelle quarto, não mencio-

nando dous ou tres cabides pregados na parede, vergando sob o peso de alguma roupa.

Fernando, que havia algum tempo passeava de um para outro lado do aposento, sentára-se a final junto da meza dos livros, e pegando em um d'elles, abriu-o ao acaso, e permaneceu algum tempo com os olhos fitos nas duas paginas que tinha diante de si, parecendo ler; de vez em quando, porém, olhava com impaciencia para os ponteiros do relógio e depois parecia continuar a leitura interrompida.

Estes movimentos continuos, do relógio para as paginas do livro, repetiram-se por muitas vezes em um curto espaço de tempo, e a final a campainha soou doze badaladas.

Fernando, que parecia esperar com anciedade aquella hora, estremeceu ao ouvir os primeiros sons, e levantando-se precipitadamente, dirigiu-se a um cabide e tirou d'elle um capote, com o qual se cobriu, exclamando:

—Ora até que enfim; parecia que não chegava hoje a meia noite e que o diabo se entretinha a reter os ponteiros! . . .

Abriu em seguida uma das mezas da commoda, tirou um par de pistolas de dous canos, mettendo cada uma d'ellas nos bolsos do casaco depois de as ter examinado cuidadosamente, poz na cabeça um chapéu preto de abas largas, apagou a luz, e sahindo do quarto, principiou a caminhar com todo o cuidado, para não ser presentido, por um corredor es-

treito, o qual terminava em uma escada de pedra que descia para um pomar.

Chegado ao fundo da escada, encaminhou-se para uma pequena porta que dava para a estrada, e depois de a ter aberto com uma chave de que ia munido, sahiu, seguindo ao longo do caminho que levava á egreja.

Pouco mais de um quarto de hora depois, Fernando, entrando no pinhal do *Córado*, parou junto ao muro do quintal de Roza, e depois de lançar um rapido olhar em volta de si para se certificar de que ninguem o observava, levou os dedos á bocca e extrahiui d'essa fórma alguns silves compassados, que similhavam perfeitamente o piar monotono de um moxo; subiu depois ao muro, que saltou de um pulo, encaminhou-se para junto do grande castanheiro e sentou-se em um tosco banco de madeira que alli estava.

Minutos depois, o moço, auxiliado pelo luar que fazia, viu escoar-se pela porta que dava para o quintal um vulto branco, que se encaminhava para o sitio em que elle se achava.

Era Roza, que ao signal convencionado sahira do quarto, vindo ao encontro do seu amante, que a recebeu nos braços.

N'aquelle momento os corações dos dous jovens batiam apressadamente.

Estremeceriam elles de receio ou de felicidade? Nem os dous amantes saberiam responder a essa pergunta, se lh'a dirigissem então.

Sabel-o-ha, porém, explicar aquelle que, em noute

amena e linda, sentiu arfar junto a si um coração que conseguiu tornar captivo; aquelle que viu uns dedos finos e brancos nedearem-lhe distrahidamente os cabellos soltos ao capricho da viração; aquelle, finalmente, que teve uma das horas mais felizes d'essa epocha de amor—a de estar alguns momentos a sós e de noute junto áquella que um dia lhe disse com effusão—amo-te!

Ah, felizes tempos da mocidade, como passaes tão depressa!...

Fernando estava tambem um pouco commovido n'aquelle momento de suprema felicidade. Forcejou, no entanto, por se socegar a si e a Roza, exclamando com a mais terna inflexão:

—Meu querido anjo, não estejas assim inquieta, porque nada tens a receiar! Senta-te aqui e conversemos.

Sentaram-se ambos no pequeno banco de madeira e com as mãos enlaçadas assim permaneceram durante alguns momentos em contemplativo extasis.

A noute estava realmente bella. A limpidez do céo, o fulgor das myriades de estrellas, o luar claro reflectindo-se na folhagem das arvores e na relva das campinas, davam áquella scena um aspecto phantastico e arrebatador.

Roza, n'aquelle momento, parecia mais seductora do que nunca. Um raio da lua, atravessando a custo a ramagem do castanheiro, batia-lhe de frente no rosto, deixando ver-lhe as faces afogueadas, o olhar meigo e um não sei quê de fascinador que enlouquecia.

Foi em um d'esses momentos de muda espectativa

que Fernando, arrebatado, louco, sem a consciencia do que fazia, cingiu de encontro ao coração o corpo flexivel da sua amante, cobrindo-lhe as faces de freneticos beijos.

—Como és linda!—exclamava elle—Para que te fez Deus tão formosa, anjo da minha vida?

Roza, toda trémula de susto, desvencilhou-se a custo dos braços de Fernando, e com as lagrimas nos olhos, mas a voz firme, e cheia de dignidade, aventurou as seguintes palavras:

—Fernandinho, amo-o muito, é verdade, e a prova mais cabal d'esse amor é o ter, eu accedido a passar algum tempo aqui a sós comsigo. Calculei bem este passo e sei quão perigoso é elle para mim; no emtanto appello para o seu brio e genorosidade. Fernandinho, por quem é, respeite a minha honra e não abuse da fraqueza de uma pobre mulher que o ama cegamente!

E ao proferir estas palavras, a pobre rapariga cahiu de joelhos aos pés de Fernando, suffocada pelo pranto.

O moço pareceu cahir em si, e levantando-a com ternura, fel-a sentar outra vez, dizendo:

—Nada temas de mim, Roza; apesar do homem muitas vezes não poder soffrear os impulsos da paixão que o devora, tornar-me-hei bastante forte para os domar e respeitar-te-hei sempre; para teu proprio socego, vou fazer-te um juramento que te porá a salvo de qualquer eventualidade: Roza, meu querido anjo, perante ti e perante Deus que nos ouve, juro-te que desde este momento te considero minha esposa, e que

a minha mão, o meu futuro, a minha vida, a ninguém mais pertencem senão a ti, succeda o que succeder!...

—Oh, obrigada, Fernandinho, obrigada! Tirou-me do coração um horrivel pezo que de ha muito me atormentava!—exclamou Roza, lançando-se, louca de alegria, nos braços do seu amante.

N'este momento uma ave negra voejou por sobre a cabeça dos dous amantes, soltando em seguida um grito lugubre e prolongado.

Roza estremeceu e agarrou-se, cheia de medo, a Fernando, exclamando ao mesmo tempo:

—Meu Deus, que horrivel agouro!...

Fernando, que não tinha nada de supersticioso, tambem estremeceu, parecendo que o ecco d'aquelle grito monotono fôra morrer no fundo da sua alma. Depressa, porém, se arrependeu secretamente da sua fraqueza, e tentando socegar a sua amante, que, tranzida de susto, ainda se conservava agarrada aos seus braços, exclamou:

—Então, Roza, que é isso, de que te assustas? Socega, filhinha; nada ha de extraordinario n'este pequeno incidente. Como sabes, a igreja está perto d'aqui, e as aves nocturnas costumam rodeal-a de noite; alguma d'ellas, porém, que se refugiára n'esta arvore, amedrontou-se ao ouvir-nos fallar, e fugiu soltando o seu costumado canto. Já vês que tudo isto é bem natural e que nenhum motivo ha para taes receios.

—Meu Deus, que terrivel signal aquelle!—continuou a moça, ainda tristemente impressionada.

—Acaso és supersticiosa?—perguntou Fernando.—

—Quando se ama, quem ha que o não seja?

—Pois socega, meu amor; já te mostrei que não ha motivo algum para esses teus receios; mudemos de assumpto. Dize-me: estás agora contente commigo?

—Se estou!...—respondeu ella levantando para o moço os seus bellos olhos.

—E eras tu que me querias deixar!... tu a quem amo como um louco, tu a mulher mais bella que tenho visto!...

—Vamos, Fernandinho, não graceje; por mais bella que eu fosse, ainda assim não o merecia, porque o senhor é um rapaz a quem mulher alguma poderá resistir....

—He, he! para lá com essa caterva de tolices! Se não te conhecesse, diria que estavas caçoando commigo! Mas deixemos-nos d'estas ninharias e fallemos da nossa felicidade.

—Sabe o que eu receio, Fernandinho? E' que um dia se venham a descobrir estas nossas entrevistas. Se tal succedesse, julgar-me-ia completamente perdida no conceito de toda essa gente; Deus permitta que tal nunca succeda!...

—Não penses mais n'isso, Roza; quasi te podia jurar que nunca alguem o saberá; d'aqui por dous ou tres dias toda a aldeia estará convencida que terminaram as nossas relações, e por isso deixar-nos-hão de espiar se é que até aqui o teem feito. Mais tarde, porém, verão que se enganaram, porque os nossos corações jámais se poderiam separar; deve ser então uma grande surpresa para os nossos inimigos, não te parece?

—E estará ainda muito longe esse dia de verdadeira felicidade, essa hora em que Deus legalisará perante o mundo os nossos juramentos e o nosso amor?

—Não sei, Roza, mas talvez esteja bem perto; como sabes, a minha formatura deve effectuar-se no anno proximo e só então é que poderei dispor de mim.

—Até lá, comtudo, Fernandinho, é necessaria toda a prudencia e cautela n'estas visitas nocturnas; póde muito bem succeder qualquer pessoa conhecel-o, seguir-lhe os passos....

—Podes estar descansada, Roza; préso-me de ter bom olho e difficilmente me poderão illudir.

—Olhe: esse vestuario que hoje traz é um pouco inconveniente, porque se torna com elle muito conhecido. Porque não se disfarça de outra fórma?

—Se é essa a tua vontade, amanhã vestir-me-hei de modo que nem tu propria me conhecerias se me encontrasses; estás satisfeita?

—Estou.

Houve alguns curtos momentos de silencio, que Fernando a final cortou com estas palavras:

—Ah, minha Roza, quando pensarias tu n'estes momentos de felicidade?...

—Effectivamente!... A's vezes custa-me a accreditar como em tão pouco tempo podesse ganhar-lhe tão grande affeição!...

—Nunca tinhas amado ninguem, Roza?

—Nunca; até ignorava o que era esse sentimento.

—E' para admirar; na aldeia ha tantos rapazes....

—E' verdade que os ha, mas o que é certo é que me foram todos sempre indifferentes.

—Incluindo o Antonio, o meu rival?

—A esse tive amizade, não o nego, mas esse sentimento era muito e muito differente do que agora nutro pelo Fernandinho: era uma amizade de irmãos.... Elle tambem de tudo era merecedor....

—E nunca pensaste em que essa amizade de irmãos podia um dia transformar-se em paixão de namorados?

—Oh, isso nunca; já lhe disse, Fernandinho, que nunca houve da minha parte essas intenções; era amigo d'elle, é verdade, mais do que de nenhum outro, mas essa amizade jámais poderia transmudar-se em amor!

—E já não lhe és tão affeçoada?

—Não, não sou.

—E póde saber-se porquê?

—Por sua causa

—Por minha? como?

—Depois que me fallou tão inconvenientemente do senhor....

—Ah, é verdade, agora me lembro; pobre rapaz!... Mas a final elle tinha razão: amava-te perdidamente, tinha até talvez quasi a certeza de um dia pôs-suir-te, mas n'um momento vim eu desmanchar-lhe todas as suas esperanças de felicidade.... Coitado, tenho pena d'elle; depois que se convenceu de que me davas a preferencia, mudou completamente; é raro vel-o alegre,

foge dos divertimentos em que se entreteem os seus companheiros, e parece até já não viver n'este mundo!... Nunca mais lhe fallaste?

—Temos-nos visto algumas poucas vezes; diz-me adeus, sem encarar commigo, e depois lá segue o seu caminho com a cabeça baixa, parecendo vergar sob o pezo de uma dôr immensa.

—E não te condoes do seu estado?

—Fallando verdade, ás vezes mette-me dó; tenho querido fallar-lhe, pedir-lhe perdão do rigor com que o tractei, dissuadil-o de se entregar a uma dôr sem linitivo, convencel-o que nascemos para sermos amigos, irmãos até, mas nunca esposos, porém elle foge de mim e evita qualquer ensejo de lhe poder fallar.

—Ah, Roza, Roza, oxalá que a tua complacencia para com elle não venha um dia desfazer as douradas esperanças do meu futuro.... essa tua amizade....

—Que loucura, Fernandinho! Pois ainda crê que eu o deixasse a si por elle?....

—Eu creio em tudo, Roza, vós outras as mulheres tendes o coração tão *demasiadamente sensivel*, que....

—Não diga mais, Fernandinho; juro-lhe pelo que ha de mais sagrado....

—Não jures, Roza, o que eu quero é ter a certeza de que nunca me deixarás.

—Amo-o muito para que tal faça!

Continuou ainda a conversação por muito tempo, até que tres badaladas que soaram na torre da igreja vieram pôr-lhe termo.

—Já tres horas! . . . como o tempo se passou rapido! . . . —exclamou Roza.

E momentos depois os dous amantes levantaram-se, estreitaram-se em um apertado abraço, e oscularam-se ardentemente.

—Como me custa apartar-me de ti, Roza! . . . —
Dizia o moço apertando entre as suas as mãos da sua amante.

—Assim é preciso, Fernandinho. . . .

Trocaram-se ainda os ultimos adeuses, e em quanto Roza se encaminhava para a sua habitação, Fernando saltara o muro e pozera-se tambem a caminho.

Momentos depois erguen-se por detraz do muro que separava a bouça do quintal de Roza, uma outra sombra, que parecia ter estado alli occulta, e dirigiu-se por um outro caminho contrario áquelle que seguira Fernando.

XI

O padre Francisco da Encarnação era um bom e santo homem.

Na epocha em que se passavam os acontecimentos que deixamos relatados, tinha elle cerca de setenta annos. Os cabellos nevados, o rosto sereno e de uma expressão franca e bondosa e a cabeça já um pouco vergada pelo pezo dos annos, tudo isto lhe dava um aspecto respeitavel e ao mesmo tempo attrahente.

Effectivamente era elle a bondade e a beneficencia personificadas; não havia pobre nem desvalido por aquellas redondezas que não conhecesse bem de perto os seus beneficios.

Graças aos bens terrenos com que a Providencia o dotára, padre Francisco podia exercer com prodigalidade os santos impulsos da sua alma caritativa, porque para tudo lhe davam de sobra os rendimentos dos seus muitos haveres. Em sua casa, pois, havia diaria-

mente meza franca para todos os engeitados da fortuna, que alli fossem procurar um pedaço de pão e uma malga de sopa para saciarem a fome; e pelo dia adiante, nunca pobre algum fôra alli pedir uma esmola que lh'a não dessem, nem procurar asylo por uma noute que lhe não fosse ministrado da melhor vontade.

Depois, não eram só os necessitados que recebiam os seus beneficios; o bom do padre exercia a caridade em toda a sua plenitude, e para o attestar, lá se via em um rotulo collocado em um altar novo, na igreja, sob a invocação da Virgem, os seguintes dizeres:— «Feito a expensas do reverendo padre Francisco da Encarnação, insigne bemfeitor d'este templo»

Finalmente, o relógio da torre, uma lampada de prata do altar do Sacramento, o frontal rico do altarmór, os melhores paramentos, tudo tinha sido dadi-va do bondoso padre.

Ora todos estes beneficios, as virtudes que o adornavam, e sobretudo o exemplo de uma vida sem fausto, tinham-lhe grangeado quasi o epitheto de santo entre o povo da aldeia.

Não tinha elle parente algum na sua companhia, e só convivia com os seus creados, que não eram poucos, em uma grande casa não muito distante da igreja. No numero d'este era Antonio o seu mais affeição-do, em quem depositava toda a confiança, e ao qual tratava com mais deferencia do que a nenhum dos outros, tendo-lhe até entregado a administração de sua casa.

Este rapaz, que lhe merecia tanta afeição, trouxera-o elle, da idade de cinco ou seis annos, da casa dos expostos do Porto, e tal amizade lhe ganhára, que se dispozera a dar-lhe uma educação esmerada, tencionando até fazel-o seguir uma carreira muito differente d'aquella que viera a ter. A pronunciada tendencia do moço para a vida do campo, e a pouca ou nenhuma vontade de se entregar a estudos serios, dissuadiram porém, o padre do seu primeiro intento, e sem contrariar-lhe a vocação, ensinara-o contudo a lêr e a escrever, instruindo-o além d'isso em tudo o que podesse vir a ser-lhe util, de fôrma que Antonio, apesar da rusticidade da sua profissão, tornára-se um rapaz intelligente e mais illustrado do que nenhum dos outros seus companheiros, motivo porque tambem elles o tinham em certa consideração e respeito.

Ora n'esta epocha dos amores de Roza com o filho do *capitão*, padre Francisco notára desde certo tempo o abatimento e tristeza do seu pretegido, e sem poder atinar com a causa d'aquella repentina mudança resolvera sabel-a da propria bocca d'elle, e para isso esperava só occasião propria.

Esse dia chegou enfim, e foi exactamente no oitavo depois da primeira entrevista nocturna que os dous amantes tinham tido no quintal de Roza.

Estava o venerando ancião, sentado, segundo o seu costume, defronte de uma varanda que dava para o campo, aquecendo a uma restia de sol os membros que já principiavam a regelar-se-lhe, e entretendo o espirito com a leitura de um pequeno livro que tinha

entre as mãos, quando Antonio, entrando no aposento, veio interrogar-o sobre objectos de serviço domestico.

O padre depois de o ouvir distrahidamente respondeu-lhe com a affabilidade costumada, depois do que o moço ia já a retirar-se quando padre Francisco parecendo reflectir um pouco, exclamou.

—O' Antonio anda cá.

O modo como foi feito este chamamento pareceu contrariar um pouco o moço, o que com tudo não o impediu de obedecer immediatamente vindo de novo postar-se defronte do seu protector.

—Ora responde-me cá ao que vou preguntar-te, mas cautella com alguma mentira — continuou o bom do velho com certo ar de gravidade, parecendo ao mesmo tempo querer penetrar com a vista o fundo do seu coração.—

De ha um pouco de tempo a esta parte tenho notado em ti uma certa melancholia que me tem dado que pensar; do quanto d'antes eras alegre e jovial tornaste-te agora triste, acabrunhado, todo mettido em ti e parece que desgostoso por algum mal occulto; ora dize-me com franqueza, quaes são os motivos d'essa extraordinaria mudança?

Antonio a esta pergunta tão inesperada sentiu-se um pouco embaraçado e apenas balbuciou:

—Eu, snr. padre Francisco... não tenho motivo algum para viver desgostoso, e provavelmente, o senhor engana-se....

—Vamos, Antonio, não faltes á verdade; acaso

tentarás negar uma cousa que eu vejo? o que é que te afflige?

— Pois bem, responder-lhe-hei como deseja; ha um motivo fortissimo, effectivamente, que me tem roubado a alegria do coração e me traz a alma torturada; ora o que eu lhe peço, senhor, é que não procure saber qual é o motivo dos meus males, para não me obrigar a córar de vergonha quando lh'o confessasse; respeite este meu segredo.!. . .

— Um segredo — atalhou o padre com algum agastamento — pois tu ousas ter segredos para o teu melhor amigo, para o teu pae adoptivo, para a tua unica familia, emfim, que sou eu.?. . . Ah, Antonio, a ingratidão é o peor defeito que podemos ter, é a dedicação e amizade que parecia consagrares-me, creio que degenerou n'ella. . . .

— Tudo, menos isso, snr. padre Francisco—atalhou o moço com firmeza—póde taxarme de quanto é mau mas menos de ingrato, porque nunca o fui nem o serei; sei o quanto lhe devo e isso é o sufficiente para nunca apagar da alma o sentimento de gratidão, unico com o qual me poderei mostrar grato aos beneficios que tenho recebido do senhor. Conheço perfeitamente a minha triste posição n'este mundo; sei que sou um d'esses desgraçados, que mal viram apontar-lhe a luz da vida, foi lançado para o monturo d'essas infelizes creanças sem amparo, sem uma unica mão protectora, e que nunca tiveram sequer o prazer de um beijo d'aquelles que lhe deram o ser.

«Fui lançado, logo que nasci, para um hospicio de

caridade a que chamam *Roda*, onde vivi até ao momento em que uma mão bemfazeja, um braço guiado pelos mais nobillissimos instinctos, me arrancou d'esse montão de abandonados, fazendo de mim o que hoje sou; essa mão protectora, esse braço salvador, snr. padre Francisco, escusado era dizel-o, foi o senhor. Cresci e fiz-me homem debaixo d'estas telhas, bafejado pelas suas caricias, em principio, pela sua instrucção e conselhos, mais tarde; e em vista de tudo isto crê-me tão falto de sentimentos, tão ingrato, que esquecesse algum dia todas essas mercês? Oh isso nunca, nunca, juro-lh'o por tudo o que ha mais sagrado. Quanto ao meu segredo, que póde elle interessar-lhe?... além d'isso é cousa que o senhor não poderia remediar, ainda que quizesse....

— Ora vamos meu Antonio—atallhou o bom do velho commovido—sê mais franco para commigo e nada de evasivas, porque eu sei que tens alguma cousa que te afflige. Ha pouco taxei-te quasi de ingrato, mas conheço que fiz mal, porque sei que não o és, e por isso com mais instancia te peço que partilhes commigo das tuas magoas, que faças de mim o teu confidente, o teu melhor amigo, como realmente o sou. Nós os homens, nos mais custosos trances d'esta vida, devemos procurar sempre um conselheiro, um amigo com quem nos abramos francamente, com quem repartamos os nossos pezares, e que nos dê a coragem precisa para arrostarmos resignadamente com as contrariedades d'este mundo; os entes que nos podem mitigar essas dôres, que nos podem tornar fortes, em

primeiro lugar é Deus, pae dos desgraçados, alivio dos atribulados, balsamo de dôres, esperança eterna; e em segundo, uma pessoa em que tenhamos uma completa confiança e em quem reconheçamos uma amizade e afecção a toda a prova. Para aquelle tens tu a fé e as crenças religiosas que te ensinei a respeitar; para este tens-me tu aqui a mim, teu amigo scincero e teu protector, em quem pódes e deves depositar toda a confiança; as dôres assim partilhadas são menos custosas de supportar, e ás vezes na confidencia intima podemos encontrar um balsamo suavizador para as minorar ou um remedio miraculoso até para as extinguir: portanto, Antonio, como já te disse, nada de reservas: conta-me tudo sem me occultares a mais minima circumstancia e eu te ajudarei a arrostar com esses desprazeres.

—Pois bem—respondeu o moço parecendo convencer-se com as palavras do velho—vou declarar-lhe tudo. Os meus desgostos, as minhas inquietações, o meu inferno, emfim, partem de um unico sentimento—o amor!

—Ah, eu logo vi, negocios de amores, nem outra cousa podia deixar de ser; continúa.

—Amei uma mulher tão pura e santamente como amo a Deus: ella tambem parecia corresponder-me, ou pelo menos cheguei a convencer-me que me tinha amor; este sentimento nasceu em mim ao alvorecer da vida e foi recrescendo com os annos! . . . N'um só momento, porém, quando as maiores esperanças me sorriam, quando já antevia por meio d'esse amor um horisonte de felicidades, eis que se desfazem todos esses sonhos

dourados, e me vejo abandonado, repellido, e talvez até aborrecido por aquella a quem votára a vida e a alma.... Trocou-me por um outro a quem adora como uma louca!....

—E tens a certeza que ella te não ama?

—Se tenho, meu Deus!.... foi ella propria que m'o declarou; disse-me que me queria como a um irmão, mas que nunca me amára como eu julguei.

—Ora vamos, homem, por ora não vale a pena desesperar; isto de mulheres é para onde lhes dá; póde ainda succeder o ella aborrecer esse outro e amar-te.... Mas dize-me, quem é essa rapariga, será ella merecedora d'essa affeição que tão cegamente lhe tributaste? será digna de ti?

—Oh, se o é; basta dizer-lhe que é a rapariga mais bella da aldeia.... é a Roza do Adro.

—A Roza do Adro?!—exclamou o padre dando um salto na cadeira—e estás bem certo que ella não te ama?

—Já lhe disse, senhor, que lh'o ouvi da propria bocca.

—Pois bem, Antonio, o que tenho a dizer-te é que foi uma felicidade, uma providencia até, o ella não te amar, e desde já te aconselho que procures combater essa paixão que te rói a existencia e que apagues para sempre do coração a imagem d'essa rapariga.

—Mas senhor, não vejo que perigo houvesse n'esse amor se acaso elle existisse....

—Nada mais posso dizer-te do que, nunca, nunca

poderias tel-a por esposa, ainda que morresseis de paixão um pelo outro, porque seria eu o proprio a evitar esse casamento se tal tentasseis e se não podésse antes d'isso fazer desaparecer esse amor dós vossos corações.

—Mas que motivo tão poderoso haveria para um tal procedimento da sua parte, senhor?

—Sabel-o-has talvez um dia; por emquanto, basta só que te convenças que Roza nunca poderia ser tua esposa, e que esse amor entre vós, se existisse, seria uma desgraça para ambos.

—E' incrível!... que insondavel mysterio haverá em tudo isto?....

—Nada mais te posso dizer; estima-a quanto quizeres, mas esquece-te d'um tal amor, e se um dia ella te amar repelle esse sentimento com todas as forças da tua alma.

—Mysterio, tudo mysterio!... —exclamou o moço, e ficou por alguns momentos pensativo.

—E ser-me-ha ao menos licito vigiar pela sua segurança, pela sua honra até?—interrogou elle a final.

—Ninguem te póde negar esse direito: é até talvez um dever teu....

—Pois bem; ao menos restar-me-ha essa consolação; parece-me até que já a não amo, e o meu unico desejo é vê-la feliz.... desgraçado d'elle se tentasse....

—E' verdade, mas quem é esse outro a quem ella ama?

—E' o snr. Fernando, o filho do *capitão* que ha pouco chegou.

—Ah, sim?!... oh, mas elle parece ser um bom moço e não creio que fosse capaz de causar a desgraça da pobre rapariga.

—Póde ser que assim seja, mas tenho motivos para desconfiar das suas intenções.

—Pois faz o que entenderes, mas prudencia; sobre tudo lembra-te sempre do que ha pouco te disse:—Roza nunca poderia ser tua mulher.

—Tenho muita confiança no snr. padre Francisco e por isso creio no que me diz: ordena mais alguma cousa?

—Mais nada Antonio; vae com Deus.

O moço sahiu da sala, desceu á quinta e caminhando por entre as alas de arvores fructiferas que orlavam uma longa rua, principiou a scismar no que acabava de succeder.

—Mas que motivo—dizia elle de si para si caminhando vagarosamente e com a cabeça baixa,—que motivo tão imperioso e forte haveria que podésse impossibilitar o meu casamento com Roza, se por acaso nos amasse-mos?!... ella é virtuosa, prendada, boa mulher de casa, possue todas as qualidades para ser boa esposa e boa mãe.... ha effectivamente aqui um grande mysterio; e qual é elle? ignoro-o.... mas padre Francisco é incapaz de mentir, e se não houvesse uma barreira entre mim e Roza, se não houvesse um qualquer impossivel, elle de certo não se opporia nunca a uma união que me poderia tornar verdadei-

ramente feliz; além d'isso elle quer-me como o mais extremoso pae quer a um filho, tem-me uma verdadeira amizade, e por isso mesmo havia de evitar o ver-me consumido e ralado toda a vida. . . . Que tenho eu, pois, a fazer? . . . não sei. . . . E eu que ainda não tinha perdido todas as esperanças de ella um dia me pertencer, tornando-se então as dilicias e a felicidade de minha existencia, porque, a final, quem sabe os insondaveis segredos do destino? podia muito facilmente succeder Fernando aborrecer-se d'ella e deixal-a, indisporem-se por qualquer motivo, e conhecendo então Roza a pureza dos meus sentimentos, acceitar a minha vida, o meu futuro, e ser enfim minha mulher; oh, só esta lembrança me faz enlouquecer. . . . Emfim é forçoso tomar uma resolução: ou esquecer-me d'ella para sempre ou então continuar a amal-a secretamente, vigiando todos os seus passos, como tenho feito, preservando-a dos perigos a que está sujeita, cuidar d'ella enfim, como se fosse minha propria irmã, e esparar. . . . oh, mas se a nossa união é impossivel, que tenho eu a esperar e que me importam a sua segurança e os perigos que possam ameaçal-a? . . . pois bem, esquecel-a-hei, assim é preciso; a Providencia que cuide da sua felicidade, que a proteja e que a vigie, e eu morrerei com o desespero no coração. . . . Mas, meu Deus, terci eu forças para assim a banir do meu pensamento, para apagar da alma a sua imagem querida? . . . oh, não, não, é horrivel, não poderei tanto. . . . Mas os impulsos do coração são livres e portanto continuarei a amal-a, sem que ella ao menos o suspeite, vigiando-a a

todas as horas, a todos os momentos, como se tivesse de ser um dia ainda minha esposa; será uma esperança vaga, irrealisavel até, mas que importa? viverei ao menos de esperanças e isso suavisar-me-ha os dissabores d'esta vida amargurada; e se um dia o acaso nos tornasse a juntar, se ella quizesse ser minha para sempre, apesar do que diz padre Francisco, eu transporia todas as barreiras que se oppozessem á minha felicidade, faria todos os sacrificios e ella havia de ser minha, por força!... pois que motivos tão poderosos poderão haver para impedir o nosso casamento? e quem sabe se as insinuações de padre Francisco não seriam mais do que um pretexto para me fazer despersuadir d'este amor que me cava a sepultura aos pés? seja o que fôr, succeda o que succeder, a minha resolução está tomada. Emquanto não vir apagar-se a ultima sentelha d'esta esperança, amal-a-hei e o tempo esclarecerá esse mysterio, se acaso existe, em que padre Francisco parece envolver-nos a ambos.»

Embebido n'este mar de reflexões, o atribulado moço caminhava com passos vagarosos e a cabeça pendida para o peito, indifferente a tudo o que o cercava, e tão preocupado ia que nem sequer reparára ter sahido por uma das portas da quinta, que estava aberta, e ir agora caminhando pela aldeia, tornando-se o reparo de algumas mulheres, que sentadas na soleira da porta de uma das habitações, faziam uns esquesitos esgarres na sua passagem, segredando entre si algumas palavras que lhe diziam respeito.

—Coitado—exclamou uma das mulheres quando

viu o pobre rapaz a distancia de não poder ouvil-a;—quem te viu e quem te vê! a bizzarria dos rapazes cá da terra tornou-se n'aquillo que acolá vae; quem o havia de dizer!...

—E' verdade ti'Anna—respondeu uma outra;—aquillo foi cousa que fizeram ao pobre do mocinho; elle nunca assim foi.

—Olhe, tia Joanna—proseguiu a primeira que tomára a palavra,—altos juizos de Deus! a mim é que ninguem me tira da *cachola* que aquillo foi cousa de feitiço que lhe fizeram; por ahi alguma alma damnada a quem o rapaz não quiz dar *trella*....

—Vocês ainda são de bom tempo —interrompeu uma outra mulher,—pois na verdade ainda querem crer que hajam bruxas ou feitiços? eu por mim é que não; Deus Nosso Senhor não dá esses poderes a ninguem; o rapaz não anda enfeitizado, não, o que aquillo é sei-o eu....

—O' Tia Zefa —retorquiu a terceira que fallára,—pois *vomecê* não accreditará que ha gente a quem o *démo* dá poder para fazer mal?... é a primeira que vejo; ora diga-me: lembra-se do caso do Zé Mirão lá debaixo da Lagôa?... viu como elle era um moço fêro e alentado e como morreu sequinho como umas tristes palhas?... e *vomecê* sabe verdadeiramente do que elle morreu?

—Ora do que havia de ser—respondeu Josefa,—de doença que Deus Nosso Senhor lhe deu, ora ahi está....

—Pois está muito enganadinha a esse respeito

—atalhou a credula Antonia. — O *Zé Mirão* morreu mas foi d'uma grande feiticeria que lhe fizeram; e sabe porque digo isto? é porque depois da sua morte fomos encontrar sobre o telhado de sua casa, um boneco de panno, todo cheio de alfinetes, e com um maior, salvo seja, espetado no coração; e o pobre do mocinho do mais que se queixava era de pontadas por todo o corpo, principalmente no coração.

—Lá isso é verdade—acrescentou Joaquina;— o *Zé Mirão* não se queixava de outra cousa senão de pontadas pelo corpo; e ainda outro caso: a Thereza do Thomé se não fosse o darem-lhe no quintal com aquella panella velha cheia de sapos com os olhos coídos, onde estaria ella a estas horas?...

—E o meu Joaquim?—acrescentou outra mulher que até alli se conservára calada—aquella maçã que lhe deram n'uma sarão?

«Haviam de ver como ella estava, passados tres dias!... Ha! mas eu tambem fui finoria; o rapaz trouxe aquillo uma noute de volta de um sarão e o *démo* da maçã estava mesmo a appetecer ferrarem-se-lhe os dentes; era vermelhinha e sã que mettia mesmo cubiça; eu porém desconfiei do negocio e disse ao meu Joaquim que não a comesse e que m'a dêsse; mettia em uma gaveta, e passados tres dias vou vel-a e encontro-a negra e com uma guedelha que mettia medo. Disse eu depois para o meu rapaz:—«olha do que tu te livras-te! nunca mais torões a comer cousa alguma de mão de mulheres!...» Aquella cá me ficou.

—D'isso ha muitos exemplos, tia Maria;—disse

Antonia—o que me admira é a tia Zefa não accreditar n'estas cousas; pois por mais que digam, a mim ninguem me tira da cabeça, que o Antonio, que ha pouco por ahi passou, anda embruxado; foi cousa que lhe deram em comida ou bebida....

—Nada, nada;—exclamou Josefa—está enganada: o que é bem sei eu; querem saber porque o rapaz anda n'aquelle estado? é porque foi ar mau que lhe impeceu á hora da Santissima Trindade, ou alma penada que se recolheu n'elle, ora ahi está; já n'outro dia quiz leval-o a casa da Thereza benzedeira para o defumar e ler-lhe os *enxorcismos*, mas quando em tal lhe fallei pensei d'elle me excommungar.

«Todos os endemoninhados são assim; quando se lhes falla em lhes tirar o *démo* do corpo, dão por paus e por pedras; foi isto o que mais depressa me fez accreditar o ter elle *esprito* mau; e demais não accreditem em bruxedos nem feiticerias, porque isso nunca existiu.

—Emfim será isso, será—exclamaram algumas mulheres mais tendentes em accreditar tudo o que fosse maleficios e superstições.

—Ora ahi está—exclamou Antonia;—pois eu n'isso é que não accredito; quem morre, morre, e não volta cá; emquanto a *espr'itos* isso são *ballelas* de *cachoppas*.

—O' tia Antonia—retorquiu Josefa,—pois *vomecê* na verdade não accredita em ares maus e almas do outro mundo?! *abrenuncio!*... pois que era aquillo que tinha a Francisca da *Azenha* aqui ha tempos? aquelles flatos e *estrebuxos* que lhe davam, que não havia ho-

mem capaz de a segurar?... fui eu mesma que a levei a casa da Thereza benzedeira, e quer saber o que lá se passou? a Francisca da Azenha logo que se sentou e que a Thereza lhe começou a lêr os *exorcismos* e a defumal-a com incenso e alecrim, e lhe deitou um cordão de S. Francisco ao pescoço, ficou como morta: depois quando acabou a benzedura e ella tornou a si, foi-se ver o que havia n'uma moeda de tres vintens que estivera n'um prato de barro, coberta de cinza vinagre, e não sei que mais, aos pés da Francisca, e viu-se estampada nos tres vintens, no reverso das cruces, a figura d'um cão, com pés, rabo, cabeça e tudo!... foi então que a Thereza benzedeira disse que o diabo tinha apparecido áquella alma na figura de um cão, e a Francisca disse depois que n'uma noute quando sahira a comprar não sei o quê á loja do sacristão, vira saltar de cima de uma parede um cão preto e muito grande, que depois foi muito tempo adiante d'ella a saltar!... Ora em vista d'estes e outros exemplos digam que o *démo* não tenta as almas.

—Será isso, será;—atalhou uma das mulheres—mas eu tambem tenho cá minhas duvidas; outro dia estive a fallar com um dos moços do padre Francisco e elle disse-me que o Antonio sahia todas as noutes, sem ninguem saber, por volta das onze e meia e que não voltava senão quasi de madrugada; uma noute, disse-me elle, quiz ir ver para onde elle ia, seguiu-o por algum tempo, mas de repente, em uma encruzilhada, desappareceu e nunca mais o viu; quando depois voltava para casa, diz que vira passar a correr ao

pé d'elle uma cousa negra muito grande, que lhe parecêra um burro novo. Ora quem me diz a mim que era o pobre do Antonio que andará a correr fado e sahe todas as noutes para se transformar em *lobishomem*?

—Se assim é, seria uma obra de caridade quebrar-lhe o fado; era espreitar uma noute onde elle largava a roupa, leva-la e metter-lh'a dentro de um forno, atrancar bem as portas da casa para elle não as arrombar e esperar-n'o em uma encreuzilhada tres ou quatro rapazes resolutos e fazerem-lhe sangue em qualquer parte do corpo; assim quebrar-lhe-hiam o fado; era até uma obra de caridade.

—Pois se assim é—exclamou uma das mulheres—o pobre do mocinho bem póde correr o fado á vontade, porque não haverá ninguem que se atreva a quebrar-lh'o; dizem que isso é cousa muito arriscada.

—Lá isso é—atalhou a tia Antonia,—mas cá para mim é ponto de fé que o rapaz o que tem é ar mau ou alma penada.

—E eu—disse Josefa—ninguem me tira da cabeça que foi feiticeria que lhe fizeram.

A conversação continuou n'esses termos durante algum tempo, emmaranhando-se cada vez mais as diversas opiniões das falladoras, querendo umas que o rapaz padecesse de ar mau ou de alma penada, teimando outras que fosse feiticeria, e opinando algumas tambem que o moço andasse a correr fado.

Durante, porém, esta renhida discussão, uma unica mulher, mais adiantada em annos que todas as outras, e que se conservára muda e impassivel durante a con-

versação, parecendo dar mais attenção ao fiado que lhe corria nos dedos do que ao que se dizia, principiava agora a mostrar nos labios descorados um sorriso frio e malicioso, ao ver a azafama com que cada uma das suas companheiras tentava fazer prevalecer a sua opinião em assumpto de tanta transcendencia.

—Vocês são todas uma sucia de tolas!—exclamou ella a final, tomando por sua vez a palavra—Estão para ahi a aldrabar cousas de que o pobre homem está tão livre, como eu de ser freira; nada do que teem para ahi alevantado é verdade: e querem agora saber do que o Antonio padece, o que o rala e mortifica a cada instante? E' uma grande paixão que elle traz cozida em si; ora ahi tendes.

—Paixão?!..—exclamaram algumas das mulheres com ar de incredulidade.

—Mas por quem, e porquê?—perguntou uma d'ellas.

—Ora por quem e porque ha de ser?... Por causa da Roza do Adro, que o engeitou pelo filho do capitão?

—O' thia *Brigeda*—perguntou Josefa—pois isso é verdade?

—Tão verdade como eu estar agora a fallar com vocês.

—Mas o rapaz—atalhou Antonia,—n'isso o que mostra é ser um toleirão; pois não haverá mais mulheres por esse mundo?

—Lá isso é verdade;—respondeu a velha Brizida—mas que querem? são tolices a que a mocidade

anda sujeita; o rapaz gostava d'ella já de ha muito e julgava-a bem segura; vai senão quando apparece um figurão bem parecido, e n'um momento, zás, rouba-lh'a sem mais satisfações; ora isto, na verdade, é para dar cavaco, mas não tanto que faça andar um homem por ahi a cahir da bocca á morte; emfim o Antonio sabe os motivos que tem para andar assim; cá pela minha parte só digo que elle é um grande tolo.

—Mas, ó tia *Brigeda*, o filho do *capitão* tambem já a não deixou?

—Ha mais de oito dias, creio eu.

—Então o rapaz podia tornar agora a *pegar* o namoro, uma vez que lhe tem tanta affeição....

—Vontade teria elle, me parece, mas ella é que creio não estar pelos autos.

—Olha o *démo* da *lambisgoia*, já viram?—exclamou Josefa—Aquillo tambem só para fidalgos é que serve; os moços da lavoura já lhe não fazem conta, sumo-te, diabo!

—Está bem aviada!—atalhou Antonia—Olhem o filho do *capitão* a *trella* que lhe deu!... O que elle queria era divertir-se e mais nada; e o mais bonito da cousa é que a rapariga estava já tão convencida que o morgado casava com ella, que já nem cavaco dava ás amigas.

—Coitada!—acrescentou Josefa—Andava tão inchada que nem que trouxesse o rei na barriga; mas tambem foi bem feita; agora que torne a fallar para *ricouços*, se não lhe aproveitou a lição....

—Para filho meu é que não a queria nem pin-

tada!—exclamou tia Maria—Aquillo só serve para comer e estar de poleiro, não é mulher para ajudar o homem.

—O' tia Maria, gostava ainda de a ver casada com um homem que a fizesse andar no campo com uma enxada, como nós andamos; queria ver aquellas mãosinhas de cera callejadas e crestadas como trazemos as nossas.

—Ah, livre-a Deus de similhante cousa; o enguiço da rapariga dava á costa dentro em pouco; era até capaz de se enforcar no galho de uma arvore se a obrigassem a isso.

—Estaes enganadas—acrescentou Brizida.—Antes d'isso havia de *engrolar* o homem com as suas *retolicas*, a pontos de elle lhe não mandar fazer cousa alguma; aquillo tem uma lamuria e falla que nem o padre cura nas praticas dos domingos.

—Deixal-a lá; tolo será quem pretender uma tal delambida.

—A gente a fallar no diabo e elle á porta, diz o ditado; ella ahi vem!—exclamou repentinamente Josefa.

Todos os rostos se voltaram a esta exclamação e a conversa interrompeu-se como por encanto.

Effectivamente a Roza do Adro encaminhava-se para o sitio onde estava o grupo das maldizentes, e estas á sua aproximação, compozeram nos rostos uns sorrisos hypocritas, e continuaram a fallar, mas sobre assumpto completamente diverso d'aquelle que ha pouco tractavam.

Roza, passados minutos, chegava proximo das mulheres, e com o riso nos labios exclamou:

—Boas tardes, tia Brizida, e companhia.

—Vem na graça do Senhor—responderam as mulheres.—A estas horas por aqui é milagre—acrescentou uma d'ellas.

—Vou a casa do regedor levar á filha esta jaleca e esta saia que lhe fiz.

—Ah, sim!—exclamou Antonia—Então é para estreiar já no domingo, no arraial do *martele* (S. Sebastião?)

—Creio que sim—respondeu Roza.

—Aquella tambem, por mais que se aceie, não é capaz de fazer-se bonita como o quer ser—disse Joaquina.—Se não fossem os bens, parece-me que toda a vida ficava solteira; se ella fosse cá como a Roza, isso sim.

—Sim, se fosse como eu....—respondeu Roza sorrindo-se—Ora o disparate! nem que eu não fosse uma mulher como as outras.

—Bem sabemos isso; mas é que tu ao menos podes gabar-te de não teres quem te deite agua ás mãos em boniteza; quanto a ella, Senhor me ajude....

—Ora deixe-se d'isso; querem agora apoquentar-me com essas cousas?

—Estás uma bregeira.... E' verdade, e o filho do *capitão*?—perguntou-lhe Antonia.

—Eu sei lá do filho do capitão! Ora essa!...—respondeu Roza, córando, mau grado seu.

—Então sempre foi verdade vocês largarem o namoro?

—Namoro!... foi cousa que nunca existiu entre nós—continuou ella cada vez mais embaraçada.

—Ora, deixa-te d'isso; pois vocês andavam já tão agarradinhos, que não te digo nada.

—Era o que julgavam, mas enganaram-se; aquillo era só para passar o tempo.

—Pois olha, já se fallava em casamento—disse Brizida com um certo ar de ironia.

—Pois eu é que nunca em tal pensei; se eu fosse tão rica como elle, então poderia ser....

—Não é tanto assim; tu é verdade que não és rica, mas tambem não és para engeitar; se elle casasse contigo, poderia tambem gabar-se de levar a flôr da aldeia, e além d'isso uma rapariga prendada e boa mulher de casa.

—Deixem-se d'isso querem agora caçoar-me?

—Não é caçoar, é a verdade; mas então sempre foi certo o acabarem de vez?

—Vai para oito dias que não fallamos, nem tentões ha d'isso.

—Sim! e porque se *assanharam*?

—Por nada. . . . elle entendeu que merecia cousa melhor e eu conheci que não merecia cousa tão boa. . . .

—Sabes tu. . . eu se fosse a ti começava outra vez a conversar com o Antonio do padre; o rapaz, coitado, depois que o deixaste anda ahi que mette pena.

—Que lhe hei de eu fazer? A culpa não é minha: não lhe faltam por ahí raparigas com quem se divirta.

—Mas vocês, ao que parece, já havia muito que se namoravam....

—Namorar não; eu propria lhe disse e direi sempre que fui e sou ainda amiga d'elle, mas para isso nunca.

—Tu também és muito embirrenta; olha que o Antonio é bom rapaz e por morte do padre....

—Sei que é bom rapaz, não o nego; mas a gente a casar-se deve ser com um homem a quem tenha amor; sempre assim pensei.

—Lá isso é verdade: isto de casar não é negocio de brincadeira; basta dizer que é a gente amar-se por toda a vida, e portanto dou-te razão.

O dialogo terminou aqui. Roza despediu-se das boas mulheres e retirou-se.

Aquellas servas do Senhor, que antes da sua chegada tão pouco lisongeiramente fallavam da rapariga, e que na sua presença lhe teciam milhares de lisonjas, lá ficaram continuando na sua boa obra de criticar quanta gente conheciam, não deixando sem longos comentarios o procedimento de Roza e as palavras que tinha ha pouco proferido na conversação. Boas e santas almas aquellas!

XII

São decorridos trinta e tantos dias depois dos successos que deixamos escriptos.

Os dous jovens continuam a amar-se com todas as loucuras e enlevos de uma paixão sempre crescente, e as entrevistas nocturnas, que jámais deixaram de interromper-se por uma só vez, contribuem em grande parte para o desenvolvimento d'esse amor que referve de hora para hora n'aquelles dous corações anhelantes de felicidade e de vivas sensações.

Na aldeia já se não fallava n'estes amores, porque de ha muito ninguem vira mais Fernando fallar com a bella rapariga, e esta pela sua parte empregava todos os meios para fazer accreditar que taes relações tinham acabado. O que ainda alguém notava era o recato e recolhimento em que a bella aldeã vivia, despresando sempre quaesquer convites que lhe faziam para ir a este ou áquelle divertimento, mas todos attribuiam isso ao seu genio altivo e vaidoso.

Eram pois completamente ignoradas na aldeia as relações de Fernando com a Roza do Adro, e só uma unica pessoa sabia d'ellas, mas essa guardava o maior segredo e discrição a tal respeito.

Essa pessoa era o moço do padre, que firme no seu proposito, seguia passo a passo todas as minudencias e peripecias d'essas relações.

Todas as noites sahia de casa de seu amo sem ser visto, ia collocar-se, á hora determinada, umas vezes atraz de uma parede, outras occulto pela sombra das arvores do caminho que conduzia ao pinhal que ficava na rectaguarda da habitação de Roza, e ahi esperava a passagem de Fernando; seguia-o depois a uma certa distancia com todas as precauções para não ser presentido, e chegado alli ia occultar-se por detraz do muro que estava proximo do local em que os dous amantes costumavam ter as suas entrevistas, não perdendo a mais insignificante palavra da conversação que havia entre elles. Terminada a entrevista, Antonio regressava a sua casa e entrava com as mesmas precauções com que sahira.

Ignoravam, pois, completamente, os dous amantes a presença d'esta testemunha ou d'esta sombra que por toda a parte os seguia, e por isso entregavam-se sem o menor receio aos transportes do amor que os abrazava, não se tendo nunca dado o mais pequeno dissabor, o que contribuia para o recrescimento da affeição e da familiaridade que costuma adquirir-se no decorrer d'essas relações.

Uma noite, porém, a fatalidade ou o demonio da tentação veio abrir um novo periodo a essas relações.

.....

Era n'uma noite de horrorosa tempestade.

A chuva desde o entardecer cahia em grossas torrentes, o vento, forte e destruidor, assobiava sinistramente por entre a ramagem das arvores, e na sua carreira impetuosissima parecia abalar as proprias entranhas da terra; a trovoadá estalava no espaço com horrivel estrepito e os relampagos incessantes, descreviam uns discos luminosos que aclaravam o céu de um negro carregado.

Era umas d'essas scenas sublimes de terror, que só se presenciam bem nos logares distantes das cidades e que abalam os espiritos mais fortes e intrepidos!

Sem embargo d'essa completa revolução dos elementos, Fernando sahira de casa ás horas costumadas e encaminhara-se para a habitação de Roza.

Chegado alli soltou o signal aprazado e passados momentos a moça, cuidadosamente embuçada, acercou-se de Fernando, tranzida de medo pelo aspecto da noite.

—Que imprudencia, Fernandinho—exclamou ella com a voz tremula—pois atreveu-se a vir aqui com semelhante tempo?!

—Calla-te, minha querida—respondeu o moço beijando-a na face;—quando se ama como eu te amo não ha perigos nem difficuldades que se não vençam.

—Mas, meu Deus! com esta noute é impossivel permanecer-mos aqui por muito tempo.

—Bem o sei, Roza; mas eu vim aqui sómente para te ver e dar-te um beijo; agora que satisfiz os meus desejos, retiro-me.

—Mas eu não queria que se fosse já embora; desejava tel-o mais um pouco ao pé de mim.

—E' impossivel; não vês que já estás toda molhada e que isso póde fazer-te mal?

—Não tem duvida; eu mudarei de roupa; não se retire já.

Ao pronunciar estas palavras, um trovão, mais forte que todos os outros, estalou com horrivel estampido e uma faísca electrica, que immediatamente lhe sobreveio, cahiu a pouca distancia dos dous amantes, partindo os galhos de uma arvore.

—Jesus!—exclamou Roza atemorizada, agarrando-se freneticamente aos braços de Fernando.

—Socega, não foi nada—respondeu este tentando tranquillisal-a,—já vês que é impossivel continuarmos a estar aqui por mais tempo; a chuva cada vez engrossa mais, a trovoadá parece principiar agora e por tanto vae para casa e amanhã voltarei; adeus.

—Então adeus—respondeu a moça reclinando tristemente a cabeça sobre o hombro de Fernando e beijando-lhe as mãos.

—Vamos, vamos—continuou elle tentando desvencilhar-se dos braços de Roza.

—Olhe, Fernandinho—exclamou ella subitamente—eu não queria que se retirasse já; aqui é impossivel

estar; pois bem, ha um lugar em que poderemos estar abrigados do temporal.

—Então onde?

—Acolá; no meu quarto.

—No teu quarto?!

—Sim, sim, venha depressa,—e lançando mão de um dos braços do moço, obrigou-o a seguil-a, sem mesmo lhe dar tempo de proferir a mais minima palavra.

Chegados, porém, á porta da habitação, Roza parou subitamente como se lhe tivesse occorrido á imaginação um qualquer pensamento, e com a voz commovida exclamou:

—Fernandinho, antes de entrar n'este aposento queria que me fizesse uma cousa; o amor arrasta-nos muitas vezes ao precipicio pela leviandade ou pouco pensar com que quasi sempre procedemos; calcúlo só agora o perigo a que me exponho.... apello para o seu amor e para a bondade da sua alma; jura guardar-me o respeito que me tem guardado até aqui e que não tentará abusar da fraqueza d'esta mulher que o ama tanto?

—Olha, minha Roza—respondeu Fernando,—vou fallar-te com a franqueza que sempre me conheceste. O amor é um sentimento tão cego e poderoso, que muitas vezes não podemos fugir aos seus effeitos nem enfrear, a sangue frio, os seus impulsos e tentações, eu no emtanto farei todo o possivel para fugir á sua fascinação; succeda, porém, o que succeder, eu já te jurei que serás a minha unica esposa e este juramento;

que jámais o trahirei, pôr-te-ha a coberto de quaesquer eventualidades.

—Mas jura-me....

—Disse o que tinha a dizer-te; nada mais acrescento.

—Meu Deus....

—Olha, Roza; é melhor terminarmos com estes escrúpulos, que eu respeito; tu entras já no teu quarto e eu vou para minha casa; assim estarão sanados todos os receios; adeus.

E Fernando fez menção de retirar-se; Roza, porém, debulhada em lagrimas e receiosa de que elle se retirasse agastado pelas suas exigencias, lançou-lhe os braços em volta do pescoço e exclamou:

—Não se retire; venha; entrego-me á sua bondade e que a Providencia vele por mim.

E entraram ambos no quarto de Roza, n'aquelle templo de virgindade e innocencia nunca profanado, sequer, pela presença de um homem.

Por uma notavel coincidencia, a unica luz que alli havia, e que era uma pequena lampada que todos as noites ardia junto de um quadro com a imagem da Virgem Santa, apagou-se á entrada dos dous, ou por falta da materia que a alimentava, ou por alguma corrente d'ar que alli se introduzisse ao abrir a porta, ficando assim aquelle recintheo envolto nas mais densas trevas.

A porta tornou a fechar-se, um ruido imperceptivel denotou o desandar da chave na fechadura, e depois.... nada mais se ouviu....

Instantes depois da porta se fechar, um homem saiu do meio das sombras, correu impetuosamente para ella com o vestuario em desalinho, a cabeça descoberta e os cabellos á mercê do vento. Dir-se-ia ao vel-o, algum espectro horrendo sahido das entranhas da terra, ou a sombra de um ser sobrenatural.

O homem, que não era outro senão Antonio, ao aproximar-se da porta fez menção de se arremessar desesperadamente sobre ella; mas de repente conteve-se e encostou-se, como extenuado, á ombreira de pedra, applicando o ouvido ao orifício da fechadura.

Permaneceu n'aquella posição por espaço de meia hora, sem fazer o mais pequeno movimento nem dar o mais minimo accordo de si, similhando-se a um corpo pregado alli por cadeias de aço que lhe impedissem os movimentos.

O clarão avermelhado de um relampago veio subitamente illuminar-lhe o rosto.

Estava livido como um cadaver e as faces contorciam-se-lhe a cada instante em convulsões horriveis

De subito, aquelle corpo que parecia jazer inanimado, estremeceu todo, affastou-se alguns passos, levantou os braços, e com os punhos cerrados arrojou-se para a porta com a raiva e a sanha de um leão enfurecido exclamando com a voz abafada pela colera.

— Miseravel vaes pagar com a vida a tua imprudencia; será um crime vingado por outro!

Mas ainda pela segunda vez, ao aproximar-se da porta, estacou, como se um poder occulto dominasse os seus movimentos; os braços descahiram-lhe com desalento

e elle proprio pareceu ver-se forçado a sentar-se para não desfalecer; então, deixando pender a cabeça, pareceu dar livre curso ás lagrimas que lhe cahiam em fio pelas faces.

—Está tudo terminado—murmurava elle.

«Que me resta agora? fazel-o cumprir os seus juramentos?... e será elle capaz de os satisfazer?... oh não, de certo!... Um homem que assim procede, um homem que tão deshumanamente abusa do amor e da fraqueza de uma mulher, é um covarde, é um infame, incapaz de commetter uma acção boa, de cumprir uma promessa, um dever até que lhe impõe a sua honra e a sua dignidade!... Eu já previa tudo isto, mas aquella desgraçada não me quiz dar ouvidos, e a final, que lhe resta agora?... A desgraça e a vergonha!... Pobre Roza! e eu que não fui capaz de a arrancar do perigo que lhe estava eminente! Mas tambem de que valiam os meus conselhos e os meus rogos, se ella a nada attendia?! Pois bem, se não te pude valler n'este momento, poderei ao menos vingar-te! tenho commigo uma arma carregada; quando elle vier a sahir a porta matal-o-hei.... Mas não, este logar é improprio; a detonação do tiro póde alvoroçar a vizinhança, surprehenderem-me na fuga, prenderem-me e então estarei perdido irremediavelmente.

«Nada, é necessario fazer a cousa de modo mais seguro; ignorando-se que fui eu o author do crime, Roza depois da morte d'esse homem poderá ainda ser minha mulher; eu amo-a tanto que apesar d'esse desgraçado successo que acabou de se dar, ainda me daria

por feliz em tel-a por esposa; e poderia o mundo censurar-me um tal procedimento?... de certo que não, porque ignora tudo; é um segredo de que eu por ora sou o unico senhor, e demais livrava-a da vergonha e do despreso d'aquelles que a conhecem.

«E' bem extraordinario este amor!... Está pois tudo decidido. Fernando deve morrer hoje mesmo! Vou esperal-o á encruzilhada do fim da bouça.... é um sitio a proposito.... A noite está medonha, não anda viva alma por esses caminhos e poderei então satisfazer a minha vingança! Ah snr. Fernando, vai vêr como se castigam os crimes como o que acabou de praticar.

E ao concluir estas reflexões afastou-se da habitação, saltou o muro do quintal e encaminhou-se para o local que tinha escolhido.

A' medida, porém, que ia andando, a serenidade de espirito vinha pouco a pouco substituir a exaltação em que estava, e em alguns momentos a reflexão e a clareza das edeas veio applacar-lhe as iras e o despeito em que se contorsia a sua alma atribulada.

—A final —continuou elle reflexionando, ao passo que se dirigia para o sitio premeditado—que proveito util posso eu tirar d'este attentado?... Se Fernando morrer ás minhas mãos, Roza, que tanto o ama, é capaz de crêr que fui eu o author da sua morte e além do odio que depois nutrirá contra mim, será até capaz de me denunciar; se ao contrario não julgar que fui eu quem o matei, será capaz de suicidar-se tambem e depois

serei eu não o causador de uma morte mas de duas. Nada, pensei mal. Que viva; se cumprir os seus juramentos, regosijar-me-hei com isso; se se der o contrario então teremos irremediavelmente de ajustar contas; deixemos pois obrar por enquanto o destino!

Estas ultimas ideias fizeram-n'o desistir afinal das suas primeiras tenções e por isso dirigiu-se para casa com o coração despedaçado e gotejando fel.

XIII

Tinha quasi terminado o tempo das ferias escolares e chegára o dia em que o moço estudante devia regressar ao Porto a fim de concluir a sua formatura.

Era pois obrigado a deixar por alguns mezes o lar domestico, aquellas campinas, e sobre tudo Roza, a quem promettera a sua mão.

Devia ser bem triste aquella despedida!...

E Roza? Que successos se deram durante o tempo que medeou entre aquella horrivel noite de tempestade e a hora do apartamento? perguntar-me-ha de certo o leitor; eu lhe conto.

Roza, aquella encantadora rapariga de olhar vivo e penetrante, de faces rosadas, e cujos labios sempre entreabertos por um sorriso provocador, pareciam a cada passo dizer quanta felicidade lhe ia n'alma, já não era a mesma de outr'ora!

Dir-se-hia ao vél-a agora, que um pesar bem profundo lhe anuviára para sempre a existencia, e que com a côr de roza que se lhe desmaiara das faces tinha tambem fugido a alegria do coração.

A travessa costureira de outr'ora, vivia agora como escondida das vistas do mundo.

Do rosto fugira-lhe aquelle ar de satisfação, assim como o acarminado da pelle; os olhos outr'ora brilhantes tornaram-se-lhe de uma languidez e insensibilidade espantosas, e os labios nacarados que pareciam a cada instante pedir mil beijos, estavam agora seccos e debotados como as petalas de uma rosa crestada pelo sol; finalmente, aquelles louros cabellos que ella caprichava em trazer sempre nedeos e penteados, viam-se em desalinho e erriçados pela falta de cuidado. Até no proprio vestuario se notára um certo desleixo que nunca se lhe vira; já se não adornava com aquelles vestidos e corpetes garridos e alegres, que d'antes desafiavam a attenção das outras raparigas, e uma saia escura e um lenço da mesma côr, vieram substituir aquelles antigos enfeites que tanto faziam sobresahir a sua belleza.

Ainda assim Roza era sempre encantadora, mais encantadora talvez do que outr'ora! Aquella tristeza que lhe assombrava de continuo as faces, a pallidez do rosto e aquelle olhar amortecido mas de uma ternura angelica, davam-lhe um aspecto mais poetico e enternecedor.

Além d'isso, o louro anjo das selvas já não desafiava com a sua voz os alegres cantares das aves,

nem moço algum da aldeia lhe tornára a ouvir aquellas respostas picantes mas engraçadas.

Lá continuava a estar, como d'antes, á janel-la, com o rosto reclinado sobre o trabalho, mas a vidraça permanecia sempre descida como se d'essa fôrma quizesse furtar-se ás vistas importunas dos curiosos e esconder as lagrimas que a cada passo lhe cahiam em fio pelo rosto.

Quaes seriam, pois, os motivos de uma tal mudança, d'aquellas lagrimas e d'aquelle abatimento physico e moral?

Era o que ninguem sabia. Tanto a avó de Roza como todas as outras pessoas da aldeia, que não deixaram de ver com espanto aquella repentina mudança, attribuiam tudo a um qualquer padecimento, mesmo porque a moça quando lhe dirigiam qualquer pergunta a tal respeito, respondia sempre com evasivas ou então dizia sentir-se doente sem saber a origem do mal.

O amor que consagrava a Fernando, esse é que não se lhe extinguiu do coração: antes pelo contrario parecia ter redobrado de ardor e violencia; já não era só amor, era uma paixão que tocava as raias da loucura!

E Fernando? Esse tambem mudára bastante, mas que mudança!

Parecia ter esfriado bastante o amor que tanto o abraçava em principio. Pelo menos, desde um certo tempo as entrevistas com Roza tinham rareado bastante; tratava-a com menos carinho e muitas vezes parecia até cangar-se com as mais pequenas exigencias

da pobre moça, olhando para as suas lagrimas com uma indiferença e frieza estranháveis.

A que se podia também attribuir este esvaimento de um amor que se dizia tão ardente e inextinguível?

Seria talvez a decadencia da formosura da joven, aquelle desleixo no vestuario, o desapego, emfim, a tudo o que podesse fazer sobresahir a sua belleza?

Fosse qual fosse o motivo, o que é certo é que Fernando já a não amava com aquelle ardor de outr'ora e parecia até principiar a sentir por ella um tédio que dentro em pouco resultaria provavelmente em profundo aborrecimento.

A desgraçada moça não era indifferente a estas demonstrações, e no intimo de sua alma principiava a crear-se uma chaga, mais tarde talvez de impossivel cicatrisação.

Não obstante, nunca soltára a minima queixa, e antes pelo contrario redrobava sempre de carinhos e de cuidados para aquelle cuja affeição principiava a ver desaparecer como uma nuvem que o vento desfaz.

Chegára, pois, como disse, o dia em que o joven estudante devia partir para o Porto.

Na vespera d'esse dia, Fernando, pelo meio da noute, fôra dar o adeus de despedida á inconsolavel rapariga.

Esta, esperava-o já no quintal, e ao avistal-o, as lagrimas saltaram-lhe instantaneamente dos olhos. O moço, pela sua parte, sentira-se também n'esse momento tristemente impressionado, e foi com voz vacillante que exclamou;

—Roza, venho despedir-me de ti; como sabes vou amanhã para o Porto.

A rapariga lançou-se-lhe nos braços sem poder responder-lhe; tal era a commoção d'aquella alma atribulada.

—Vamos—continuou elle,—nada de lagrimas; não queiras tornar mais sentida e triste esta despedida; resigna-te e não te entregues tão loucamente a uma dôr sem motivos.

—Sem motivos, snr. Fernando?!..—aventurou Roza.

—Sim, pois não vês que não te deixo senão por alguns mezes e que hei de voltar?

—Quem sabe....

—Ora deixa-te de tolices! bem sabes que logo que termine a minha formatura volto para a companhia de meus paes; poderia deixar de vir, mas só se morresse.

—Oh não diga isso que me despedaça o coração.

—Bem, então já vez que não ha motivos para tantas lagrimas.

—E quem sabe se quando regressar quererá sequer vêr-me?!

—Que loucura!

—Ora diga-me com franqueza: o snr. Fernandinho já não me tem a affeição que me tivera em outro tempo, não é verdade?

—Enganas-te; o amor que sempre te consagrei não afrouxou sequer um momento.

—Então qual é a causa d'essa sua frieza, porque tem rareiado tanto as suas vindas aqui?

—Bem sabes que os preparativos de viagem teem-me tomado grande parte do tempo e por isso. . . .

—Ah! Fernandinho, o senhor não falla verdade, diz-m'o o coração.

—Pois se t'o diz, mente-te; que motivos poderia eu ter para deixar de te querer?

—Não sei. . . talvez o aborrecimento que principio a causar-lhe. Que triste presentimento me assalta, meu Deus!

—Póde saber-se qual é elle?

—O de realisarem-se as propheticas palavras de Antonio!

—Tambem és supersticiosa?

—Sou-o n'este ponto, não o nego, e sabe porque?... Porque tenho conhecido no snr. Fernando uma notavel mudança; ia até jurar pela alma da minha mãe, que o senhor já me não ama! . . .

—Enganas-te Roza. . . .

—Não engano, não, snr. Fernando. Ah, meu Deus, que seria de mim, coberta de oprobrio e de vergonha! . . .

—Cala-te; dei a minha palavra e espero que a cumprirei; desejaria que não fizesses tão mau conceito de mim. . . .

—Perdão, snr. Fernando, perdão, o amor que lhe tenho e o receio de um dia me deixar é que me faz ser assim incredula; perdoa-me não é verdade?

—Estás perdoada; agora não fallemos mais n'is-

so. A'manhã, ao romper o sol, partirei, e como já te disse, só voltarei depois de concluída a minha formatura. Depois d'isso ver-nos-hemos e continuarão as nossas relações como até aqui; estás satisfeita?

—Estou; agora um pedido men, e é que durante a sua ausencia me dê uma prova de que longe d'aqui não se esquecerá d'esta pobre rapariga que tanto lhe quer.

—Pede o que quizeres; vejamos?

—Desejava que o snr. Fernando, de vez em quando roubasse cinco minutos aos seus estudos para me escrever duas linhas de amor e de esperança.

—Escrever-te?... Pois sim, escrever-te-hei uma vez por semana: mas como hades conseguir que as minhas cartas te cheguem ás mãos?

—Não lhe dê isso cuidado. Se fôr necessario irei eu propria buscal-as á estação; é verdade que d'aqui lá dista uma boa legua, mas isso não tem duvida; poderei tambem pedir ao moço do ab bade, que vai lá todos os dias, que m'as traga. Emfim, de qualquer fórma aranjarei a recebel-as; agora peço-lhe que me deixe tambem a sua morada para lhe responder.

—Rua Direita n.º

—Muito bem, rua Direita, n.º . . . não me esquecerei.

A conversação continuou ainda por algum tempo, até que chegou a hora da despedida.

Não nos deteremos em descrever uma d'essas scenas commoventes, sublimes de dôr, em que as lagrimas fallam mais do que a voz e os suspiros mais que quantos

juramentos poderão haver para exprimir os receios, as duvidas e o pesar de um apartamento de dous entes acostumados a ouvirem-se todos os dias, e a verem-se a todos os instantes.

Roza, com os braços em derredor do pescoço de Fernando, imprimia-lhe successivos beijos nas faces e pronunciava um immencidade d'essas phrases de amor, de saudade e de esperança. Dir-se-hia que a pobre da rapariga parecia prever n'aquella despedida o ultimo momento de felicidade para ella e que com a partida de Fernando se lhe ia a derradeira esperança e o ultimo alento da vida.

Fernando, pela sua parte, tambem não pôde occultar n'aquelle momento a sua commoção e por mais de uma vez sentiu as lagrimas humedecerem-lhe as palpebras.

O moço desvencilhou-se, a final, dos braços de sua amante e fazendo menção de retirar-se exclamou.

— Adeus, Roza; resigna-te e crê no meu amor.

— E parte sem me dar o ultimo beijo?

— O' filha, pois quantos queres mais?

E acercando-se de Roza deu-lhe dous ferneticos beijos, depois do que apertou entre as suas as mãos d'ella e retirou-se mormurando algumas phrases de despedida.

A joven, soffocada pelo pranto, apenas pôde dizer entre soluços:

— Adeus, Fernandinho, não se esqueça d'esta desgraçada e lembre-se dos seus juramentos.

Na volta para casa, Fernando ia tristemente preocupado e por mais de uma vez exclamou:

—Pobre rapariga! nunca nós nos tivéssemos visto. A's vezes parece-me amal-a realmente e se não fosse a imagem de Deolinda, d'esse anjo que a cada momento se me apresenta á imaginação.... Mas como poderei eu agora livrar-me de qualquer d'ellas, se é que amo a ambas, e se as acho dignas do meu amor?! Sempre preparei uma meada, que não sei como desvencilhar-me d'ella!

XIV

A baroneza de F.... viuva de um brigadeiro que por mais de uma vez derramára o seu sangue no campo da batalha em defeza da sua patria, era uma senhora de perto dos seus 60 annos, de cabellos um pouco nevados, rosto sereno e franco, bocca risonha, transpirando sempre na sua physionomia um ar de satisfação e de bondade que bem patenteava os dotes da sua boa alma.

Casára aos 25 annos com o barão de F.... então cadete no exercito e filho de uma nobre familia da provincia, do qual como filho unico herdara uma boa fortuna, e d'esse consorcio houve tres filhos, dous dos quaes morreram em tenra idade ficando apenas o mais novo d'elles, que era uma gallante menina chamada Deolinda.

Alguns mezes depois do nascimento d'esta creança, a baroneza recebeu um dia a triste noticia de que

seu marido, então brigadeiro, morrera atravessado por uma bala no campo da batalha, legando-lhe além dos muitos haveres, o brazão illustre de seus antepassados dos quaes sua filha era a unica vergontea.

Desde então a baroneza foi fixar a sua residencia na aldeia onde encontramos a Roza do Adro, e ali viveu durante alguns annos em uma propriedade sua, datando d'essa epocha as relações da filha da baroneza com Roza, depois do que regressaram as duas senhoras para o Porto, onde vieram habitar.

A baroneza, no Porto, vivia em uma elegante habitação, um pouco affastada do centro da cidade, e por isso desligada do grande mundo, não porque os seus haveres não lhe permittissem hobrear com as principaes familias, mas porque, votada de ha muito a uma existencia quasi monotona e sem fausto, aprazia-lhe mais aquella solidão do que o bulicio dos salões.

Sua filha Deolinda, então já senhora dos seus 23 annos, era uma d'essas compleições delicadas, franzinas, cheias de amor e suavidade.

Não podia chamar-se-lhe uma mulher formosa, mas sim sympatica e dotada de um não sei quê, que encantava. N'aquelle rosto um pouco pallido haviam uns olhos meigos que enlevavam, uma bocca risonha que parecia protestar mil juras de amor, um conjuncto de dotes, finalmente, que patenteavam bem claramente quanto amor e quanta bondade havia no coração que se occultava debaixo d'aquelle seio de neve.

Afóra os criados e alguns amigos velhos da fa-

milia, a casa da baroneza era apenas frequentada pelo nosso conhecido Fernando, que vivia na intimidade das duas senhoras, sendo por ellas estimado como um parente. Essas relações datavam não só da epocha em que a baroneza vivera na aldeia, mas tambem do dia em que, no Porto, o pae de Fernando fôra recomendar-lhe o novo estudante, collocando-o sob as vistas e protecção da boa senhora.

.....

São depois de decorridos perto de quatro mezes em que deixamos Fernando despedindo-se de Roza, na aldeia, que o vamos encontrar em casa da baroneza em animada e despertenciosa conversação com as duas senhoras.

Achavam-se os tres em uma pequena sala elegantemente mobilada, sentados, a baroneza na sua costumada cadeira de braços, junto de uma pequena meza, sobre a qual se via aberto um pequeno livro de orações, Deolinda defronte d'ella, proximo de um bastidor, onde bordava um grande ramo de flores, e Fernando, um pouco perto d'esta, em um sophá.

—Com que então—dizia a baroneza,—o nosso caro amigo não nos póde ámanhã fazer companhia ao chá, não é verdade?

—Effectivamente, snr.^a baroneza — respondeu Fernando, — tenho ámanhã *piquete* no hospital e por isso....

—Ora deixa-o fallar—atallhou Deolinda,—A ma-

mã ainda acredita n'elle?... O que elle de certo tem é por ali algum outro passatempo mais proveitoso a que não poderá faltar....

—Juro-lhe, minha senhora.... — respondeu o moço.

—Não jure, não jure nada—interrompeu a joven.—Não quero contrariar-lhe os desejos.

—Ahi estás tu já toda despeitada com o snr. Fernando—disse a baroneza.—Visto isso não queres que elle cumpra com as suas obrigações?

—Deus me livre de tal, mamã, mas como desde que vem a nossa casa é o primeiro dia que quer faltar, sendo vespóra de feriado....

—O acaso assim dispoz das cousas—continuou Fernando.—V. exc.^a bem sabe que eu tenho obrigação de obedecer aos meus mestres.

—Deixe-a fallar, snr. Fernando—disse a baroneza.—Esta minha filha tem exigencias bem loucas; é uma cabeça de vento, que não pensa no que diz.

—Perdão, minha senhora; ella effectivamente tem razão, porque desde que entrei no 5.^o anno, é esta a primeira vez que fico preso em uma vespóra de feriado; comtudo, o mais que posso fazer, é dar uma parte de doente, do que eu nunca gostei, e assim ficará satisfeita a snr.^a D. Deolinda.

—Nada, nada; não quero que faça sacrificios nem dê faltas por nossa causa; se é verdade ter ámanhã o tal *piquete*, como lhe chama, fica desculpado, mas tenha cuidado em não faltar á verdade, senão....

—Dou-lhe a minha palavra de honra snr.^a D. Deolinda.

—Estou convencida; mas em compensação façamos hoje companhia, se é que não tem também alguma força maior que o impeça; a mamã dá licença não é verdade?

—Pois não, minha filha, a pergunta era escusada.

—Fica snr. Fernando?—perguntou a joven sorrindo-se.

—Com todo o gosto; estou completamente livre e nada me póde impedir de acceder a um convite com que tanto me honro.

—Ora ainda bem—respondeu D. Deolinda com ar de satisfação.

—Ao menos—exclamou a baroneza,—já que está prestes a deixar-nos é necessario que seja mais assiduado nas suas visitas a nossa casa.

—D'aqui até lá ainda faltam alguns mezes, snr.^a baroneza, e mesmo quem sabe se depois de concluir os meus estudos eu deixarei de vêr vv. exc.^{as}?

E Fernando, ao proferir estas palavras, trocou com Deolinda um olhar furtivo, transparecendo nos rostos de ambos um sorriso significatissimo que não foi visto pela baroneza.

—Então—Continuou esta—tenciona ficar a exercer a medicina no Porto?

—Talvez. . . . veremos.

—Ora deixe-o fallar, mamã; verá como elle, logo que se fórme, volta para casa de seus paes, desposa

por lá alguma morgada rica e nunca mais se lembrará de nós.

—E' muito injusta, snr.^a D. Deolinda; os laços de amizade que me prendem a vv. exc.^{as}, as finezas que lhes devo, jámais me farão ingrato. Quanto ao casamento com a tal morgada rica que v. exc.^a imaginou, creio que foi um gracejo....

—E ha n'isso alguma cousa de extraordinario ou de impossivel?—perguntou a joven com um riso malicioso.

—Talvez, minha senhora....

—Póde saber-se pelo quê?

—Porque tenciono casar-me no Porto.

—Ah, sim?!—exclamou a baroneza sorrindo-se—Póde dizer-nos então quem é a feliz noiva?

—E' por enquanto segredo.

—Ao menos se é rica, formosa, prendada....

—Nada mais posso responder-lhe, snr.^a baroneza, senão que a amo.

—E ella corresponde-lhe?

—Creio que sim.

—Então não tem a certeza?

—Tenho-a muitas vezes ouvido jurar-me uma afeição eterna, mas como o coração das mulheres é....

—Cale-se, não diga tolices—atalhou repentinamente D. Deolinda.—Uma mulher quando jura o seu amor a um homem, creio que não póde mentir-lhe.

—A's vezes—retorquiu Fernando.

—Tem então muita razão de queixa das que tem amado?

—Nenhuma, porque também até hoje só uma soube prender-me o coração....

—E essa?

—Essa creio que me é constante.

—E não te enganar—respondeu D. Deolinda, aproveitando a occasião em que a baroneza levantando-se, se afastára um pouco para ir buscar um outro livro a uma pequena estante.

—Mas com que assumptos estão agora a entreter-se—exclamou a baroneza voltando a sentar-se;—não poderão fallar em outras cousas?... se assim continuam, agastam-se, e o resultado....

—O resultado é ficarmos sempre amigos—respondeu Fernando.—Não é assim, snr.^a D. Deolinda?

—De certo, snr. Fernando.

—E' verdade—exclamou a baroneza,—deixa-me ir prevenindo-o; olhe que no dia em que fizer o seu acto grande, espero que virá jantar connosco juntamente com seus paes; fallo-lhe com tempo para que não se comprometta com outras pessoas; accita o convite, não é verdade?

—Com o maior prazer, minha senhora.

—E a mamã não o convida agora também para o nosso passeio de domingo?—interrogou D. Deolinda.

—Tens razão, ia-me já isso esquecendo. No domingo tencionamos ir dar um passeio a Leça, quer dar-nos o prazer da sua companhia?

—Vv. exc.^{as} confundem-me com tantos obsequios; não se tinha mais defferencia com um parente.

—Parente?... —retorquiu a baroneza lançando

um olhar para sua filha.—E não póde ainda sel-o? não é já o senhor o nosso mais intimo amigo?

Houve em seguida a estas palavras um momento de silencio.

A final, a baroneza, sempre com aquelle bondoso sorriso a pairar-lhe nos labios, levantou-se exclamando:

—O snr. Fernando dá-me licença que me retire por alguns momentos? Necessito dar algumas ordens aos meus criados, mas volto já; agora o que lhes peço é que não se entretenhão com conversações que os possam agastar; não gosto de os ver indispostos. Até já.

A baroneza sahiu e Fernando aproximando mais um pouco a sua cadeira para junto da de D. Deolinda, exclamou:

—Que te parecem aquellas palavras de tua mãe? Pelo que vejo o segredo dos nossos amores já foi descoberto.

—E tu ainda te persuadias que ella de nada soubesse? —respondeu a joven—Se as nossas relações datassem de um mez ou dous então haveria n'isso que admirar, mas lembra-te, meu Fernando, que ellas existem já ha muitos annos.

—Tens razão, Deolinda, mas ainda assim nós nunca demos motivos para que ella suspeitasse sequer do nosso amor.

—Ora, pois que ha no mundo que escape á sagacidade de uma mãe? E além d'isso crês tu que não nos tenhamos trahido algumas vezes? ainda não ha muitos minutos que isso succedeu.

—Por tua culpa, de certo; vens sempre com umas taes conversações na sua presença....

—Vamos, tão culpada sou eu como tu; mas deixemos-nos d'essas cousas e vejamos o juizo que fizeste das palavras de minha mãe.

—Digo-te só que me impressionaram bastante; sabia que tua mãe me estimava muito mas não tanto que chegasse a dizer-me claramente que podia ainda ser seu parente! Isto é bastante significativo.

—Minha mãe é uma santa. O que ella deseja é ver-me verdadeiramente feliz, e como prevê que o seja casando-me contigo, longe de fazer a minima opposição ás nossas relações, parece até desejal-as e protegê-las. Somos muito felizes, não é verdade, Fernando?

—Mais do que eu o julgava. Hoje em dia, n'este seculo de vaidades loucas não é facil uma baroneza querer alliar o brazão illustre de sua familia, ao nome do filho de um lavrador, honrado sim, mas plebeu. O mundo é assim!... Vê-se por ahi a cada passo, um pae ou uma mãe, ás vezes sahidos da classe mais infima da sociedade, recusarem a mão de sua filha a um homem pobre, mas honrado e laborioso, sómente pelo facto d'esse homem não ter um punhado de ouro com que vá engrandecer a orgulhosa soberba dos paes de sua noiva, que outr'ora indigentes, se vêem depois pelos azares da sorte, não oppulentos, mas senhores de alguns haveres com os quaes se julgam milionarios. Imbecis!... e nunca se lembram da lama de onde sahiram!... Depois estes paes são uma verdadeira calamidade para a sociedade; em taes corações nunca hou-

ve intentos bons nem em suas almas existiram jámais brio e pundonor; ha n'elles só um sentimento: a ambição do dinheiro e do engrandecimento não só para si como para os seus! E sabes, minha Deolinda, os perigos e as inconveniencias d'essa ambição desmedida? é arriscar ao dinheiro, a felicidade real, a dignidade, o brio, e até a propria honra de uma filha, forçando-lhe as inclinações puras e infiltrando-lhe no coração os sentimentos mais infimos e abjectos; infelizmente dão-se muitos d'estes casos, Deolinda, e por isso é que eu me admiro sempre que vejo uma joven rica e nobre desposar um rapaz de mais baixa esphera e menos oppulento, com o accedimento da familia d'ella.

—Estás hoje muito philosophico meu Fernando— exclamou Deolinda sorrindo-se.—Não me dirás a que veio todo esse aranzel?

—Foi um desabafo em abono de um amigo meu, victima infelizmente d'um d'esses paes desnaturados, e insensiveis aos mais puros affectos do coração.

—Pois bem, deixemos-nos agora dos outros e tratemos de nós. Ora falla-me com franqueza, tu ámanhã, na verdade, não vens cá passar a noute por causa dos teus affazeres ou por que tens outra distracção?

—Juro-te que não posso vir pelos motivos que já expuz ha pouco.

—Está bem; olha que eu sou zelosa e sou-o porque te amo muito. . . . A's vezes persuado-me que tu já não me tens o amor de outro tempo. . . .

—Enganas-te meu anjo; juro-te que te quero muito, muitissimo.

—Accredito-te, mas....

—Mas o quê?

—Nos primeiros dias em que vieste aqui depois de regressares de casa de teus paes, notei em ti uma certa frieza e preocupação que me fizeram desconfiar bastante do teu amor.

—Effectivamente havia alguma cousa n'essa epoca que me trazia o espirito abstrahido e até esquecido das minhas mais charas affeições; hoje, porém, tudo passou e creio que não tens a mais minima razão de queixa de mim.

—E não me dizes que motivos te faziam andar tão distrahido?

—E' um segredo que me não é permittido revelar-te, e que eu espero respeitarás.

—Então também tens segredos para mim? Embora, não instarei mais para saber d'isso; o que eu só desejo é que me queiras muito e que o teu amor nunca affrouxe.

—E' uma recommendação escusada, meu anjo, e seria preciso não ter alma para trahir os protestos que te tenho feito.

—Assim o creio, Fernando, mas o coração dos homens tem ás vezes caprichos....

—Dos quaes felizmente estou isento, crê. Foste a primeira mulher que conheci e a quem jurei um amor infindo, e o cumprimento d'essa promessa jámais o quebrarei ainda que para isso seja preciso fazer o maior dos sacrificios. Acresce ainda a circumstancia de eu ser demasiadamente grato a tua mãe, e qual

seria o meu character se quebrasse os laços que me unem a ella, deixando-te, minha Deolinda?

—Tens razão, Fernando, e em recompensa terás em mim a mais dedicada das mulheres, o coração mais submisso, e alma que se despedaçaria por ti!...

A entrada da baroneza na sala veio cortar a palavra a Deolinda e pôr termo a um dialogo tão animado entre os dous amantes.

—Então vamos a saber—exclamou a baroneza retomando o logar que deixára,—em que fallaram durante a minha ausencia, vi-os tão animados quando entrei....

—Nós fallavamos.... —respondeu Fernando um tanto confuso—nós fallavamos em cousas insignificantes.... em theatros, nas ultimas modas....

—Peço perdão meu charo amigo, mas o snr. não diz a verdade. Quando eu entrava ainda cheguei a ouvir estas palavras, que a rosada boquinha de Deolinda proferia com um certo encanto:—«.... o coração mais submisso, a alma que se despedaçaria por ti!...»

A baroneza pronunciára este ultimo dicto dos dous amantes com uma tal graça e satisfação, que os dous jovens, envergonhados, tentaram occultar os rostos porpureados, e nem sequer uma palavra se atreveram a dizer.

A boa senhora, sorrindo-se e parecendo regosijar-se com a confusão dos dous amantes, continuou:

—Então que foi isso, emmudeceram?....

—Snr.^a baroneza....—balbuciou Fernando sem saber o que havia de responder.

—Ora vamos—continuou ella;—sejamos francos de uma vez para sempre; que podem lucrar d'esse segredo com que tentam envolver as suas relações amorosas? Por que não são mais scinceros comigo? Por ventura não serei merecedora que me confiem os seus affectos e as suas tenções futuras?... Para que querem occultar-me uma cousa que eu vejo todos os dias!

—Snr.^a baroneza—respondeu Fernando com timidez:—nunca ousei revelar a v. exc.^a as relações intimas que de ha muito existem entre mim e a snr.^a D. Deolinda, porque temi não serem ellas bem acceitas por v. exc.^a Receiei tambem que uma tal declaração fosse interpretada por v. exc.^a, como um abuso da amizade com que me honra e se persuadissem que haviam intuitos menos puros nas minhas aspirações. São estes os unicos motivos porque tentei sempre occultar-lhe os affectos das nossas almas, na certeza, porém, que mais tarde lh'os havia de declarar, procurando merecer por elles a realisação dos nossos desejos. Como porém, v. exc.^a anticipou essa minha declaração, ousei agora confessar-lhe que effectivamente nos amamos de ha muito e que o unico fim a que aspiramos é á união santa das nossas almas.

—E não me podia ter dito isso á mais tempo, snr. Fernando? Desculpo-lhe, comtudo, as suas apprehensões, e longe de as censurar regosijo-me com ellas e louvo-lh'as por que por ellas mostra a alma nobre e honrada que possui.

—E' extrema bondade, minha senhora.

—Ora escute-me por um pouco. Antes de eu pe-

netrar o segredo d'estes amores, havia um objecto que me trazia frequentemente sobresaltada e abstrahida: era a futura segurança e felicidade de minha filha. Via de hora para hora os annos arrastarem-me para o fim da vida e antevia os perigos de deixar a minha Deolinda, só no mundo, sem um parente nem um amigo, exposta ás mil vicissitudes da existencia. Fazel-a entrar em um convento foi cousa que nunca desejei porque detesto a morte do coração entre as paredes de um claustro e não queria por essa fórma sacrificar a vida e a felicidade de minha filha na epocha mais risonha da sua existencia. Entregal-a como esposa nos braços de um homem por quem ella nunca sentisse a mais leve afeição, peor ainda, porque era fazel-a passar por torturas bem mais crueis do que a prisão em uma cella; além d'isso, é esta casa apenas frequentada por pessoas idosas, e nunca viera aqui uma unica capaz de fazer estremecer um coração no vigor da vida, a não ser o snr. Fernando. Mas podia eu saber se se eram indifferentes um ao outro ou se se amavam em segredo? Um dia o acaso veio esclarecer-me a este respeito e descobri que ambos se amavam extremosamente; confesso-lhe que me senti então livre de um grande pezo, porque encontrára um marido para minha filha, um marido que ella amava e que era digno da sua mão....

—Snr.^a baroneza....—interrompeu o moço comovido.

—Vamos, não me interrompa; admira-se talvez da franqueza com que lhe fallo, não é verdade? Mas

que quer?... nós outras as mães somos loucas pela felicidade das filhas que estremecemos. O snr. Fernando é um excellente rapaz, bem comportado e de boas qualidades; está em vesporas de obter uma posição nobre na sociedade, possui além d'isso um soffrível morgadio que o porá sempre ao abrigo de privações, e, o que vale ainda mais, ama minha filha. Que posso eu desejar mais n'aquelle que destino para esposo da minha Deolinda? Ora vamos, deixe esse acanhamento impróprio de um rapaz da sua idade e responda-me com toda a franqueza: quer acceitar a mão de minha filha?

—Snr.^a baroneza, a pergunta seria desnecessaria se v. exc.^a tivesse bem penetrado os sentimentos intimos do meu coração.... é essa a minha unica vontade.

—Muito bem; e tu Deolinda?

—Eu minha querida mamã—respondeu a joven com as faces afogueadas,—abstenho-me de responder claramente; Fernando tambem fallou por mim.

—Ora ali está!... e andavam estas creaturinhas segredando pelos cantos da casa os seus affectos sem terem a franqueza de m'os revelar!... ha ingratos....

—Snr.^a baroneza—atallhou o moço,—para me justificar necessito esclarecer v. exc.^a dos motivos da minha reserva e do silencio que sempre guardei sobre o que acaba de aclarar-se. Conhecia, de ha muito, a confiança e a amizade que v. exc.^a me dispensava, mas nunca acreditei que acolhesse benevolmente a confissão do amor que tributava á filha de v. exc.^a, nem com

a satisfação e alegria que acabou de patentear-nos; havia mais de um motivo para assim pensar. Primeiro, porque julguei que v. exc.^a olharia este amor, da minha parte, como um calculo, um desejo de ennobrecer-me, ou um abuso da confiança e amizade que me dispensava; segundo, porque nunca me julguei digno de aliar o meu nome obscuro á nobreza do de v. exc.^a, accrescendo ainda a desigualdade que ha entre os nossos haveres....

—Perdão, snr. Fernando—atallhou a baroneza um tanto agastada:—quem lhe perguntou por essas ninharias, que só tal nome se lhes póde dar? Haveres!... o snr. Fernando devia já conhecer o meu character com relação ao dinheiro; que importam as riquezas quando ha saude vigorosa para trabalhar, e uma esposa querida para se estremecer? O snr. quer de certo exprimentar-me; e de mais não é o snr Fernando bastante rico? não sei eu perfeitamente os haveres de seus paes com quem convivi tanto tempo? Oh, não me torne a fallar em dinheiro nem nobreza; estimo-o muito, quero-lhe como a um filho e é isso o sufficiente para entregar-lhe minha filha sem o mais minimo receio.

—Ah, minha senhora, com que hei de pagar-lhe tantas bondades....

—Com a sua amizade e gratidão, mas agora é inopportuno fallar-se n'essas cousas. Vejamos, para quando destina o seu casamento? creia que estou ansiosa porque elle se realise.

—Supponho que o melhor é esperar pela minha

formatura; faltam apenas alguns mezes para que ella se conclua....

—Pois sim, convenho; e sua familia accederá de bom grado a esta união?

—De certo, snr.^a baroneza.

—Quem sabe? Póde muito bem succeder que seu pae destine a sua mão para alguma outra....

—Meu pae não opporá o mais pequeno obstaculo ao meu casamento, minha senhora; préza tambem muito a minha felicidade e estou até convencido que se ha de regosijar com esta união.

—Muito bem, então havemos de preparar-lhe uma agradavel surpresa; no dia do seu acto grande, como já lhe disse, virá jantar a nossa casa com sua familia, e por essa occasião eu me encarrego de pedir o consentimento de seu pae, ao que elle não poderá deixar de annuir. No dia seguinte assignar-se-hão as escripturas e no outro partiremos todos para a sua aldeia onde se celebrarão os desposorios.

—E não julga v. exc.^a mais conveniente que o nosso casamento se celebre aqui?... Talvez seja demasiado incommodo para v. exc.^{as}....

—Oh, não, não—atalhou D. Deolinda, que até ahi se conservára calada;—não é incommodo, não; eu pela minha parte até desejo voltar áquella aldeia onde passei os primeiros annos da minha mocidade, e viver lá algum tempo. Tenho saudades d'aquellas pitorescas campinas, d'aquellas innocentes aldeãs outr'ora minhas companheiras e que tão minhas amigas eram todas, em-

fim, queria ainda gosar d'aquella paz e socego que alli reina.

—Tens razão, minha filha—continuou a baroneza;—a vida alli é mais bella e socegada; além d'isso temos lá a nossa linda casa, levaremos d'aqui alguns criados e passaremos então dias de verdadeira felicidade.

—De certo, mamã—respondeu Deolinda; depois dirigindo-se a Fernando, continuou com enthusiasmo e como esquecida da presença de sua mãe:—Olha Fernando, tenciono passar n'essa bella aldeia os dias mais felizes da minha existencia; tu a visitares os teus doentes pobres, a confortal-os, a dares-lhes a vida, e eu e a minha mamã sempre a teu lado soccorrendo tambem esses infelizes, provendo-os de tudo o que necessitarem, e recebendo em paga as suas bençãos e orações. Deve ser una existencia de venturas, não é verdade, Fernando?

—Oh! certamente, meu anjo!...—respondeu o moço um tanto pensativo e triste.

—Ora bravo, bravo—exclamou a baroneza com toda a expansão de alegria;—ahi está como eu gosto de os ver, assim familiares, amorosos...

—Perdão, mamã, esqueci-me....—interrompeu a joven córando.

—Perdão de quê minha louquinha? assim é que eu desejo vê-los sempre, e de hoje por deante prohibo-os de que na minha presença se tractem como se tractavam até aqui; mas continuem com a conversação por que me extasio em ouvir-os.

—Parece-me que o snr. Fernando antes desejava

viver no Porto—exclamou D. Deolinda, attentando na abstracção e tristeza do seu futuro noivo.

—Oh, não, por maneira nenhuma—respondeu elle subitamente como se aquellas palavras lhe fizessem suggerir uma ideia repentina.—Desejo tambem voltar para a minha aldeia e viver lá eternamente. A vida alli deve ser effectivamente mais socegada, mais encantadora, principalmente para dous corações que se amam. . . ., não é assim snr.^a D. Deolinda?

—Então que é isso?—atalhou a baroneza—já se esqueceram da minha recommendação?... continuam a tractar-se com a mesma delicadeza e cerimonia?

—Perdão snr.^a baroneza, eu não me atrevia. . . .

—Ora elle tambem tem razão, mamã—disse a joven sorrindo-se.—Pois quer que n'um momento percamos assim o pejo?... mas não tem duvida, eu encarrego-me de fazel-o obedecer-lhe, quer ver?... O' Fernando olha para mim. . . . és meu amigo?

—E's um anjo minha Deolinda!—respondeu Fernando com ar prasenteiro.

Estas palavras foram acolhidas pelas duas senhoras com alegre expansão, e Deolinda ia de novo a tomar a palavra, quando assumou á porta da sala um creado que annunciou:

—O snr. conselheiro Martins.

—Chegou o nosso parceiro de volterete—exclamou a baroneza; depois dirigindo-se ao criado, continuou:

—Intrduze-o para aqui, e depois tracta de nos servir o chá.

Momentos depois entrava na sala o conselheiro, cumprimentando affectuosamente as tres pessoas que alli estavam.

O conselheiro Martins era homem de perto dos seus 50 annos, bem parecido e alegre como um rapaz de 20, sendo um dos amigos mais affeiçãoados da familia da baroneza.

Depois dos cumprimentos tomou assento perto de Fernando e dispuzeram-se todos para uma conversação animada, como era costume.

A baroneza foi a primeira que tomou a palavra, exclamando:

—Ora sabe, conselheiro, que tenho uma grande novidade a dar-lhe?

—Sim!... vejamos, de que se tracta?

—De nada menos dó que do casamento de minha filha.

—Na verdade?!... Pois a snr.^a D. Deolindinha vae casar-se?

—Foi negocio decidido ainda não ha muito.

—E o noivo, o noivo, esse feliz mortal que vae possuir um tal thesouro de graças e de bondades?

—Tem-n'o ao seu lado; póde desde já dar-lhe os parabens.

—O doutor?!... pois o nosso doutor é que....

—Sim, senhor, e que lhe parece?

—Eu não digo nada para não errar.... o que só faço é dar um abraço no meu caro noivo. Ora venha de lá isso, doutor—exclamou o conselheiro abrindo os braços.

—Tudo o que quizer, conselheiro—respondeu Fernando lançando-se-lhe nos braços;—mas o que eu lhe peço é que não me chame por ora doutor.

—O que?! heide chamar-lhe doutor, ainda que não o queira, pois então? Mas vamos ao que interessa. Com que então os dous pombinhos arrulavam-se sem darem cavaco.... ah, mas eu já previa isto mesmo, ou eu não tivesse o ouvido apurado e os olhos bem abertos....

—No entanto, conselheiro,—atalhou a baroneza—isto foi cousa decidida não ha muitos minutos e quer saber como? ora ouça:

«Estes dous brejeirinhos de ha muito se andavam fallando pelos cantos da casa e sorrindo-se quando eu virava costas sem terem a condescendencia ou a franqueza de me declararem os seus amores; eu porém, que já de ha muito andava com minhas desconfianças, decidi-me a dar-lhes uma ensinadella mestra na primeira occasião. Foi hoje o dia. Tinha-me retirado d'esta sala para dar algumas ordens aos creados, quando ao voltar encontro estes meninos dizendo umas palavrinhas doces e apaixonadas que faziam inveja a dous velhos.

«Entrei, desmascarei-os, e lancei-lhes em rosto a falta de lealdade e franqueza que tinham para comigo. Não lhe digo nada, conselheiro, estas duas creancinhas pouco lhes faltou para chorarem. Finalmente, para terminar com este joguinho de escondidas, perguntei-lhes se queriam casar-se e a resposta já imagina qual ella foi; em vista d'isso pactuou-se desde logo

o casamento e ali estão os dous noivos já sonhando os felizes dias que vão passar juntos um do outro.

—E quando é então o grande dia?

—Logo que o nosso doutor, como o conselheiro diz, termine a sua formatura iremos todos para a sua aldeia onde se celebrará o consorcio e lá viveremos como no paraizo.

—Visto isso cá fico eu só, isolado....

—Descanse, conselheiro, irá, querendo, passar algum tempo na nossa companhia.

A conversação continuou ainda n'estes termos até que foi servido o chá, dispondo-se depois todos quatro em volta de uma meza onde principiou a partida do volterete.

Havia uma hora que durava o jogo e quando todos estavam mais entretidos com as cartas que tinham nas mãos eis que um forte toque de campainha resouou por toda a casa, fazendo estremecer insensivelmente os quatro parceiros.

—Quem será?!—interrogou a baroneza, —a esta hora não espero visitas....

E ainda não tinha bem acabado de proferir estas palavras, quando entrou na sala um criado, que dirigindo-se a Fernando, exclamou:

—Está lá embaixo um homem que pretende fallar a v. s.^a.

—A mim?! não disse quem era?

—Não meu senhor; perguntou-me se v. s.^a cá estava e disse-me que desejava fallar-lhe immediatamente.

—Não sei quem seja.... no entanto se a snr.^a baroneza dá licença....

—Pois não! seja quem fôr mande subir para aqui.

—Diga-lhe que suba,

O criado retirou-se e d'ahi a pouco entrou acompanhado de um rapaz coberto de poeira como se viesse d'uma longa jornada.

A' sua apparição, Fernando estremeceu e duas vozes exclamaram:

—O Antonio!, . .

Era effectivamente o creado do padre Francisco.

Fernando ao encaral-o compoz-se um ar de alegria e familiaridade pouco naturaes e interrogou o recém-chegado por estas palavras:

—Então por cá meu rapaz, grande novidade te trouxe aqui!

—Incambiram-me de entregar-lhe pessoalmente esta carta e venho por isso cumprir o mandato—respondeu Antonio entregando-lhe um papel cuidadosamente fechado e que tirára de um bolso interior da jaqueta.

Fernando ao lançar os olhos para o sobrescripto, tornou-se um pouco pallido, e retirando-se para junto de uma luz, continuou, em quanto a abria:

—Tem resposta?

—Não sei, snr. Fernando, mas supponho que sim.

—Então espera um pouco.

Enquanto Fernando lia, a baroneza e sua filha aproximando-se do moço, cançavam-n'o com perguntas successivas a respeito dos habitantes da aldeia e das pessoas com quem outr'ora tinham tido mais estreitas relações.

Fernando, um tanto retirado do grupo, passava rapidamente com a vista aquellas linhas e parecia um pouco inquieto com o seu contheudo.

A carta, que era de Roza, vinha concebida nos seguintes termos:

«Snr. Fernando

«Compadeça-se d'esta pobre rapariga que teve talvez a infelicidade de o amar, e não queira tão depressa extinguir-lhe a vida.

«Ha dous mezes que lhe escrevo consecutivamente uma e mais vezes por semana e ainda não me foi possivel obter duas palavras suas. Não sei se essa falta será devida a doença ou se ao aborrecimento que já lhe inspiro. N'esta horrivel incerteza estive mais de uma vez para deixar esta casa, procural-o, lançar-me a seus pés e pedir-lhe compaixão em nome d'essa lealdade e amor que me jurou. Como porém, avaliei depois os perigos a que me expunha, aproveitei-me do bondoso offerecimento do portador d'esta e resolvi escrever-lhe, só para lhe rogar que me diga a causa do seu silencio.

«Deve de certo admirar-se da pessoa que escolhi para confidente das nossas relações; posso, porém,

jurar-lhe que esse pobre rapaz, que o senhor detestou e que nos persuadimos ser nosso inimigo, é, ao contrario, o unico ente que se interessa pela nossa felicidade, sendo um amigo fiel e sincero em quem podemos depositar toda a confiança; mais tarde dar-lhe-hei explicação mais clara de tudo isto; por enquanto só lhe peço que o tracte como um seu amigo e que póde tudo confiar-lhe sem reserva.

«Fernandinho, por quem é, por tudo o que mais preza n'esta vida, lhe peço que se lembre da sua Roza, d'aquella que sacrificaria por si a propria vida e que não a tracte com tanto desprezo. Se soubesse como os dias teem corrido para mim tristes e desesperados.... minora-me no emtanto essa unica esperança que me dá alento: a esperança de um dia chegar a hora em que terminarão para mim todos os martyrios, gosando junto a si essa felicidade que me jurou e que eu anhele com delyrio....

«Fernandinho, ainda outra vez lhe rogo, que não se esqueça das suas promessas; o seu amor é a unica esperança que me resta no mundo, e fugindo ella, Deus sabe o que será de mim.

«Termino, esperançada em que d'esta vez não recusará uma resposta que venha encher de alegria o coração atribulado, da

«sua até á morte

Roza.»

Ao terminar a leitura d'estas ultimas linhas, Fernando estava ainda mais pallido do que quando vira entrar o mensageiro, e a carta tremia-lhe nas mãos. Forcejou no entanto por socegar-se e dirigindo-se á baroneza exclamou:

—V. exc.^a dá-me licença? Necessitava responder a esta carta.

—Pois não, snr. Fernando, tenha a bondade de entrar na sala immediata onde encontrará tudo o que precisar para escrever.

—Anda commigo, Antonio— disse Fernando ao moço, e encaminharam-se ambos para a sala designada.

Fernando sentou-se a uma escrevaninha e traçou n'uma folha de papel as seguintes palavras.

«Roza:

«No sabbado, á meia noite, irei ali fallar comtigo; a essa hora ouvirás o antigo signal pelo qual eu me annunciava e por elle te avisarei da minha chegada.

Desejo que esta minha visita seja completamente ignorada.

«Fernando»

Dobrou o papel, metteu-o n'um envelope e entregando-o a Antonio, continuou:

—Provavelmente só partes ámanhã e por isso espera um pouco que irás dormir a minha casa.

—Agradeço snr. Fernando, mas tenho de partir immediatamente; é preciso que os creados da casa não dêem pela minha falta.

—Vieste a pé?

—Não, senhor, vim a cavallo para me demorar o menos possível.

—Visto isso não quero tomar-te mais tempo; mas antes de partir dize-me: como soubeste que eu estava aqui?

—Fui a casa do snr. Fernando e lá indicaram-me a da snr.^a baroneza, dizendo-me que de certo o devia encontrar aqui.

—Bem, então parte e recebe os meus agradecimentos pelo serviço que me prestaste.

—Não tem de que me agradecer, snr. Fernando, estou sempre às suas ordens.

Dirigiram-se em seguida para a sala onde estava a baroneza e Antonio dispoz-se a despedir-se das duas senhoras.

—Então partes já, Antonio?!—interrogou a baroneza.

—Sim, minha senhora, não posso demorar-me mais tempo.

—A estas horas e por essas estradas. . . . Fica em nossa casa esta noute e vae pela manhã.

—E'-me impossivel senhora baroneza.

—Então bebe um copo de vinho antes de te pôres a caminho.

E a baroneza tocou uma campainha, apparecendo minutos depois um creado a quem disse:

—Leva este bom rapaz lá acima e dá-lhe de beber—depois dirigindo-se a Antonio, continuou:—Então adeus, rapaz, faz visitas a toda a gente da aldeia, e dizê-lhe que brevemente iremos todos fazer-lhe uma longa visita,

O moço despediu-se de todos e sahiu.

—Tiveste alguma má nova, Fernando?—perguntou D. Deolinda logo que o moço se retirou;—parece que ficaste um pouco triste e desassocegado depois da leitura d'essa carta, . . .

—Não foi nada; um leve encommodo de meu pae, que talvez me force a ir sabbado a casa se não receber parte das suas melhoras. . . .

D'ahi a pouco o socego estava restabelecido e a partida de voltêrete continuou com a mesma animação de ha pouco,

Retrocedamos agora alguns mezes e vejamos o que é feito de Roza, e que motivos se deram para ella escolher para seu confidente o creado do padre Francisco.

XV

Depois da partida de Fernando para o Porto, Roza, que até ahí já vivia uma vida monotonica e retirada, tornara-se depois d'isso mais sombria e reclusa.

Sahia só em casos de muita necessidade, respondia com seriedade e ás vezes até com mau modo aos gracejos que os moços da aldeia lhe dirigiam, quando a encontravam, e para evitar os olhares curiosos dos que passavam, mudára o seu logar de trabalho para uma outra janella que dava para o quintal.

Aos domingos de tarde, como era costume, os rapazes e raparigas do logar reuniam-se no adro quasi defronte de sua casa, e aos sons de uma viola, passavam horas alegres em descantes e bailados, divertimentos outr'ora tão favoritos da travessa rapariga e nos quaes tomava sempre a mais activa parte.

Agora, porém, succedia bem o contrario. Ou encoz-

tada ao peitoril da janella, ou sentada na soleira da porta, Roza olhava tristemente para aquelles folguedos, e se algum moço vinha convidal-a para tomar parte com elle no passatempo, respondia simplesmente:

—Desculpe, mas não posso; a minha doença não me permite, como d'antes, brincar como vós.

Se algumas raparigas vinham, em alegre magote, reunir-se-lhe em volta para conversarem sobre os seus namoros, sobre as suas conquistas ou aspirações, Roza tomava tambem parte n'essas confidencias, mas fazia-se sempre notar pelos conselhos que dava ás menos experientes, e pelas sentenças que ministrava, com toda a seriedade, ás mais experimentadas.

Roza finalmente, já não era a rapariga folgazã e traquina de outro tempo. Com o rosado das faces fugira-lhe a alegria do coração.

Toda a gente da aldeia acreditava que a pobre rapariga padecia e padecia muito, mas ninguem tinha sabido ainda qual era o genero de molestia que a fazia soffrer.

A propria avó de Roza, apesar das instantes perguntas que lhe dirigia sobre esse occulto padecimento, não conseguira tambem o mais minimo promenor, por que a doente parecia até não saber explicar a proveniencia de seus males.

O que era certo era que a desventurada moça effectivamente padecia, mas o seu padecimento não era nenhum d'esses que se curam com as tisanas das pharmacias; o seu soffrimento era bem doloroso e terrivel! eram as dôres do coração, era uma paixão lenta

que lhe rasgava pouco a pouco os melhores pedaços d'aquella alma de fogo!

Apesar d'isso, porém, a apaixonada rapariga tinha momentos de louca alegria, e eram elles quando recebia alguma carta do seu Fernando.

Roza pedira secretamente a um dos creados do abade, que lhe era muito afeiçoado, e que ia todos os dias á estação do correio buscar a correspondencia para seu amo, para lhe trazer as cartas que lhe viessem endereçadas, tendo feito persuadir, para affastar suspeitas, que essas cartas eram da filha da baroneza.

O bom do homem acreditára cegamente n'isto, e guardava sobre tal objecto o mais completo silencio segundo a recomendação que recebera d'ella.

Fernando fôra, durante algum tempo, fiel ás suas promessas, e todas as semanas escrevia á sua amante vindo essas missivas repletas de amor e de esperanças.

A pobre rapariga extasiava-se com a leitura d'ellas, passava horas esquecidas a contemplar essas linhas e por mais de uma vez levava o papel aos labios e cobria-o de beijos. Desafogos do coração.

Eram esses os momentos mais felizes d'aquella alma attribulada. E ainda com o pensamento suavemente impressionado pelas amorosas expressões que Fernando lhe dirigia, desabafava os anseios do coração em longas e enternecedoras respostas que traçava em algumas folhas de papel.

Deixava-se pois a moça fascinar pelas illusões d'esse futuro de rosas que lhe era promettido, e isto

minorava bastante as saudades que sentia pela ausencia de Fernando.

Se alguma vez a descrença e a duvida lhe torturavam o coração, as cartas de seu amante vinham desfazer-lhe essas supposições e então cria-se feliz.

Em breve, porém, novas angustias, novas duvidas e incertezas vieram aniquillar-lhe as esperanças e desfazer essas doces illusões que a embalavam.

As cartas de Fernando principiavam a rarear e o seu conteúdo era de um laconismo e frieza bem notaveis.

Dir-se-hia ao lê-las, que o amor de Fernando ia de dia para dia decrescendo, e que o tédio e a indiferença vieram substituir o ardor primitivo dos seus affectos.

A pobre moça já não podia ler as tardias missivas sem se lhe inundarem os olhos de sentidas lagrimas e o coração sangrar-lhe gôtas de amargurado fel. Principiava de novo para ella esse martyrio de dôres, e a descrença revivera em sua alma com mais insistencia do que nunca.

Por mais affectuosas que fossem as suas cartas, por mais e mais rogos que fizesse para Fernando lhe confessar os motivos d'essa repentina mudança, as respostas eram sempre frias e despidas completamente d'essas inebriantes frases que outr'ora empregára.

Rosa esforçava-se desesperadamente por pacientar-se e resignar-se com a sua sorte, phantaziando na mente mil supposições pelas quaes tentava desculpar essas demoras de correspondencia e o abandono a que

parecia estar lançada, porém tudo era inutil para socegar-se.

A final o golpe decisivo veio ferir o mais sensível do coração da desventurada rapariga.

Fernando, havia um mez que deixára de escrever-lhe, sem ao menos explicar a causa d'essa interrupção.

Ainda tentou illudir-se a infeliz e de vez em quando dizia de si para consigo:

—«Quem sabe se elle não me escreverá por falta de saude, pelos seus affazeres, ou mesmo por não lhe chegarem ás mãos, por qualquer motivo, as minhas cartas?»

E continuava a escrever ao moço estudante, queixando-se amargamente do seu silencio e indifferença, sem comtudo receber a minima palavra em resposta.

Ao fim de dous mezes o seu desespero subiu de ponto, e a resignação, unico linitivo para semelhantes males, já não bastava para a socegar.

—«Já me não ama!—exclamou ella um dia entre soluços;—talvez nunca me tivesse a mais pequena affeição... e a quem cabe a culpa de tudo isto senão a mim? Para que me deixei fascinar por aquelles olhos traçoeiros, para que acreditei as suas promessas de amor? para que me entreguei, emfim, com toda a cegueira a um homem de quem nunca tinha nada a esperar e do qual deveria até ter fugido? Ah, meu Deus, como fui infeliz nas minhas primeiras affeições!... Mas, não; é impossivel que elle me mentisse quando me jurava a pureza do seu amor; não posso acreditar

que elle nunca me tivesse amado: aqui ha algum mysterio. . . . Pois bem, já que a desgraça me tocou com o seu dedo, já que a infelicidade me perdeu, esgotarei o calix até ás fezes. Vou procural-o, fallar-lhe-hei, lançar-me-hei aos seus pés e então terei a certeza das minhas tristes supposições.

«Que importa que o mundo condemne este meu procedimento? que importa que toda essa gente murmure e maldiga o passo que vou dar? Acaso não valerá o seu amor todos os sacrificios e todas as affrontas que me possam cuspir ás faces?... é só o seu amor que ambiciono, são só os seus affectos que eu quero; do mais nada me importa.- A'manhã, ao romper da aurora, sahirei de casa sem minha avó me presentir, pôr-me-hei a caminho e hei de encontral-o e fallar-lhe. Minha pobre avosinha, para que desgostos e martyrios eu a preparei! oh, perdôe-me, perdôe-me esta levandade, porque é o amor que me impelle, o amor, esse sentimento irresistivel que nos salva e nos perde, que nos dá vida e nos mata!...»

E proferindo estas palavras, a pobre moça cahiu de joelhos sobre o pavimento do quarto, e banhada em lagrimas ergueu para o céo as mãos enlaçadas e convulsas.

Chegou a noute, deitou-se, mas o somno não foi possivel serrar-lhe as palpebras. De madrugada, levantou-se e principiou a pôr em pratica o seu premeditado plano.

Sua avó dormia, e por toda a aldeia reinava ainda um silencio tumular. Os primeiros alvares da aurora

principiavam apenas a aclarar o espaço, e os cantores dos bosques não tinham começado ainda a entoar o seu costumado hymno da alvorada. A occasião era a proposito.

Roza, com as lagrimas nos olhos e tremula de susto, embugada em uma longa capa e com o rosto meio occulto pelas dobras do lenço que lhe cubria a cabeça encaminhou-se para a porta que dava sahida para o quintal, e ao transpol-a sentiu as forças abandonarem-n'a. Parou indecisa na sua resolução, recuou ainda alguns passos para entrar em casa, parecendo ter desistido do seu proposito, mas a final, como obedecendo a uma força occulta avançou resolutamente, atravessou o quintal, e saltando o pequeno muro que estava ao fundo, pôz-se a caminho.

Tinha apenas dado uma duzia de passos quando subitamente parou aterrorisada, como se lhe tivesse cahido um raio aos pés.

Diante de si surgira-lhe inesperadamente, e como por encanto, a figura altiva de Antonio, que parecia ter alli apparecido de proposito para embargar-lhe os passos.

—Onde vaes a estas horas, Roza?!—exclamou elle com simulado socego, collocando-se em frente da rapariga de braços cruzados.

Esta pergunta fel-a estremecer; as faces tornaram-se-lhe lividas e cahiria indubitavelmente por terra se não se amparasse a um muro que estava proximo, tal fôra a impressão que lhe causaram aquellas palavras.

—Insensata!—continuou o moço—dize, que ias tu fazer a estas horas só, por esses caminhos desertos?

Roza não respondeu: a voz soffocara-se-lhe na garganta e nem sequer podera proferir uma só palavra para se justificar.

—Ora vamos, minha pobre Roza; falla com franqueza e nada receies; em mim não tens presentemente senão um amigo, um homem que não tem deixado um só momento de velar pelo teu futuro e pela tua felicidade; responde: tu sahias com a intenção de ires procurar Fernando ao Porto, não é verdade?

—Antonio!...—exclamou ella surprehendida.

—Não tentes negar cousa alguma porque eu sei tudo.

—Sabes tudo!...

—Sim; sei que apesar d'essa indiferença que mostraveis publicamente um pelo outro, nunca deixasteis de corresponder-vos secretamente; sei que as vossas entrevistas tinha lugar todas as noites no quintal de tua casa; sei que depois da partida de Fernando tendes-vos escripto; e sei finalmente que ha perto de dous mezes não tens recebido carta d'elle, apesar de lhe teres escripto sempre.

—E não sabes mais nada?—interrogou a moça, torturada por um horrivel presentimento.

—Infelizmente sei de mais alguma cousa!—e como se temesse que o ar lhe levasse as palavras, aproximou-se de Roza e segredou-lhe ao ouvido algumas palavras.

Ao ouvil-as a pobre moça soltou um pequeno

grito, recuou alguns passos como aterrada, e viu-se de novo obrigada a amparar-se á parede para não cahir.

—Não te assustes—continuou Antonio um pouco commovido;—é um segredo só meu e que morrerá comigo na sepultura; juro-t'o pelo que ha de mais sagrado n'esta vida.

—Ah, Antonio, quanto sou desgraçada!—exclamou ella com a voz entercortada pelos soluços—Mas como soubeste tu essas cousas?

—Mui facilmente, ouve: Depois que tentasteis fazer persuadir que as vossas relações tinham terminado, toda a gente se convenceu d'isso, menos eu, porque sabia que os vossos affectos não podiam assim acabar tão rapidamente; segui-vos todos os passos e á noute, quando o snr. Fernando vinha fallar-te ao quintal, seguia-o sempre e occultando-me por detraz do pequeno muro, presenciava e ouvia tudo o que se dizia. Foi em uma d'essas entrevistas, n'aquella noute de tempestade, que ouvi o que se passou no teu quarto.

—Mas, meu Deus, que fins tinhas tu n'essas constantes indagações?

—Velar pela tua segurança!...

—A minha segurança!... e velaste por ella n'essa terrivel noute, Antonio?

—Oh! porquem és, não, exprobres o meu procedimento n'essa occasião. Não sei o que sentia em mim; quiz salvar-te, quiz penetrar n'aquelle recinto e arrancar-te da beira do precipicio em que ias ser precipitada, mas não pude. ... assim tinha de succeder!...

—Ah! Antonio, tem compaixão de mim!... já que és senhor d'esse segredo, guarda-o e não me faças morrer de vergonha.

—Já t'o jurei, e por isso nada temas.

—Obrigado, Antonio, obrigado; és uma alma generosa e Deus ha de recompensar-te—e proferindo estas palavras lançou-se aos pés do moço tentando abraçar-lhe os joelhos.

—Levanta-te Roza—exclamou elle cada vez mais commovido;—deixemos-nos agora d'essas cousas e vamos ao que mais te deve aproveitar; queres acceitar a minha amizade, franca e desinteressada? queres que te ajude a reconquistares o amor de Fernando?

—Antonio!—exclamou ella assombrada.

—Admiras-te de certo do offerecimento, não é verdade? Eu me explico:

«Depois de eu conhecer que te era completamente indifferente, e que nunca me poderias amar, a minha unica ambição foi sempre vêr-te ao menos feliz e unida a esse outro a quem amas tão cegamente. Deve de certo parecer-te bem extraordinaria uma tal resolução, não é verdade?...

«Caprichos de um coração repudiado. E' pois para attingir esse unico fim, que tenho trabalhado incessantemente, sem um só momento de descanso, redobrando de cuidados depois que esse homem te roubou a perola mais preciosa da tua corôa de virgem. Quanto á minha appareição instantanea n'este lugar, eu t'a explico. Logo que o snr. Fernando regressou ao Porto tratei de indagar se vos correspondeis, e isso foi-me

facil de saber, pelo proprio portador das cartas, o moço do abbade, a quem um dia substitui no exercicio das suas funcções, vendo n'essa occasião uma carta subscryptada para ti. Pela letra conheci logo a sua procedencia, e desde esse dia procurei saber quantas cartas recebias e as que mandavas para o Porto, tendo para esse fim continuado a substituir por muitas vezes o verdadeiro portador d'ellas a quem eu me offerecia, entregando-lhe toda a correspondencia logo que regressava da estação do correio, não havendo por isso da tua parte a mais pequena desconfiança. Foi por esta fórma que soube da interrupção das cartas de Fernando, apesar das tuas não terem cessado de lhe serem remmettidas todas as semanas, e por ahi calculei os motivos que se dariam para isso. Principiavam a realisar-se as minhas tristes predições.

«Em vista d'isto, temi, desde então, que levada por um excesso de cegueira te esquecesses dos teus deveres e te abalançasses a fugires de casa para ires ao Porto procurar o teu amante. Não me enganei ainda nas minhas supposições. Depois de uma serie de pesquisas, e de passar noutes e noutes escondido n'estes bosques para te vigiar os passos, eis que tentavas hoje pôr em pratica o que eu tinha previsto, apparecendo-te eu então, como por milagre, a impedir-te o caminho e evitando o erro de um tal procedimento, que mais depressa descobriria a tua falta e te perderia no conceito de toda a gente. Já vês, pois, quaes têm sido as minhas intenções, e em vista d'ellas ain-

da duvidarás de mim, e não queres acceitar o meu auxilio e conselhos?

—Seria duplamente ingrata se não os acceitasse, Antonio. Julguei-te sempre bom e generoso mas nunca tanto como acabas de patenteares-te; oxalá que os teus esforços sejam coroados do melhor exito, mas duvido; a esperança, unica sentimento que nunca me abandonou, principia agora a affastar-se a passos lentos do meu coração, e a felicidade que eu antevia n'este mundo, só poderei de certo gozal-a, quando a minha alma voar á manção dos infizes que soffreram na terra; felicidade não disse bem, mas o socego e a paz que se goza além do tumulto.

—Não desespere; Fernando, se te não amegamente, pelo menos deve ter-te afeição e se assim succeder, muito deshumano e falto de brio seria se te abandonasse.

—Ah, meu Antonio, segundo ouça dizer, quasi todos os homens assim são; antes de conseguirem os seus fins e de satisfazerem os seus caprichos, fazem mil protestos e mil juras de amor; depois, porém, esquecem-se de tudo e abandonam nas mãos do acaso a pobre victima que immolaram aos seus desejos: além d'isso fui eu propria que me deixei arrastar para a minha ruina....

—Descança, Roza, Fernando ha de desposarte!...

—Deus te ouça, Antonio.

—E se não lavar a nodoa com que te exultou.... outra mulher não ha de elle possuir!...

mas tratemos de ti; o dia vae aclarando e é preciso que ninguem nos surprehenda n'esta conversação a taes horas.

—Que desejas pois que eu faça?

—Uma cousa muito simples; primeiro que tudo voltarás para tua casa a fim de que tua avó não saiba de tua sahida. Depois continuarás ainda a escrever a Fernando; se ao fim da terceira carta não obtiveres resposta alguma, participar-m'o-has para se combinar o que convém fazer. Recommendo-te; tambem, que n'estas ultimas cartas empregues todas as phrasas, todas as supplicas para commoveres o seu coração, e nada mais.

—Obedecer-te-hei cegamente.

—E podes fazel-o, Roza, porque o meu unico desejo é a tua felicidade. Agora é mister que nos separemos; segue os meus conselhos e tem confiança em mim, adeus.

—Adeus, Antonio, e que a Providencia recompense as boindades do teu coração generoso, já que eu não posso dar-te outro premio senão a minha eterna gratidão.

Rozã voltou a casa ainda a tempo da sua entrada não ser presentida e Antonio seguiu pelos tortuosos caminhos que iam dar á habitação de seu amo.

Fiel aos seus promettimentos, a desventurada moça, dispoz-se a seguir sem a mais leve hesitação os conselhos de Antonio, convénida como estava, de que tinham mudado n'elle os antigos sentimentos por outros mais dignos e apreciaveis. Escreveu, pois, as

tres cartas que elle designara, esforçando-se por empregar, em todas ellas, as phrases mais commoventes e enternecedoras.

Estas, porém, não surtiram melhor effeito que as antecedentes, porque ao fim de quinze dias Fernando não dera uma unica resposta.

—Então? — perguntou Antonio, encontrando-se um dia com a sua protegida.

—Nem uma unica palavra—respondeu esta tristemente.

—Escrevê's-te-lhe já as tres cartas que te designei?

—Escrevi.

—Muito bem—continuou o moço depois de pensar alguns minutos.—Tu agora vaes fazer o seguinte: escreverás ainda uma outra carta em que lhe exprobrarás o seu procedimento, perguntando-lhe os motivos porque não te tem respondido, accrescentando, que, na incerteza de ter ou não recebido as tuas cartas te viras obrigada a mandares essa por mão propria, aproveitando-te para isso dos meus offerecimentos. Como de certo elle ha de extranhar as nosas intimas relações e possa por isso fazer um juizo menos justo dos sentimentos que actuam agora sobre nós, convence-o, sob qualquer pretexto, de que somos amigos, mas que, essa amizade que nos liga é livre de qualquer tenção interesseira ou amorosa. Essa carta entregar-m'a-has amanhã pela manhã e serei eu proprio que hei de fazel-a chegar ás suas mãos; d'esta maneira creio que elle hade dar uma qualquer resposta e por ella avaliaremos

quaes são as suas tenções futuras e o grau de amizade que te tem.

—Mas tu na verdade, é que queres levar essa carta?!

—E que ha n'isso de extraordinario? Faz o que te aconselho e deixa correr o mais por minha conta.

—Continuarei, pois a obedecer-te; ámanhã ás 8 horas, apparece para te entregar a carta, e que Deus te agradeça os sacrificios que fazes por mim.

Separaram-se, e no dia seguinte á hora aprazada Roza entregou-lhe a carta.

Antonio dirigiu-se em seguida a sua casa, procurou seu amo e fallou-lhe n'estes termos:

—Snr. padre Francisco, vinha pedir-lhe o seu consentimento para me deixar ir hoje ao Porto.

—Ao Porto, para que?!

—Para entregar pessoalmente esta carta á pessoa a quem vae dirigida—e mostrou-lhe o sobrescripto da missiva de Roza.

—E essa carta é?... .

—De Roza.

—Ah, já percebo; constituiste-te em parlamentar entre as duas nações beligerantes.

—As circumstancias que se tecem dado obrigam-me a fazer tudo quanto possa para vêl-os a ambos felizes.

—Anda lá, Antonio, anda lá; sei que és um rapaz de tino e por isso não me opponho aos teus desejos. Mais tarde talvez saibas o bem que fazes, empeñando-te pelo futuro d'essa pobre rapariga, Quando

quizeres pôdes partir e escolhe uma das cavalgadas lá de baixo da cavalharia, para ires mais depressa.

—Abrigado snr. padre Francisco; e visto dar-me licença parto ao anouteceer, para voltar ainda esta noute e não tornar a minha ausencia notada pelos outros moços, que de certo não descansariam enquanto não soubessem onde fui.

A' noute, Antonio desceu á cavallaria, apparelhou elle proprio uma das eguas que alli estavam e sahindo, sem ser visto pela gente da casa, poz-se a caminho para a estrada real que conduzia ao Porto, que depois seguiu a trote fechado.

Do que depois se passou entre elle e Fernando já os leitores o sabem.

O moço voltou n'essa mesma noute á aldeia, onde chegou quasi de madrugada, e poucas horas depois de se ter apeado encaminhou-se para proximo da habitação de Roza, a fim de dar parte á anciosa rapariga do resultado da sua empreza.

Ella já o esperava.

—Então?—perguntou a moça mal o avistou.

—Tudo correu á medida dos meus desejos.

—Encontrei-o, fallei-lhe, recebeu a tua carta e respondeu o que ahi vem—e entregou-lhe a carta de Fernando.

Lançou mão d'ella, abriu-a, tremendo, e leu com sofreguidão as poucas linhas que continha.

Terminada a leitura, o rosto porpureou-se-lhe levemente, e elevou o olhar ao ceo como para dirigir secretamente uma prece a Deus.

Antonio, que lhe seguia attentamente todos os movimentos, exclamou:

—Então; Roza, boas noticias?

—Lê—e entregou-lhe o papel.

O moço passou-o tambem rapidamente pela vista, depois do que continuou:

—Bem; vejamos agora a que elle vem cá.

—Encontraste-o mesmo em casa?

—Não: fui ali mas disseram-me que não estava lá e que poderia encontral-o em casa da baroneza, que era onde elle costumava passar as noutes...

—Em casa da baroneza?!—interrogou a rapariga estremecendo.

—Sim, e effectivamente lá o encontrei; como era de prever, a minha appareição pareceu causar-lhe certa estranheza, que quasi se dissipou ao concluir a leitura da tua carta; a baroneza e a filha, essas fizeram-me muita festa, perguntaram-me pelas pessoas da aldeia, instaram para que eu passasse a noute em sua casa, offerecimento que o snr. Fernando igualmente me fizera antecedentemente, mas que eu não acceitei por não poder, e a final, retirando-me, recommendaram-me que fizesse visitas a todos e que lhes dissesse que brevemente viriam aqui passar algum tempo. Ora eis tudo quanto se passou.

Roza, quasi que nem ouvira as ultimas palavras de Antonio, tal era o estado de triste abstracção em que ficára.

O moço, ao vel-a assim abatida, exclamou:

—Roza, que tens, que te afflige?

—Sabes uma cousa, Antonio—respondeu ella como acordando d'aquelle lethargo; —assalta-me um bem triste presentimento: Fernando jámais me desposará; ia jural-o se tanto fosse preciso!

—Mas que motivos tens tu para assim pensares?

—Falla-me com franqueza; que pensas tu d'essas visitas continuadas que Fernando faz a casa da baroneza, como me acabaste de dizer?

—Nada mais penso do que ser isso uma cousa bem natural.

—E não crês que o unico motivo que o leva todas as noutes a casa da baroneza seja a Deolindinha?

—Por ora nada posso crêr; mas como elle vem fallar-te no sabbado, melhor poderás saber isso; por emquanto nada de juizos temerarios.

.....

.....

Chegou a final o dia aprazado.

Roza, se por um lado parecia desejar a chegada de Fernando, por outro tambem temia esse encontro como se d'elle dependesse a sua sorte futura.

Perto da meia noute d'esse dia, Fernando, cuidadosamente embuçado em uma ampla capa de viagem, descavalgava nas trazeiras da habitação de Roza e depois de prender o cavallo ao tronco de uma arvore dirigiu-se para o quintal da casa, e deu o mesmo signal porque antigamente se annunciava.

Roza, que desde o anoitecer se conservára acordada e attenta, não se fez esperar muito tempo e correu immediatamente a encontrar-se com Fernando.

Foi uma scena pathetica em que, depois de alguns mezes de ausencia, aquellas mãos se apertaram freneticamente e aquelles labios se uniram para se darem o beijo das boas vindas.

Fernando não se exhimira áquellas demonstrações de affecto, e pelo contrario correspondeu a ellas com o mais scincero carinho, o que bem claramente demonstrava que no seu peito havia alguma cousa mais do que uma simples affeição para com a rapariga.

O que é certo, porém, é que ao apertar entre as suas as mãos descarnadas e frias de Roza, estremeceu, como se a sciencia que estudava, lhe revelasse n'aquelle descarnamento e frieza dos membros os symptomas de uma terrivel molestia, a tysica! Forcejou, comtudo, por dissuadir-se das suas tristes apprehensões e encetou a conversação por estas palavras:

—Deves estar muito despeitada pelo meu procedimento, não é verdade, Roza?

—Despeitada, não, snr. Fernandinho; mas anciosa por saber os motivos do seu silencio.

—Tens razão, filha; os meus affazeres porém teem-me tirado todos os momentos.

—Não diga isso, Fernandinho; tres minutos, sequer, lhe bastavam, de oito em oito dias, para me socegar o coração; mas quando se anda com a cabeça desvairada por outros amores, chega-se a esquecer

atê a pobre aldeã que lá longe se definha e se sente morrer de pezar por se ver assim desprezada e esquecida.

—Roza!...

—Oh, não tente negal-o; adivinhou-m'o o coração, primeiro, depois quasi tive a certeza dos meus sentimentos.

—Mas quem julgas então....

—Ora, quem hei de julgar que lhe occupa todas as attensões, senão a filha da snr.^a baroneza?

—Mas...

—Não me enganei, não é verdade? pôde responder-me com franqueza, porque estou preparada para tudo.

—Pois bem, Roza; vou fallar-te a verdade. Effectivamente existem entre mim e D. Deolinda, de ha muito, relações de amizade.

—Diga antes de amor; mas, foi para dar-me essa agradavel nova que veio do Porto aqui?

—Talvez. E' preciso rasgar por uma vez o veo que tem occultado as minhas intenções para contigo. Roza, por quem és, perdoa-me se te enganei; tu não podes ser minha esposa.

A moça não respondeu nem uma unica palavra, não fez um só gesto nem deu o mais minimo signal de espanto. Fernando continuou:

—Não podes ser minha esposa, Roza, não porque sejas indigna da minha mão e do meu nome, não porque não veja em ti as qualidades necessarias para me fazeres feliz, mas porque antes de travarmos estas relações, já existia um compromisso, uma especie de

pacto entre mim e D. Deolinda, pacto esse que ainda ha poucos dias foi authorisado e corroborado pela baroneza. Se fôr a comparar a igualdade do amor que nutro por ti e por ella, a differença seria bem maior a teu respeito, com franqueza o digo. Não nego, contudo, que tenho alguma affeição á filha da baroneza mas acima de tudo isso está a minha palavra e a minha dignidade de cavalheiro perante a sociedade.

Um sorriso amargo passou pelas faces da rapariga ouvindo estas ultimas palavras e exclamou depois com uma especie de desdem:

—Palavra, dignidade... e não terei eu por ventura tambem o direito de perguntar-lhe pelos seus juramentos e pelo cumprimento das suas promessas?

—Tens razão, Roza, mas existe ali uma differença bem sensivel, e é que as nossas relações teem sido tão secretas, tão ignoradas, que, dado o caso de eu não cumprir a minha palavra para contigo, o mundo nada me lançaria em rosto, enquanto que com D. Deolinda dá-se muito o contrario.

—São realmente convincentes as suas razões, snr. Fernando! Oh, mas eu nada mais necessito ouvir. Está tudo terminado entre nós não é verdade? Pois bem, seja feliz; case com quem lhe aprouver porque eu não o impedirei nos seus designios; cxalá que os remorsos não lhe martyrisem de futuro, a existencia.

—Espera, Roza, conheço que sou culpado, mas ainda assim não me condemnes tão injustamente; é verdade que vou desposar outra mulher, porque a força das circumstancias a isso me obrigam, mas apesar

d'isso o meu coração não deixará nunca de pulsar por ti, e se queres uma prova convincente do que affirmo poderei dar-t'a, compartilhando contigo o melhor dos meus affectos. Que importa que eu esteja ligado a outra mulher se o meu coração, a minha vida, só a ti pertencem?

—Calle-se snr. Fernando; julga-me já tão depravada que descesse a similhante degradação? oh! antes a morte mil vezes.

—Sei que possues uma alma nobre, Roza; mas eu com isto nada mais queria provar-te senão que te amo e amarei sempre.

—Obrigado, muito obrigado por tal *amor*, mas permitta-me que lhe diga que não posso crer em tal afeição; e mesmo dado o caso que ella existisse deveria acabar no momento em que se unisse a outra mulher. Emquanto a mim eu já esperava este desfecho e a ninguem mais culpo d'isto senão a mim propria. Tivesse eu ao menos um coração insensível! e frio como o tem muitas outras!...

—Perdôa-me Roza, perdôa-me por quem és.

—Perdôo-lhe, snr. Fernando—proseguiu a moça contendo a custo as lagrimas;—perdôo-lhe porque o amo e amal-o-hei até á morte; perdôo-lhe porque é um dever meu o perdoar-lhe; lembre-se com tudo do quanto fiz por sua causa, e não se esqueça, sobre tudo, que me roubou o mais precioso dos dotes que uma mulher póde ter.... a honra!... Depois, quando eu já não fôr d'este mundo, pesso-lho só que não se esqueça d'aquella que tanto o amou, e como premio d'esses

momentos felizes que passamos juntos, vá derramar uma lagrima só, sobre o pedaço de terra que me cobrir o corpo inerte; oh! deve-me ella ser bem agradavel, fazer-me-ha talvez ainda pulsar o coração já sem vida!...

—Rosa, filha da minha alma, não digas isso....

—Ora com franqueza, Fernandinho, o senhor como homem de sciencia, não presentiu ainda em mim alguma cousa que me deve encurtar os dias da existencia?

Fernando não respondeu.

—Falle, falle sem reccio; bem vê que lhe faço esta pergunta com toda a serenidade.

—Eu não presinto nada.

—Oh, sei que não falla verdade, porque eu sinto os symptomas de uma enfermidade que muito breve me lançará na sepultura; a minha morte deverá até servir-lhe de grande allivio e eu pesso-a a Deus a todos os momentos.

—Enganas-te Roza; tu não has de morrer; quero até que vivas e que esperes pelo futuro, já que o destino presentemente nos separa....

—Esperar?! pois que posso eu esperar do futuro? Acaso tentará resalvar o seu procedimento com esperanças vãs? Eu perdô-o-lhe tudo, e tanto assim, que o meu unico desejo é que viva feliz com essa que Deus lhe destinou para esposa é tambem um anjo de bondade, e não será a minha presença que offusque o brilho da sua ventura. Parta; não prolongue por mais tempo este horrivel martyrio, que me despedaça a al-

ma e perdôe-me tambem algum mal que lhe tenha feito soffrer. Adeus, e até á eternidade... quando voltar a esta aldeia já não restará de mim senão a memoria.

—Não me falles assim, porque me mortificas. E' effectivamente preciso separarmos-nos porque soffro; mas antes de partir queria apertar-te ao meu coração; recusar-te-has por ventura a este pedido?

—Oh, não, não—e dizendo isto, a pobre rapariga, suffocada pelo pranto, lançou-se-lhe impetuosamente nos braços.

Fernando, não menos commovido, cobria-lhe o rosto de beijos e murmurava algumas palavras de esperança.

Durou bastante tempo este doloroso transe. Aquelles dous corpos pareciam jámais poder desunir-se, e não foi sem custo, que, depois de muitas lagrimas e de muitos adeuses, Fernando se desvencilhou dos braços de Roza, affastando-se precipitadamente.

A moça, mal o viu desaparecer, deu ainda alguns passos para se encaminhar para casa, mas cahiu extenuada sobre o pavimento do quintal.

Fernando ao affastar-se d'aquelles lugares ia triste e pezaroso, e por mais de uma vez exclamou:

—Pobre Roza; fui bem cruel para com ella. Para que a vi eu?... e tinha jurado pertencer-lhe!... Infeliz rapariga, és sacrificada aos preconceitos d'este mundo!...

XVI

Chegou finalmente o dia em que Fernando devia fazer o seu acto grande, ultima prova de aproveitamento no curso que ia terminar.

Como a baroneza tinha designado, o moço convidára sua familia para vir ser testemunha presencial da sua formatura, mas ao convite accedera só seu pae, que na vespera d'esse dia se apresentára em casa de Fernando, risonho e alegre, como alegres se podem mostrar os paes que vêem seus filhos chegar ao termo de uma carreira distincta e honrosa.

O moço n'esse mesmo dia foi apresentar seu pae á baroneza e sua filha, que o receberam com a afabilidade e semceremonia com que sempre se recebe um amigo velho e futuro genro, e desde logo o convidaram, tanto a elle como a seu filho, para jantarem na sua companhia depois do exame.

No dia seguinte o pae de Fernando, convenientemente vestido para assistir a uma cerimonia tão importante, envergando a sua antiquissima casaca, que só apparecia nos actos sollemnes, tendo na cabeça um immenso chapéu de seda já arrussado pelo pó de muitos annos, e apoiando-se n'um bengalorio de castão de prata, o que tudo lhe dava um character um pouco grutesco, apeava, meia hora antes de principiar o acto, conjunctamente com a baroneza e sua filha, de um lindo trem que parára proximo das escadas que davam ingresso para o edificio da escola.

A' appareição do pae de Fernando, alguns estudantes, que conversavam no pateo, não poderam deixar de se rir do aspecto grave e um tanto comico do velho, e entre si divertiam-se com alguns epithetos que dirigiam ao trage do recém-chegado, o que lhes augmentava a hilaridade.

Tudo isto, porém, terminou, quando Fernando, avistando seu pae, se encaminhou com toda a seriedade para elle, com a cabeça descoberta, beijando-lhe depois respeitosamente a mão e cumprimentando em seguida as duas senhoras com toda a delicadeza.

—E' o pae de Fernando—exclamaram alguns dos rapazes, e desde logo os sorrisos sarcasticos desapareceram completamente dos seus labios.

Esta repentina mudança nos estudantes a nada mais se podia attribuir senão á respeitosa consideração e estima em que Fernando era tido entre os seus condiscipulos.

O moço, com a fronte altiva e como ufano de le-

var a seu lado o honrado lavrador, entrou na sala dos actos e elle proprio conduziu aos lugares, em que, tanto seu pae como as duas senhoras tomaram assento.

Poucos momentos depois, Fernando foi chamado e principiou a defeza da sua these.

Como bom estudante que fôra sempre, e dotado além d'isso de uma bella intelligencia, n'aquella ultima prova não desmereceu nada da boa reputação que de ha muito gosava, e tanto a defeza da these como as demais provas foram de um tal exito, que os proprios lentes foram os primeiros a felicitá-lo e a endereçar-lhe os mais justos e sinceros elogios ao seu talento, sendo estes secundados pelos parabens e cumprimentos dos seus condiscipulos e de outras pessoas que tinham assistido áquelle acto.

O pae de Fernando quasi que chorava de alegria ao ver o triumpho alcançado por seu filho, e do intimo d'alma parecia abençoar aquella dezena de moedas que gastára na sua formatura.

Quanto á baroneza e sua filha essas não estavam menos contentes e commovidas, revendo-se uma, no futuro genro e a outra no sympathico marido.

O resto dos espectadores partilhava igualmente da admiração que lhe inspirava aquelle moço, não só pelo seu talento como pelo seu porte distincto e despretençiosa presença.

Terminada a cerimonia, voltaram todos para casa da baroneza, onde estava preparado um lauto jantar e para o qual a dona da casa convidára umas tres ou quatro pessoas das suas mais intimas relações, tendo

tambem Fernando convidado alguns dos seus condiscipulos.

O banquete correu sempre alegre e animado e á sobre-meza a mãe de D. Deolinda encaminhou a conversação para o assumpto que mais parecia desejar, principiando por estas palavras dirigidas ao pae do novo medico-cirurgico:

—Com que então, snr. José da Costa, tem já um distincto facultativo na familia, não é assim?

—E' verdade—respondeu o velho com aquella rude franqueza, que lhe era habitual;—mas tambem ficou-me por bom preço o tal cirurgião; se continúa a estudar por mais alguns annos, e se os meus negocios, louvado Deus, não teem tido tão bom caminho, sempre lhe digo, snr.^a baroneza, que o morgadio havia de ficar-lhe um pouco derrotado.

—Ora não havia de ser tanto assim—continuou ella;—o snr. José da Costa não havia de empobrecer, isso tambem é modestia de mais.

—Emfim, snr.^a baroneza, eu quando o destinei para os estudos abalancei-me ao que dêsse e viesse e não choro o dinheiro que gastei. Além d'isso eu sei o que são os rapazes por cá, e o que eu nunca quiz foi que elle fizesse triste figura ao pé dos seus companheiros e para o quê alli está que o diga; nunca me mandou pedir dinheiro que eu lh'o não mandasse e ás vezes até mais do que elle pedia, e outras, mesmo, sem m'o requisitar.

—Agora e que o senhor deve é procurar-lhe um

bom casamento, porque isso mesmo se torna necessario para a sua profissão.

—D'isso é que eu não quero saber; elle lá que arrange a mulher a seu gosto, mas comtanto que não seja por ahi nenhuma desregrada que o torne infeliz, como por ahi ha muitas.

—Elle, segundo me consta, parece-me que já fez a sua escolha e creio que não foi desacertada.

—Sim?! Então pelo que vejo ella é cá do Porto.

—E', e tenho até estreitas relações com essa pessoa, se é a mesma que eu penso.

—Ora bravo, e então tu, meu maroto, andavas com isso tão callado...

—Eu, meu pae—respondeu o moço sorrindo-se,—não me tinha ainda atrevido a confessar-lhe....

—Ora vamos então lá a saber; quem é a escolhida? é nova, bonita, et cœtera?

A esta pergunta, a baroneza, sua filha e Fernando não puderam deixar de se rir.

—Meu pae!...—exclamou o moço um pouco confuso.

—Então de que se riem? acaso a minha pergunta foi inconveniente?

—Não é isso—atalhou a baroneza—mas como a noiva nos está a ouvir....

—A ouvir?!—exclamou o velho olhando para todos os cantos da sala—não vejo....

—Ora olhe bem para a pessoa que está á direita de seu filho e conhecel-a-ha.

—A snr.^a D. Deolinda?!—atalhou José da Costa

dando um pulo na cadeira, tal fôra a surpresa que lhe causaram as suas palavras.

—Sim, minha filha, então que lhe parece? Acha que não fez boa escolha o nosso Fernando?

—Oh, snr.^a baroneza, v. exc.^a de certo está a divertir-se comigo.

—Não estou, não, e para prova pergunte-o a seu filho.

—Então isto é serio, Fernando?—perguntou elle.

—Disse-o a snr.^a baroneza, meu pae, e ella não costuma divertir-se com cousas sérias.

—Nada, não creio; pois a snr.^a baroneza havia de consentir em casar sua filha com o filho de um lavrador....

—E parece-lhe isso extraordinario?—respondeu a baroneza;—acaso não é Fernando bem digno d'ella? Vamos, entre nós está tudo preparado e falta só agora a sua annuencia; consente n'este casamento?

—Oh, snr.^a baroneza, v. exc.^a manda, não pede; que melhor esposa poderia meu filho encontrar que não fosse a snr.^a D. Deolinda, um anjo de belleza e de bondade? Além d'isso esta união é da vontade de ambos e é o bastante tambem para o ser da minha; a unica cousa que me entristece é o eu ficar privado da companhia do meu Fernando, que tanto estremeço; no emtanto visitar-nos-hemos depois, vezes a miudo, e assim espalharemos as saudades.

—Quanto a isso, meu amigo, esteja descansado porque tudo está prevenido de fórma que não sentirá a falta de seu filho; irá viver para a sua companhia,

eu ao menos para bem perto 'do snr. José da Costa; já tínhamos combinado tudo isso.

--Mas então....

—Ora ouça-me; primeiro que tudo desejo que este consorcio se effectue o mais brevemente possivel e para isso já estão tomadas todas as medidas. A'manhã iremos ao meu tabellião assignar as escripturas do casamento, e no dia seguinte partiremos todos para a sua aldeia, onde se effectuará a cerimonia. Ahi o snr. Fernando e sua esposa irão habitar para as minhas propriedades onde lhes farei companhia e assim viveremos todos juntos até quando Deus o quizer. Satisfazem-n'o agora os meus planos?

—Ah, minha senhora, não póde haver maior felicidade e confesso que a snr.^a baroneza me confunde com tantas bondades.

—Ora muito bem; visto isso está tudo decidido e desde já ficam ambos sendo meus hospedes ou para melhor dizer, fazendo parte da minha familia.

—E a snr.^a D. Deolinda, que diz a isto?—interrogou o bom velho alegremente:—não se despresará de ter por pae um rustico como eu?

—Isso é graça; o snr. José da Costa é uma pessoa honrada e sobre tudo é o pae do meu Fernando.

—Ora bravo, assim é que eu gosto de ouvir falar.—Dirigindo-se depois a seu filho:—Anda meu bregueiro; sempre te digo que arranjaste por cá lindas cousas; o que não irá pela aldeia quando souberem d'este casamento.... Agora o que é necessario é tu

escreveres a tua mãe e participares-lhe que espere lá por nós todos.

—E' desnecessario esse trabalho—atallhou a baroneza,—porque hoje mesmo partirão para a aldeia alguns dos creados a disporem tudo em casa para a nossa recepção e a um d'elles incumbirei de participar tudo a sua esposa.

—Como ficará louca de alegria a pobre velha!—exclamou o pae de Fernando;—ella, que estremece tanto como eu este nosso unico filho!...

Continuou ainda a conversação por algum tempo e os convidados só se retiraram por alta noite, depois de terem felicitado os dous noivos e de fazerem os costumados cumprimentos ás demais pessoas.

No dia seguinte foram assignadas as escripturas do casamento, empregando o jovem medico o resto do dia em despedir-se dos seus professores e das pessoas das suas relações, e no immediato, pelas 10 horas da manhã, entravam todos em uma carruagem de posta, que d'ahi a pouco caminhava ao longo da estrada que conduzia á aldeia de....

XVII

A chegada da baroneza e de Fernando foi um verdadeiro successo para a aldeia.

A mãe de Fernando, tendo no dia antecedente recebido as felizes noticias de tudo quanto se passára, fôra immediatamente desabafar com alguns visinhos as alegrias maternas que lhes trasbordavam o coração, e dera-lhes parte não só do casamento de seu filho, mas também da proxima chegada da baroneza, que vinha habitar outra vez para as suas ricas propriedades.

Poucas horas depois toda a aldeia estava sabedora de todos esses successos, e desde logo principiam os preparativos para uma brilhante recepção aos recém-vindos, não só pelas sympathias que estes inspiravam a toda a povoação, como pessoas das mais poderosas, mas também porque ainda estavam bem paten-

tes no pensamento de todos, os actos de caridade e de beneficencia, que a baroneza praticára durante o tempo que alli vivera.

Foi em consequencia d'isto pois, que os recém-chegados, ao entrarem na aldeia, depararam com uma multidão de povo, que os esperava com curiosidade, á frente da qual estavam o parcho da freguezia, o regedor, o mestre escola, o boticario e muitas outras pessoas consideradas da localidade. Dir-se-ia pela agitação e bolicio que se notava por toda a parte, que chegára á povoação o bispo ou pessoa real.

Fernando, ao attentar na multidão, pareceu procurar no meio d'ella alguma pessoa, e como não a visse ficára um tanto pensativo e triste.

Effectivamente a pessoa que elle procurava, a Roza do Adro, não estava alli, e talvez fosse a unica que não viera partilhar de geral alegria e curiosidade.

A pobre rapariga, que nos ultimos dias tinha sentido recrescer-lhe com uma espantosa celeridade esse terrivel padecimento a que a medicina deu o nome de tysica, estava já em tal estado de prostração, que nem de casa podia sair.

Entre a multidão, porém, Fernando encontrára em vez do olhar meigo da sua antiga amante uns outros olhos brilhantes e sombrios, que o fitavam sinistramente e que o fizeram estremecer. Eram os do Antonio do *padre*, unico confidente das relações secretas dos dous jovens.

A baroneza e as demais pessoas que a acompanhavam entraram na sua antiga habitação, e depois de

conversaram com algumas pessoas que as tinham ido esperar, Fernando e seu pae despediram-se de todos e dirigiram-se para sua casa.

No dia seguinte, logo pela manhã, D. Deolinda, depois de pedir a sua mãe permissão para ir visitar algumas pessoas das suas antigas relações, encaminhou-se para a habitação de Roza, que fôra uma das suas amigas mais afeioadas e a quem parecia estimar mais do que a nenhuma outra.

Ao transpor a porta, a filha da baroneza ficou tranzida de espanto ouvindo da avó de Roza as seguintes palavras:

—A minha neta, snr.^a D. Deolinda, está muito doente e o seu estado é tal que já não ha talvez esperanças de a salvar.

—Oh, deixe-me ir vê-la, deixe-me ir vê-la minha pobre amiga—exclamou D. Deolinda precipitando-se impetuosamente para o porta do quarto de Roza.

Ao transpôl-a porém, parou subitamente, horrorizada pelo quadro que se lhe apresentava ante os olhos.

Roza, a bella rapariga de outro tempo, achava-se meia deitada no leito, encostada a alguns travesseiros que lhe amparavam o corpo; as mãos, braços, colo, e o rosto, estavam de um descarnamento aterrador; os olhos brilhavam-lhe ainda, mas de um folgôr embaciado e sem vida, e os labios debotados e seccos, assimilhavam-se ás petalas de uma rosa queimada pelos ardores do sol.

As duas amigas ao avistarem-se, estremeceram

instinctivamente e D. Deolinda, com as lagrimas nos olhos, acercou-se do leito, exclamando:

—Rosa, n'este estado?!..

—E' verdade, snr.^a D. Deolinda—respondeu a doente em tom resignado.

—Quando eu presumia vir encontrar-te com muita vida, bella e desenvolvida, venho achar-te n'este leito e em um tal estado!... como foi isto minha amiga?

—Não sei, Deolindinha, parece-me que uma pequena constipação.... talvez.... deu principio a esta terrivel molestia.

—E ha muito tempo que estás doente?

—Ha já bastante que eu senti os primeiros symptomas, mas ultimamente teem-se desenvolvido rapidamente.

—E para que não a debelaste logo no começo?

—Porque não pude, ou não quiz!

—Não quizeste, como!?

—Para que nos serve a existencia n'este mundo?... para desgostos e mortificações não é verdade? Quanto mais longa fôr, mais amargo será o fel da nossa taça; assim, morrendo, termina-se mais depressa com este martyrio constante em que quasi sempre vivemos, e deixamos até talvez de servir de empecilho á felicidade dos outros.

—Não te percebo, Roza, fallas-me uma lingua-gem tão desconhecida!...

—Oh, nem eu desejo que me perceba; o mais que posso dizer-lhe é que a vida só é bella para

aquelles que encontraram um coração que os ama.... como por exemplo, a snr.^a D. Deolinda, não é assim?

—Então já sabes?

—Sei, sei tudo porque m'o contaram, sei que vae desposar o snr. Fernando.

—E então, que me dizes tu ao noivo?

—Oh! deve ser uma bella alma e que fará de certo a felicidade de sua esposa.... elle ama-a muito?

—Muito, muitissimo!

—Sim?... oxalá que nenhuma nuvem negra lhes obscureça o horisonte brilhante da sua felicidade.

—Que queres dizer n'isso, Roza?

—Oh, nada; não faça caso das tolices de uma desgraçada, que descreu completamente de tudo.

—Minha amiga, tu occultas-me alguma cousa; a maneira como te exprimes denota que na tua alma ha muita amargura.

--Não se engana, Deolindinha.

—Então sê franca para comigo; conta-me os teus pezares, e desabafa sem receio essa dôr que te oprime. Amaste talvez algum rapaz que te pagou a final todos esses affectos com o desprezo e o esquecimento, não é verdade?

—Peior do que isso!...

—Peior ainda, como?!

--Eu lhe conto.... mas do que servem agora narrações que nada devem interessar-lhe?... Olhe, Deolindinha, deixemos-nos agora d'estas cousas e fallemos n'outras; é melhor que a menina ignore toda a vida esses horriveis desenganos do mundo....

—Não, não quero; se és minha amiga, Roza, nada me occultes; chorarei contigo essas infelicidades e partilharei das tuas magoas, como verdadeira amiga que sou tua.

—Então sempre quer que lhe conte a historia das minhas desventuras?—exclamou Roza depois de alguns momentos de silencio, e transparecendo-lhe no rosto um sorriso de indiscriptivel amargura.

—Já t'o pedi.

—Pois bem; visto a sua insistencia, ouça-me:

«Quando eu, ainda ao desabrochar da vida ignorava o que era pulsar o coração agitado pelo amor, quando ainda nem sequer pela mente me passava a ambição de possuir uma alma meiga e sensivel, que sentisse como a minha, deparou-se-me um homem, um anjo, que pela doçura das suas palavras, pela convicção dos seus juramentos, pela languidez do seu olhar e pelo conjuncto, finalmente, de todas as bellezas que o adornavam, me fez estremecer mysteriosamente a corda mais sensivel do meu coração, fazendo-me ao mesmo tempo experimentar, pela vez primeira, sensações e anhelos que até ahi eram para mim completamente desconhecidos!... Tentei fugir a essa fascinação que me cegava; forcejei por ensurdecer-me ás suas apaixonadas declarações, que eccoavam soñorosamente no mais recondito da alma, fiz tudo quanto pude para fugir-lhe, porque já parecia antever os futuros dissabores e infelicidades que me trariam esse amor, mas não pude!... o piloto do fragil baixel deixou-se fascinar pela belleza de uma praia longinqua, e perdido

na immensidão e falta de recursos, pareceu!... Já tinha de assim succeder!...

«Vivemos muito tempo embriagados e entregues aos prazeres de um amor sem macula. . . . Eu amava-o com esse amor puro e innocente de creança, com a cegueira e loucura d'um primeiro affecto, com a força e o vigor de um coração ainda virgem de taes affeições!... elle. . . . tambem parecia amar-me; pelo menos jurou-m'o por mais de uma vez!... Como eu lhe ouvia convicta e transportada os seus protestos de infindo amor!... Uma noute, noute bem horriavel e desgraçada! deixei-me embriagar, mais do que nunca, pelas suas caricias e pelos seus protestos de amor; fôra eu talvez a verdadeira culpada da minha ruina, e, demasiadamente fraca para ter a força de fugir a essa allucinação que me fechára os olhos da razão e do decoro, cedi!... era mulher, e amava!... Ah, Deolindinha, não estranhe o meu procedimento; quando uma mulher ama como eu amava, quando se tem a convicção e se crê nas promessas d'um homem, não ha mulher nenhuma, que deixe de satisfazer os mais pequenos caprichos, as mais insignificantes vontades e de ceder aos rogos, enfim, d'esse ente a quem deu o coração; o nosso unico desejo e provarmos-lhe sempre o nosso amor, com risco até do maior dos sacrificios, é não o desgostar por um só momento, é, enfim, entregarmos-nos toda a elle, viver, soffrer, morrer pelo seu amor!...

«A indifferença e o tedio principiaram a desenvolver-se n'elle desde essa noute fatal, e então come-

cei a descrever d'esse amor que tantas vezes me tinha jurado, e entreguei-me a uma desesperação dolorosa, que principiou a matar-me!...

«Finalmente, passado algum tempo, esse homem que dizia amar-me e que sob esse pretexto me roubou a flôr mais preciosa da minha corôa de virgem, o pedaço mais caro da minha dignidade de mulher, dizia-me, pela sua propria bocca, que desistisse da esperança de um dia pertencer-me, que fizesse por esquecel-o, e que a recompensa do meu amor e dos meus sacrificios, seria a eterna lembrança que me conservaria, e o resto ainda dos seus affectos, pois que a *sociedade* e a *honra* impediam o nosso casamento!... Parece incrível que isto se diga de cara a cara, mas ouvi-o eu!... D'esta fórma, abandonada por elle, desfeita a ultima esperança, e despojada do mais precioso dote de uma mulher, que podia eu anhelar n'este mundo senão uma morte breve que viesse pôr fim ás minhas dôres? Pedi ardentemente a Deus que me levasse d'esta vida de enganos e elle ouviu-me; Bemdito seja!... Morrerei, pois, com o coração repassado de dôres, mas nunca maldirei o author dos meus soffrimentos; antes pelo contrario, o meu ultimo suspiro será para elle porque ainda o amo, porque o amarei até além da morte!... Ora ahi tem, Deolindinha, a triste historia dos meus infortunios e a verdadeira causa do estado em que me veio encontrar.

—Minha pobre Roza—exclamou a filha da baroneza banhada em sentido pranto;—foste muito infeliz, é verdade, mas talvez haja ainda um remedio para os

teus males; perdeste completamente a esperança de reconquistares o coração d'esse homem?

—Completamente.

—E elle ignora o estado em que estás?

—Talvez, não sei.

—Então, minha amiga, não percas de todo a esperança. Não haverá homem nenhum que em presença dos soffrimentos de uma mulher que vê resvalar para o tumulto por sua causa, não deixe de reparar a falta que commetteu. Serei eu propria a primeira a interceder-lhe por ti e estou certa que não será insensível aos meus e aos teus rogos; pedir-lhe-hemos ambas a reparação d'esse erro, e se tanto fôr necessario, lançar-nos-hemos juntas a seus pés.

—Oh, isso nunca, nunca!

—Porquê, Roza?

—Porque seria forçal-o a reatar o fio de relações que se lhe tornariam prejudiciaes. . . . porque era obri-gal-o a amar uma mulher por quem hoje não sente, talvez, a minima affeição; porque a junção das nossas almas, trazer-nos-hia de futuro dissabores e lagrimas; porque, finalmente. . . . elle ama outra, que o deve fazer perfeitamente feliz! . . .

—Então desistes completamente da esperança de qualquer tentativa de congrassamento?

—Desisto.

—Pois bem—continuou Deolinda depois de alguns momentos de reflexão;—tomarei eu só esse encargo; declara-me o nome d'esse homem e eu experimentarei os seus sentimentos, verei se será ainda

possível reanimar-lhe no coração os seus antigos affectos.

—Oh, não, não quero.

—Porque?

—Porque não quero nem devo declarar esse nome; é um segredo que morrerá comigo, e se a menina é effectivamente minha amiga respeite esta minha unica vontade.

—Não posso; indagal-o-hei.

—Serão baldados os seus esforços, porque talvez ninguem saberá responder-lhe.

—Ninguem?!..

—Só uma pessoa, mas essa não lh'o declara; estas relações foram sempre tão secretas, tão mysteriosas desde um certo tempo....

—Rosa: assalta-me um triste presentimento; a tua narração, as peripecias d'esse amor e a tua completa abstenção do nome d'esse homem, coincidem notavelmente com alguns casos que se teem dado e fazem-me por isso suppor que esse homem não é outro senão....

—Não é quem suppõe; não é d'esta aldeia—exclamou a moça afflicta.

—Não é outro senão Fernando!—concluiu a filha da baroneza sem se importar com a interrupção da desventurada rapariga e fitando n'ella um olhar perspicaz.

A'quelle nome, Rosa sentiu-se completamente aniquilada; quiz ainda balbuciar uma negativa, mas não pôde; um anel de ferro parecia ter-lhe apertado a garganta.

A filha da baroneza com os olhos sempre fitos no seu rosto, não perdera nem um só dos seus movimentos, e tanto por isso como pelo silencio que guardara ao ouvir aquelle nome, viu que não se tinha enganado nas suas tristes supposições; no entanto, como para melhor se convencer, e como se ainda lhe custasse a accreditar n'esta triste verdade, exclamou fóra de si:

—Roza, porquem és, não me tortures mais com o teu silencio; se és minha amiga, se me queres como dizes, revela-me a verdade; esse homem que amaste e que ainda amas é Fernando, não é verdade?

—E'... perdão...—respondeu a moça com a voz abafada pelos soluços e calindo, extenuada por aquelle esforço, sobre o leito.

A filha da baroneza, áquella affirmativa, empalideceu mortalmente; um frio de géllo pareceu percorrer-lhe todos os membros, e duas lagrimas rolaram-lhe pelas faces, duas lagrimas destiladas da mais acerbba dôr.

Passados os primeiros momentos de natural commoção, Roza foi a primeira a interromper o silencio, exclamando entre suffocado soluçar:

—Perdoe-me, Deolinda, perdoe-me por quem é....

—De que me pedes perdão, minha pobre amiga?—exclamou a filha da baroneza com uma apparente serenidade;—acaso não serei eu a mais culpada?... olha, minha Roza, nós o que somos é muito desgraçadas; eu tambem lhe queria tanto como tu.

—Pojs continue a amal-o sempre como até aqui,

porque elle é bem digno do seu amor; despose-o; sejam felizes; da eternidade abençoarei essa união e pedirei a Deus por ambos.

—Que dizes, Roza, acaso enlouqueces-te? pois persuades-te que eu desposaria um homem que foi amado por uma amiga minha, e á qual tornou tão desgraçada? Não penses n'isso, minha boa amiga, ninguém mais do que tu tem direito á sua mão, e deves possuil-a.

—Não diga isso Deolindinha, que me afflige; que lucraria agora em recusar uma união que a deve tornar verdadeiramente ditosa? Bem vê que são poucos os dias que me restam de vida, e forçar, com a sua recusa, a Fernando desposar um cadaver, seria na verdade uma indesculpavel tyrannia; além d'isso, Fernando nunca a tal accederia e isso ia de certo aggravar a minha triste posição, e dar logar á propagação de um segredo que eu desejava que morresse comigo.

—Não te dê cuidado, Roza, far-se-ha tudo de modo que este casamento a todos pareça uma cousa bem natural; eu me encarregarei d'isso. Emquanto á recusa de Fernando, não sejas tão injusta para com elle; Fernando não deve ter assim esquecido os seus deveres de homem honrado e nem tampouco ha-de ter perdido de todo o amor que te consagrou em principio.

—E a Deolindinha?

—Eu, minha amiga, depois que vos vir unidos e felizes, recolher-me-hei com minha mãe a um convento e ali terminaremos ambas a existencia.

—Mas isso é horrível, é um sacrificio desesperado; promover o casamento de um homem a quem ama tão ternamente e ainda mais ser testemunha da sua união....

—Deus ha de dar-me forças para tudo: é assim que deve proceder toda a mulher de bem.

—Nada, nunca consentirei em tal —exclamou Roza, depois de alguns momentos de reflexão;—oppôr-me-hei com todas as forças que me restam, a um tal designio.... se eu tivesse muita vida, talvez accettasse ainda esse seu sacrificio, Deolindinha; mas da maneira que estou, não quero nem devo.

—Has-de ainda viver muito, Roza. Fernando bem depressa ha-de saber curar-te esse mal que o é só do coração... descança.

—Já o disse Deolindinha, nunca em tal consentirei: a minha resolução é inabalavel.

—Pois bem, nós combinaremos isso da melhor fórma; agora permite o eu retirar-me, porque tenho ainda que fazer algumas visitas antes do almoço. Adeus Roza, de tarde voltarei a ver-te e talvez te traga uma noticia bem agradavel.

—Adeus, Deolindinha, não se esqueça do que lhe disse a respeito de Fernando; creia que nada me fará mudar de resolução.

Deolinda proferiu ainda algumas palavras de despedida e retirou-se, tomando logo directamente o caminho de sua casa, ao contrario do que tinha dito.

A filha da baroneza caminhava triste e pensativa,

e no rosto assumavam-lhe de vez em quando algumas lagrimas.

—Que triste decepção!—exclamava ella de si para consigo;—vir aqui procurar a felicidade e a realisação de todos os meus sonhos, e encontrar o mais terrivel dos desenganos!.. Quanto sou desgraçada, meu Deus!...

Deolinda entrou em casa, e sua mãe, ao vê-la assim triste, não pôde reter uma exclamação de espanto.

—Que tens, minha filha?

—Ah minha querida mãe—exclamou a joven lançando-se nos braços da baroneza, como para desabafar as angustias que lhe torturavam a alma;—somos muitos desgraçadas!

—Mas porquê? explica-te.

Deolinda levou sua mãe para junto de um sofá onde ambas se sentaram, e principiou a narração da sua visita a casa de Roza, o estado em que encontrou a pobre rapariga, e os motivos que lhe cavavam a sepultura.

A' porporção que D. Deolinda discorria, a baroneza, tranzida d'espanto, misturava as suas lagrimas com as de sua filha, e terminada a narração, exclamou:

—E tu, minha pobre filha, em vista d'isto que tencionas fazer?

—Eu, minha mãe, vou esforçar-me por Fernando se compenetrar do estado da pobre rapariga, e conseguir que a despose; estou certa que elle não se negará a isso, por que eu da minha parte, recuso-me for-

malmente a acceital-o por esposo; e enquanto a nós, minha querida mãe, logo que eu consiga os meus desejos, retirar-nos-hemos ambas para um convento e ali terminaremos os nossos dias.

—Muito bem, minha filha, muito bem; é uma acção nobre e digna de ser imitada por todas essas mulheres que dizem amar; julguei-te sempre sensata e de uma nobreza d'alma a toda a prova, mas confesso que nunca esperei tanto de ti.

—Pelo que vejo a mamã está satisfeita com a minha resolução não é verdade?... pois bem, hoje mesmo principiarei as minhas diligencias; logo que Fernando chegue, a mamã deixar-nos-ha sós por algum tempo, e do resto me encarregarei eu.

—Deus te dê forças para um tão difficil transe, minha querida filha.

—Ha-de dar-m'as, sim, porque a Elle apraz-lhe sempre as acções boas.

As duas senhoras demoram-se ainda alguns momentos commentando e lastimando tão triste successo, e sobre tudo o procedimento de Fernando, que tentavam ainda desculpar por quaesquer motivos.

Por volta das onze horas, o moço entrou na sala onde as duas senhoras estavam, e depois dos cumprimentos do estylo, foi sentar-se proximo de D. Deolinda, com a sua costumada affabilidade.

A baroneza, pretextando alguns affazeres retirou-se deixando sós os dous jovens.

Deolinda, logo que sua mãe se affastou, deu-se

uns ares de serenidade, exclamando com voz tristemente affavel:

—Não sabes, Fernando?... já hoje dei principio ás minhas visitas.

—Sim?!..

—E' verdade, mas logo a primeira pessoa a quem visitei, e á qual talvez estimava mais que a nenhuma outra, fiquei tristemente surprehendida, porque fui encontrar essa minha querida amiga em um estado bem deploravel; pobre moça!... quem a conheceu outr'ora tão bella e encantadora como a flôr vigorosa dos prados, e a vê hoje abatida e pallida como a triste violeta á qual o sol ardente roubou o viço e a belleza, confesso-te, Fernando, que fica consternado.

—E quem é essa infeliz?

—Persuadia-me que já o sabias; é a Roza do Adro, aquella travêssa e alegre rapariga d'outro tempo, que fazia as delicias da gente d'esta aldeia.

—Sim?!.. pobre Roza!..

—E' verdade; segundo ouvi dizer, o estado de adiantamento da sua molestia é tal, que já poucas ou nenhuma esperanças ha talvez de salvar a pobre victimã; além d'isso o velho facultativo d'esta aldeia, ou por já cansado da intelligencia ou pela pouca pratica de taes padecimentos, quasi que nenhuns meios lhe applica para a restabelecer.... talvez um outro, mais experiente e mais vigoroso a podesse salvar.... tu, por exemplo, Fernando, que estás em principio de uma brilhante carreira, que não te falta fé nem recur-

sos, estou certa que a restabelecerias e lhe darias a vida, que principia a faltar-lhe.

—Estimaria isso muito, Deolinda, mas infelizmente não tenho o poder de fazer milagres.

—Quem sabe? has-de experimentar; amanhã ou hoje mesmo iremos vel-a e então dirás se é de todo impossível a cura.

—E' escusado esse trabalho; pela descripção que me fizeste, a sciencia já nada póde fazer em tal caso; além d'isso, quando o meu velho collega não procura sequer um meio para debellar a molestia, é porque ella de certo está no seu ultimo periodo.

—E quem sabe se elle tambem se enganará nas suas supposições? qualquer que seja o estado da doente, é preciso e eu peço-te para ires vê-la, e se por um feliz acaso conseguires salvá-la confesso-te que a sciencia, na tua pessoa, obterá mais um brilhante triumpho, e será de certo uma auspiciosa estreia para a tua humanitaria profissão: accedes ao meu pedido não é verdade?

—Perdôa-me, mas não accêdo.

—Então recusas?!... porquê?

—Por mais de um motivo: em primeiro lugar seria uma offensa ao meu velho collega que a trata; em segundo porque estou convencido que nada poderei fazer; e em terceiro finalmente, porque o seu estado doloroso mortificar-me-hia muitissimo, sendo como sou, tambem amigo d'essa pobre moça.

—Pondo de parte os dous primeiros motivos, o terceiro deve concorrer, pelo contrario, para procu-

rarees todos os meios, senão de a restabeleceres completamente, ao menos de lhe minorares os soffrimentos e de lhe prolongares a existencia por mais algum tempo.

—Já te disse, e desculpa-me o repetir-t'o: no estado em que ella está nada poderei fazer e por consequencia não irei vê-la.

—Estranho esse teu procedimento, Fernando, e com elle fazes-me suppôr a existencia de algum mysterio que pretendes occultar-me.

—Enganas-te....

—Não engano, não, meu amigo, e a prova é essa tua repentina perturbação!

—Eu perturbado?!..

—Sim.... mas fallemos com franqueza, que ha entre tu e ella?

—Nada.... absolutamente nada.

—E se eu te disser que faltas á verdade?!

—Como?!

—Eu sei tudo, Fernando!...

—Sabes tudo!... mas o quê?—exclamou o moço cada vez mais perturbado.

—O que eu sei é que já não se póde effectuar a nossa união.

—E porquê?!

—Porque no leito do soffrimento está finando-se uma desgraçada victima, á qual roubaste não só o coração e a belleza, mas até a honra e a vida!

—Deolinda!

—Não negues, não o tentes sequer, porque eu sei tudo!

—Mas isto é incrível!

—Sejamos francos, Fernando; tu tens uma bella alma, és indigno de commetteres uma acção que te deshonrasse, não é assim? pois então, corre ao leito d'essa desventurada, e salva-a, salva-a de uma morte certa; pede-lhe perdão de a teres feito seffrer tanto e recompensa-a dos desgostos que lhe tens causado pelo offerecimento da tua mão de esposo.

—Enlouqueceste, Deolinda?!

—Não enlouqueci, não, meu amigo, se tu a visses como eu a vi... se soubesses quanto amor ella ainda te dedica apesar do teu completo desprezo....

—Então ella disse-te que effectivamente tinhamos entretido relações?...

—Disse; mas com que custo eu lhe arranquei esse segredo! a pobresinha sabia que estavamos prestes a desposar-mos-nos e não queria de fórma alguma revelar-me nada; comtudo, por mais esforços que empregou, não pôde deixar de trahir-se, e por ultimo pediu-me, instou até que não dêsse sequer um passo para tu a veres, deixando-a morrer, para mais de perto pedir a Deus pela tua e minha felicidades!... Que bella alma aquella, Fernando, e que sublime e santo amor ella ainda te consagra!

Fernando ao ouvir estas ultimas palavras, não pôde encubrir a commoção que ellas lhe causaram, e do fundo d'alma, n'aquelle momento, o moço lastimou a sua leviandade e sentiu ainda estremecer-lhe o coração por aquella a quem realmente amara em outro tempo, e por quem ainda não era de todo indifferente.

A final um outro sentimento bem diverso veio desfazer-lhe os briosos impulsos do coração, e exclamou com voz ainda mal segura:

—Effectivamente, Deolinda, entretive, á falta de passatempo, algumas relações com essa rapariga. . . . foi uma leviandade de rapaz, que nada deve prejudicar as nossas tenções, dando-se ainda a circumstancia d'ella desejar o nosso casamento e a nossa felicidade.

—Leviandade, dizes tu! . . . chamas leviandade a uma acção degradante e que desennobrece e avilta o homem que a commette! chamas leviandade de rapaz ao rapto da honra e da vida de uma mulher?! . . bem sei que essa resposta não é do coração, porque são muito outros os sentimentos que animam a tua alma; pois bem, sê franco, não te contrafaças, desprende-te de todos os compromissos que te ligam a mim, e desposa essa pobre rapariga, porque como te disse, a nossa união é completamente impossivel.

—Principio a acreditar, pelas tuas palavras, que nunca me amaste; do contrario não te expressarias d'esse modo e não renunciarias tão abertamente á nossa felicidade.

—Nunca te amei, Fernando?! . . Deus o sabe; mas é que acima do amor e de tudo está a tua honra e a minha dignidade de mulher; pois achas airoso que eu te desposasse em face de uma infeliz a quem não só amaste, mas até roubaste o socego e a felicidade? que conceito fariam de mim? Além d'isso persuades-te que a nossa união a effectuar-se não nos traria uma serie de desgostos e de infellicidades, auspiciada, como

seria, por tão tristes circumstancias e antecedencias? e pensas mesmo que o remorso não havia um dia de roubar-te a paz do coração e o socego do espirito? Ah, Fernando, pensa bem em tudo isto e verás se eu tenho ou não razão em recusar esta união.

O moço sentia-se subjugado com estes argumentos, e via perfeitamente quanta verdade e quanta nobreza havia n'elles; envergonhava-se porém de ter enganado a filha da baroneza, e tentava ainda resalvar essa sua falta por uma recusa aos seus desejos tornando-lhe assim patente o seu amor e decidido até a renunciar a tudo só para se mostrar forte e desprendido de todos esses preconceitos.

—Pois Deolinda,—exclamou elle a final—se estás de todo resolvida a recusares a minha mão, terás também o desgosto de não vêres satisfeitos os teus desejos, porque não desposarei Roza; d'esta fórma nenhuma de vós cantará a victoria da sua conquista.

—Ah, Fernando, não digas isso; acaso morreram em teu peito esses nobres sentimentos que te adornavam? . . . oh, não o creio; e se as minhas palavras não bastam para te fazer mudar de opinião, aqui me tens a teus pés, com as lagrimas nos olhos, implorando a tua compaixão para aquella desgraçada; tu és bom, Fernando, possues uma bella alma, e a consciencia ha-de de certo aconsellar-te o teu dever; salva essa pobre victima, e além do amor que te consagro, a gratidão será eterna em meu peito.

—Levanta-te, Deolinda—respondeu o moço com-

movido,—e fallemos placidamente; tu na verdade renuncias formalmente aos nossos projectos de união?

—Renuncio, porque assim m'o ordena a minha dignidade, e a compaixão que me inspira Roza.

—Muito bem; e dado o caso que eu despase essa rapariga, que destino tomarás tu?

—Entrarei depois com minha mãe em um convento, e ali terminaremos ambas, em paz, a nossa existencia.

—Pois tu, na verdade, farias isso?... não procurarías um outro homem...

—Nunca, nunca, juro-t'o pela minha honra.

Fernando a estas palavras ficou pensativo; depois continuou:

—Mas, meu Deus, que conceito farão de mim, tua mãe, minha familia, e toda essa gente para quem não era já segredo o nosso casamento?

—Já pensei em tudo isso; a minha mãe já confiei todos os meus projectos, e ella não só os apoiou, como elogiou o meu procedimento; emquanto a teus paes, elles não são ambiciosos, e sabedores de tudo o que se passou, não se opporão ao teu casamento com essa pobre rapariga: emquanto a toda essa gente da aldeia, diremos que foi enganada, que lhe quizemos preparar uma surpresa ou outra qualquer cousa; estás satisfeito?

Fernando não respondeu; continuava submerso nas suas reflexões, e só passados momentos exclamou:

—E se por acaso eu um dia, ficando só n'este mundo, te fosse procurar?...

— Encontrar-me-hias então de braços abertos para te receber, porque n'esse caso estavas já livre e desquitado d'essa divida de honra.

— E tu esperarias por mim?...

— De certo.

— Então....

Fernando ia a concluir a phrase de accedimento, mas conteve-se, como envergonhado da sua fraqueza.

Deolinda percebeu-o, e para o animar, exclamou:

— Vamos, Fernando, posso contar com a satisfação do meu pedido, não é verdade? De tarde irei dar essa boa nova á minha pobre amiga; como ella ficará alegre!... parece-me que estou já vendo-a outra vez, formosa como o fôra sempre, cheia de vida e de felicidade!... Então não respondes?

— A'manhã pela manhã dar-te-hei a decisão; preciso pensar algum tempo.... queres assim?

— Quero tudo, porque sei que a tua resolução não será outra senão a do cumprimento dos teus deveres de homem de bem. A'manhã pela manhã, depois de me dares a resposta que caprichaste em não queres já confiar-m'a, iremos ambos vêr essa pobre enferma do coração, e ahi espero passar alguns dos momentos mais felizes da minha vida.

— Devagar, Deolinda, devagar— disse o moço sorrindo-se;— não te revelei ainda a minha verdadeira intenção.

— Mas se eu já a adivinhei....

N'este momento entrou a baroneza e veio interromper por um pouco a conversação, que passados

momentos continuou nos mesmos termos, tomando parte n'ella a mãe de Deolinda, que, com as suas palavras e o seu modo de pensar perfeitamente concorde com as de sua filha, foram a pouco e pouco convencendo o moço do verdadeiro partido que devia tomar, que era o de desposar essa pobre rapariga, de cujo estado elle se compadecia, e a quem tambem não perdera a maior parte do affecto, ou talvez do amor que ella lhe inspirara em principio.

Finalmente, o moço não quiz logo dar a decisão sobre esse ponto, não porque elle não a tivesse já resolvido, mas porque ou o pejo ou outro qualquer sentimento o obrigavam a não se mostrar tão precipitado em uma resposta de tanta importancia.

XVIII

Na noite que se seguiu ao dia em que Fernando esteve em casa da baroneza, e onde se tractou dos assumptos que deixamos relatados, por volta da meia noite, duas fortes marteladas soaram na porta da herdade do Capitão.

Como era de prever, este successo surprehendeu toda a gente de casa, e alguns criados, que se levantaram á pressa, vieram indagar da causa de tal motim.

Ao abrirem o portão, depararam com um homem, parecendo já de bastante idade pelo estado de curvação em que permanecia, embugado em um farto capote de saragoça, que lhe occultava a maior parte do rosto, já quasi invisivel pela escuridão da noite.

—O filho do snr. Capitão está em casa?—perguntou o velho com voz meia tremula.

—Está, sim, senhor—respondeu um dos creados—queria-lhe alguma cousa?

—Faça-me o favor de lhe dizer que está aqui um pobre velho, que lhe vem pedir para ir ver sua mulher, perigosamente enferma.

—Mas a esta hora, e com tal noute?!

—Oh, não se demore; diga-lhe tambem que já fui a casa do outro cirurgião, mas que elle se recusou a ir ver a pobre doente, e que eu em vista disto appellava para o bom coração do snr. Fernando.

—Mas, meu amigo, isto não são horas de ir ver doentes; além d'isso o filho do nosso amo está talvez a dormir, e ir agora acordal-o para tal massada....

—Não será necessario esse trabalho — exclamou Fernando apparecendo subitamente junto do grupo — é de algum doente que se tracta, não é verdade?

--E', sim, meu bom senhor;—respondeu o velho curvando-se mais—minha pobre mulher foi ha pouco atacada por um accidente, ou cousa que o valha, e jaz sem sentidos ha já bastante tempo; fui procurar o snr. Rezende, mas elle recusou-se a ir vel-a; como soube que o senhor tinha vindo ha dias, de concluir os seus estudos, lembrei-me de recorrer ao seu bom coração, e é o que venho fazer: oh, meu senhor, por quem é não se recuse a esta obra de caridade e não queira que minha mulher morra á mingua de soccorros.

—Pois está bom, irei vel-a; o tal meu collega Rezende é bem falto de humanidade....

—Ah! Deus lhe aggradecerá esta boa acção, e visto que o snr. vae ver a doente, pedia-lhe se me deixava ir para junto d'ella, porque a pobre ficou só e póde necessitar d'alguma cousa....

—Pois vá, vá; mas primeiro diga-me onde é que hei de dirigir-me.

—Não tem nada que saber: o senhor toma o caminho da Azenha de Baixo; chegado ali, deita á esquerda, desce a encosta, atravessa o pinhal, e no fim d'elle encontrará algumas pequenas casas; eu moro na segunda a contar da esquerda.

—Bem, já sei; agora póde ir, que eu d'aqui a pouco lá estarei. 7

—Ora Deus o abençoe por este acto de tanta caridade.

O velho retirou-se, e d'ahi a pouco desapareceu por entre a sombra dos arvoredos.

Fernando dirigiu-se a um dos criados, exclamando:

—O' Francisco, aprompta-me já a egua russa em quanto eu me vou vestir convenientemente.

—Então o snr. Fernando sempre vae?

—Pois não hei-de ir, homem!

—Com esta noute e por esses caminhos abaixo!... safá, olha que esfrega! sempre lhe digo que escolheu bem mau modo de vida.

Fernando subiu ao seu quarto, vestiu alguma roupa, cobriu-se com uma capa de oleado, e desceu ao pateo da casa, onde já o esperava a egua que mandára preparar.

Ao montar, um dos moços exclamou:

—Quer que o acompanhe, snr. Fernando?

—Não sei para quê. . . .

—A noute está bastante feia, os caminhos são

maus, e pôde perder-se antes de chegar ao seu destino; além d'isso sempre é bom a gente não andar só em noutes como estas....

—Tenho pouco medo, meu amigo; em quanto aos caminhos, sei-os tão bem como tu ou outro qualquer, e pelo resto pouco me arreceio.

—Mas sempre era bom que eu lhe fosse fazer companhia....

—Não quero, já disse; e até logo.

Proferindo estas palavras, o moço picou a egua que disfilou a trote curto; ao transpor o portão da quinta, alongou a vista por aquella immensidão de trevas, e exclamou de si para si: «Effectivamente Francisco tinha razão em dizer que a noute estava feia, e tanto assim que já não vejo um palmo adiante de mim; comtudo não me perderei.... esta frescura faz-me até bem e dispor-me-ha a dormir com vontade quando voltar: não sei tambem que diabo tinha esta noute! não era capaz de adormecer e a cabeça parecia-me um vulcão.... Ora vamos lá....

E Fernando internou-se pelo caminho que o velho lhe indicára.

A noute effectivamente estava bastante desagradavel para um passeio d'aquelles.

Desde o anoutecer, a chuva principiara a cahir incessantemente; o céu estava negro e pesado, e nem uma unica estrella brilhava no firmamento; o vento comquanto não fosse muito forte, agoutava ainda assim a ramagem dos arvoredos, produzindo um ruido estranho e mysterioso,

Enquanto o moço caminha por aquellas veredas, retrocedamos um pouco e vejamos o destino que tomou o velho depois que se despediu de Fernando.

Depois de ter caminhado alguns passos vagarosamente afastando-se da herdade, parou, e olhando para traz como para ver se alguém o seguia, endireitou-se, deixando ver uma figura um pouco athletica; traçou o capote debaixo dos braços, como para melhor poder caminhar, e dirigiu-se pelo mesmo itinerario que tinha marcado a Fernando, com passos mais que apressados, exclamando de si para consigo:

—D'esta me sahi eu bem; agora vejamos o resto.

Passou a azenha, desceu a encosta, e no meio da bouça parou para responder com um assobio a outro que lhe chegara aos ouvidos; afastou-se depois do caminho, deitou á direita, e parou proximo de um vulto humano que estava encostado a um pinheiro bravo.

—Então?— perguntou o outro.

—Tudo ás mil maravilhas; tanto elle como os criados enguliram a pilula como um torrão de assucar.

—E não te conheceram?

—Quem falla n'isso!... com a escuridão que fazia e da maneira como eu me apresentei, era quasi impossivel.

—Visto isso tudo corre á maneira dos nossos desejos, e oxalá que o resultado final seja coroado com a mesma felicidade.

—Não te assustes com isso.... agora o que cumpre é ter o ouvido alerta e a vista de lynce para po-

der penetrar n'esta escuridão do inferno. . . . as pistolas estão preparadas?

—Estão; aqui tens as tuas—e o vulto entregou-lhe um par de pistollas de cavellaria.

—Estão ellas bem carregadas? . . . se falham, digo-te que ficamos burlados.

—Carreguei-as pelas minhas proprias mãos e experimentei-as por mais de uma vez.

—Bem; sempre te digo que me *havinha* melhor com uma navalha ou um bom pau de choupa, do que com estes trambolhos; mas enfim vá lá, sempre é bom a gente saber de tudo. . . .

—Escuta. . . . não sentes passos de cavallo ao longe?

—Effectivamente. . . .

—Bem, então a postos e boa pontaria; deve ser elle. . . .

Os dous avançaram precipitadamente para mais proximo do caminho que cortava a bouça e encubriam-se com o tronco de um velho carvalho.

Passados momentos distinguio-se um ponto negro caminhando vagarosamente.

Era Fernando, que cuidadosamente embuçado na sua capa de oleado e montado na egua, atravessava pausadamente e á vontade do animal a embrenhada bouça.

A poucos passos do logar em que os dous estavam embuscados, a egua estacou amedrontada pela denotação de um tiro.

O moço, sem perder o seu sangue frio, voltou-se

para o sitio d'onde partira a detonação, picou o animal, e tirando um reвольver de um dos bolsos exclamou:

—Eh lá, seus canalhas; eu vou já ensinar-vos a fazer melhores pontarias....

Ainda bem não tinha terminado estas phrases, quando um segundo tiro se fez ouvir indo a bala ferir-lhe o hombro direito.

O reвольver que sustinha na mão e que se preparava a aperrar, cahiu-lhe insensivelmente ao chão, e como a egua estacasse de novo e se obstinasse a avançar, o moço apeou resolutamente, desvencilhou-se da capa, e quando ia a curvar-se para levantar a arma, que deixára cahir, um terceiro tiro se fez ouvir, indo a bala d'esta vez bater-lhe em cheio, no lado esquerdo do peito. O moço tentou ainda suster-se, avançou alguns passos, mas cahiu sem sentidos murmurando:

—Assassinos!...

Passados momentos os dous vultos acercaram-se do corpo que jazia inanimado, e um d'elles abaixou-se sobre elle a ouvir as palpitações do coração.

—Se ainda não está morto—exclamou elle—poucos momentos lhe faltará para isso; a bala creio que lhe foi direita ao coração; pódes gabar-te da pontaria.

—Deixemos-nos de palavriado—respondeu o outro;—vê lá se elle tem alguma cousa que te faça conta e vamos-nos de aqui.

A estas palavras o primeiro dos individuos abaixou-se segunda vez e principiou a despejar os bolsos

da victima, exclamando, á medida que ia tirando os objectos:

—Um relógio e cadeia.... uma bolsa de prata com dinheiro.... dous botões de camisa que me parecem de ouro.... mais dous dos punhos.... uma carteira.... um lenço de seda.... e mais nada....

—Bem, aviemos-nos, antes que por ahí venha alguém.... por compaixão deixa-me cobril-o com a capa, por causa da chuva.

—Sim, tens razão; póde constipar....

Coberto o corpo com a capa de oleado, os dous individuos affastaram-se, internando-se pelo meio do arvoredor, e desapareceram poucos momentos depois.

A egua que Fernando montava, logo que se sentiu descavalgada, ou por instinto natural ou amedrontada pela detonação dos tiros, retrocedeu em desabrida carreira pelo caminho que trouxera, e só parou proximo do portão da herdade, onde principiou a rinchar.

Os moços da casa, que esperando pelo regresso do seu amo, não se tinham tornado a deitar, ao ouvir o animal, correram ao portão, mas estacaram surprehendidos ao verem que a egua voltava só.

—Que diabo quererá isto dizer?... — exclamou um dos moços—*a russa* vem só.... o snr. Fernando não apparece.... aqui houve o quer que fosse....

—Tambem me parece—respondeu outro creado; —e oxalá que lhe não succedesse mal algum. .

—O melhor é nós irmos dar parte d'isto a nosso amo a ver o que elle determina,

—Tens razão, vamos lá acima—responderam todos a um tempo dirigindo-se ao quarto do pae de Fernando, e chegados que foram ahi, narraram-lhe o succedido.

O pobre velho ao ouvir a narração do que se havia passado, sentiu um horrivel presentimento apoderar-se-lhe do coração, e com voz angustiada exclamou:

—Apromptem-se todos com luzes, o mais depressa possivel, e vamos procurar meu filho. . . . é impossivel que lhe não succedesse alguma desgraça; o regresso da egua parece comprovar as minhas tristes apprehensões.

D'ahi a pouco punham-se a caminho todos os criados, munidos de fachos de palha, indo á frente d'elles o pae de Fernando.

Depois de caminharem algum tempo, investigando e procurando cuidadosamente por todos os lados, sem nada poderem averiguar, entraram no pinhal e ahi continuaram nas suas pesquisas.

Andados alguns centenares de passos o pae de Fernando parou subitamente diante de um vulto que se via estendido no chão, e á approximação das luzes, exclamou com um accentto de indiscriptivel dôr:

—Meu filho! . . . mataram meu querido filho!...

Os criados abaixaram-se sobre o corpo e pozeram-se a examinal-o.

—Tem dous ferimentos de bala; um pequeno, no hombro, outro bastante grande do lado do coração, d'onde sahe grande quantidade de sangue—exclamou um dos moços.

—E está já morto?...—perguntou o velho suffocado pelo pranto.

—Creio que não.... sente-se ainda bater-lhe o coração.

—Oh, então, depressa, depressa; arranquem alguma cousa para transportal-o e um de vocês vá já immediatamente a casa do cirurgião dizer-lhe que venha vêr meu filho.

D'ahi a pouco, Fernando era conduzido por quatro criados em uma especie de padiola arranjada com dous galhos de pinheiro e a capa de oleado, tendo já partido outro criado para casa do facultativo.

Chegados que foram á herdade, Fernando foi deposto no leito, e pouco tempo depois chegou o velho facultativo da aldeia.

Tractou este de examinar as feridas, lavou-as e applicou-lhe osapparelhos de que podia dispor na occasião, reservando para o dia seguinte a cura mais perfeita, tendo juntamente receitado alguns medicamentos, que promptamente foram mandados preparar.

—Então, snr. doutor—perguntou o pae do moço —as feridas são de gravidade?

—Uma, a do hombro, é de pouco cuidado: a bala apenas lhe resvalou pela carne; a outra a do peito, essa é de bastante gravidade; a bala internou-se muito, e não posso verdadeiramente saber o sitio em que ella está; veremos ámanhã se poderei extrahir-lh'a; comtudo o que é necessario por enquanto ao doente é socego e repouso.

—Ah, senhor doutor, que infelicidade a minha!...

—Mas vamos a saber: isto como foi?

—Olhe snr. doutor, nem eu mesino o sei; ha pouco veio ahi um homem pedir para meu filho ir ver uma doente que elle dizia ser sua mulher e estar em perigo de vida; meu filho foi immediatamente, e algum tempo depois de ter partido, regressou só a egua em que elle fôra montado; partimos todos a procural-o, temendo já que lhe tivesse succedido alguma desgraça, e a final fomos encontral-o n'esse deploravel estado!

—E não se sabe quem foram os authores de um tal attentado?

—Ignoro-o completamente; comtudo, o que me parece, é que foram alguns salteadores que o quizeram assassinar, para lhe roubarem o pouco que levava, como effectivamente lhe roubaram o relógio e cadeia, uma bolsa de prata com dinheiro, os botões da camisa que eram d'ouro, e não sei que mais.

—Que malvados!...

N'este comenos, Fernando principiou a recuperar os sentidos, e ao passo que voltava a si do lethargo em que jazera, envolvia em um olhar desvairado e amortecido as pessoas que permaneciam em derredor do seu leito, e ás quaes, ou pelo entorpecimento em que tinha as ideias, ou por estar ainda pouco senhor de si, não parecia conhecer.

Passados poucos momentos depois de ter recuperado completamente os sentidos, um ataque de tosse veio suffocal-o, sendo precedido de algumas golfadas de sangue.

O velho facultativo, á vista d'aquelles symptomas, que lhe pareciam bem significativos, deu signaes de pesar e meneando tristemente a cabeça, exclamou de si para consigo:

—Mau signal!... parece-me que será impossivel escapar....

Demorou-se ainda alguns momentos á cabeceira do doente, e a final despediu-se, exclamando:

—Logo que venha o medicamento que receitei, ministrar-lh'o-hão, aos copos, de pouco em pouco, e não o forcem a fallar demasiadamente. Como agora se torna desnecessaria a minha presença aqui, retiro-me e pela manhã voltarei.

O resto da noute passou-se em torturas e angustias; ninguem se tinha retirado do lado do ferido, e este conservou-se durante muito tempo delirado, soltando de vez em quando algumas palavras sem nexo. Afinal, pela madrugada, pareceu socegar, cahindo em uma somnolencia e modorra que durou bastantes horas.

Logo pela manhã, a baroneza e sua filha avisadas do triste successo que se dera durante a noute, correram á herdade, e entraram no quarto do doente, onde encontraram já o pae e a mãe d'elle esperando com angustia o despertar d'aquella somnolencia aterradora.

Pelas oito horas da manhã, Fernando, entreabriu os olhos, e ao fixal-os nas pessoas que o rodeavam, pareceu querer erguer-se um pouco do leito, para lhes dizer alguma cousa.

—Deixa-te estar, meu filho, não faças esforços.... como estás?

—Eu?!...—respondeu o doente com um leve sorriso do qual não poderia saber-se a verdadeira significação—acho-me bom....

—Oxalá assim fosse....

—Então Fernando—perguntou por seu turno a filha da baroneza—como foi isso?

—Castigos de Deus, Deolinda....

—E não sabes quem foram os authores d'esse attentado?

—Parece-me que conheci um d'elles; no entanto não tenho a certeza, porque a escuridão da noite não me permittiu distinguir-lhe bem as feições.

—Mas n'esse caso seria conveniente fazeres sciente ás authoridades das tuas suspeitas e por ellas verificar-se-ia se seriam ou não fundadas.

—Não sei para quê; não podem haver provas convincentes, e além d'isso que necessidade tenho eu de fazer vexar um homem que póde estar innocente?... se effectivamente elle estiver culpado, Deus o castigará....

A conversação continuou n'estes termos durante algum tempo, trocando-se algumas explicações sobre o succedido, entre o ferido e as pessoas que alli estavam, quando a chegada do facultativo veio interrompê-la.

Aproximou-se este do leito do doente, dirigiu-lhe algumas palavras de conforto, e quando ia para examinar-lhe a ferida, Fernando disse-lhe que queria ficar só com elle por algum tempo.

Manifestado este desejo do doente ás pessoas presentes, retiraram-se estas, deixando os dous a sós.

—Vejamos então agora, meu amigo—exclamou o velho cirurgião,—o que convirá fazer para o seu restabelecimento.

—Ah, meu bom collega, creio que serão desnecessarios quaesquer esforços para o conseguir.

—Como?!... pois o senhor assim descrê de toda a esperanza?...

—Descreio, porque tambem sou filho da sciencia, e porque ninguem melhor do que eu avalia a gravidade do ferimento.

—Mas, meu amigo, como sabe, a medicina dispõe de milagrosos recursos, e póde muito bem ser que ambos nós possamos usar com proveito de qualquer d'elles.

—N'este caso nada se póde fazer, e a explicação dou-lh'a em poucas palavras: a extracção da bala, é impossivel, porque não obstante eu ignorar verdadeiramente o lugar em que ella se depositou, tenho a certeza, comtudo, que se internou demasiadamente e que foi affectar algum dos orgãos pulmonares. E' isso, como sabe, o sufficiente para uma morte certa.

—Oh, mas isso não póde ser; tenha animo e coragem....

—Já lhe disse, meu caro doutor: estou tão convencido que morro, que até quasi lhe poderei designar os dias que me restarão de vida.

—Não, o senhor engana-se; o snr. Fernando ha de curar-se e ha de viver ainda muitos annos.

—Oxalá assim fosse.... mas não creia que me amedronta a morte.... oh, não; apesar de ser custoso morrer na quadra mais bella da vida, quando se nutrem esperanças felizes, tenho a coragem sufficiente para arrostar desassombradamente com os imprescriptiveis designios do destino.... seria demasiadamente fraco se assim não pensasse. Agora, meu amigo, cumpra com os seus deveres; faça o curativo, não porque eu espere que elle me seja proveitoso, mas para que se não diga que o senhor me deixou morrer á falta de recursos, e mesmo para não fazer desesperar essa boa gente que se interessa por mim.

O velho facultativo obedeceu immediatamente, fazendo o curativo dos ferimentos; ao terminar, Fernando disse-lhe:

—Agora, deixe entrar meus paes e os meus amigos, e se lhe perguntarem pelo meu estado, diga-lhes que é bastante grave, mas que por enquanto não é de morte; ser-me-ha muito custoso vel-os juntos a mim, desesperados, pela certeza da minha morte!...

O facultativo abriu a porta do quarto para dar entrada ás pessoas que estavam em um aposento immediato, as quaes acercando-se do velho o accumularam de perguntas com relação á gravidade da doença, perguntas a que elle respondia consoante as instrucções que tinha recebido de Fernando.

XIX

Dous dias depois dos successos que deixamos narrados, por volta das dez horas da manhã, Roza, sentada defronte da pequena janella do seu quarto, permanecia triste e immovel, envolvendo em um só olhar a alegre natureza que se estendia ao longe, então revestida das suas mil galas e abrilhantada pelos raios de um bello sol de primavera.

A pobre rapariga, a quem os estragos da doença e as mortificações do espirito tinham posto em um estado de dolorosa prostração, parecia dirigir nos seus rapidos olhares, os ultimos adeuses áquelle bello cantinho do mundo, como se adivinhasse os poucos dias que lhe restavam para o contemplar.

Durava já ha muito esta muda espectação, quando um pequeno arruido veio repentinamente desviar-lhe as attensões dos objectos que fitava, e voltando o

rosto viu entrar no seu aposento um criado da herdade do capitão.

Esta repentina apparição produziu na desventurada moça o effeito de um choque electrico.

Sem mesmo indagar da causa que alli o levava, sentiu um frio de gelo percorrer-lhe todos os membros, julgando já chegar aos seus ouvidos uma unica palavra que lhe levaria mais depressa a morte ao coração: a noticia do fallecimento de Fernando, d'aquelle homem a quem ella amava com todas as forças e cuja vida lhe era mais preciosa que todas as felicidades imaginaveis.

O seu espanto, porém, redobrou, quando o moço dirigindo-se-lhe, se expressou n'estes termos:

—Roza, o filho do meu amo, o snr. Fernando, manda-me aqui para pedir-lhe que vá immediatamente fallar-lhe.

—Como?!—exclamou a moça tremendo de commoção—pois elle ainda vive?!...

—Se ainda vive?!...

—Oh, perdôe-me Francisco, mas quando o vi entrar foi a primeira lembrança que me occorreu.... teem-me dito que elle está tão mal....

—E' verdade, é, mas por ora graças a Deus, ainda não perdemos as esperanças....mas não percamos tempo com mais explicações, e arranje-se para partirmos.

—Mas, meu Deus, que me quererá elle?...

—Não sei Rosa, o que sei é que o snr. Fernando pediu-me com tal insistencia e de um tal modo

que a convencesse a acompanhar-me, que eu, mais facil seria não tornar a apparecer-lhe do que ir sem a levar commigo.

—Mas minha avó não sei se. . . .

—Tive já a prevenção de lhe fallar quando aqui entrei, porque o pedido tambem é para ella nos acompanhar.

—Sim?! . . . oh, então vamos, vamos.

E a moça levantou-se com um movimento febril; lançou uma capa pelos hombros e tentou caminhar apressadamente; dados porém alguns passos, as forças faltaram-lhe, como era de prever, e teve de encostar-se a um movel para não cabir.

—De vagar, de vagar;—exclamou o criado dando-lhe o braço—encoste-se a mim e caminhemos pausadamente.

Entraram no aposento immediato onde já os esperava a avó de Roza, e tomando-lhe esta o outro braço, pozeram-se a caminho em direcção á herdade.

Como Roza de ha muito não sahia de casa, não houve uma só pessoa que não estacasse diante do grupo, assombrada pelo deploravel estado em que via a infeliz rapariga; e como ella, sobre todas, fôra sempre a mais querida rapariga da aldeia, muitos olhos se arrasaram de lagrimas, ao vel-a tão definhada e falta de vida.

Ao cabo de algum tempo de caminho os tres chegaram a final ao portão da herdade.

Roza, ao transpôr o limiar da habitação, sentiu

as forças abandonarem-n'a, e teve de suster de novo os passos.

A avó de Roza vendo-a tão tremula e falta de côr, e attribuindo isso ao cansaço, exclamou:

—O passeio foi bastante longo, não é verdade, minha filha?... vejo-te tão pallida....

—Não foi nada, minha querida avó; estou já boa.

E forcejando por tranquilisar-se e por ganhar o sangue frio de que tanto ia carecer n'aquelle momento, continuaram no caminho por momentos interrompido.

Ao entrarem em um dos primeiros aposentos, encontraram ali não só os paes de Fernando, mas também a baroneza e sua filha; esta, mal avistou a sua amiga, foi-lhe ao encontro, e estreitando-a nos braços, mormurou em voz tão sumida que ninguem a percebeu:

—Deus nunca se esqueceu dos infelizes; o coração de Fernando pulsa por ti, n'este momento, mais do que nunca; animo, pois.

A pobre rapariga, para quem estas ultimas palavras soaram aos ouvidos como as suaves harmonias de um côro de anjos, sentiu estremecer-lhe a corda mais intima da sua alma, e o rosto porpureou-se-lhe d'um vivo rosado,

Era o primeiro momento de inefavel felicidade que sentia desde o ultimo adeus de Fernando: fôra uma gotta de orvalho cahida sobre o calix da flôr resequida,

Depois de alguns momentos de triste conversação, D. Deolinda, lançando mão do braço da sua compa-
nheira de infancia, exclamou:

—Agora, Roza, vamos vêr o doente; foi neces-
sario mandar-te chamar, porque do contrario nunca
aqui virias; Fernando está ancioso por te ralhar e com
razão.

E encaminhando-se com a sua amiga por um cor-
redor, parou diante de uma pequena porta, que dava
entrada para o quarto do doente.

—Agora, minha querida amiga—disse a filha da
baroneza,—animo, porque deve ser forte a commoção;
eu vou reunir-me a tua avó para a preparar para
uma surpresa.

E dizendo isto imprimiu um beijo nos labios da
moça e affastou-se precipitadamente.

Roza ficou por alguns momentos como petrifi-
cada diante d'aquella porta que a separava d'esse en-
te estrelecido, e mais de um vez tentou transpol-a,
não o chegando a conseguir por lhe faltar o animo.

A final, revestindo-se de toda a coragem de que
necessitava, avançou alguns passos resolutamente, e
empurrando levemente a porta, entrou no aposento.

Fernando achava-se meio recostado no leito, com
as palpebras cerradas e como embalado por passagiei-
ra somnolencia.

Tinha o rosto demasiadamente pallido e Descar-
nado, e de vez em quando os musculos contorciam-
se-lhe como sacudidos por dôres horriveis.

Apesar da moça ter penetrado no quarto com a

maior cautela, Fernando, ao leve rumor dos passos, entreabriu os olhos e estacou-os n'aquella figura pallida e soffredora, qual imagem de martyrio, e estendeu para ella os braços com ar supplicanté e angustioso.

A desventurada rapariga, por sua vez, ficara immovel diante d'aquelle olhar sem vida e d'aquelle rosto inanimado, e a si propria parecia perguntar se tudo aquillo que via era real, ou se estava sendo o ludibrio de algum sonho terrivel.

A voz enfraquecida do doente veio porém como acordal-a d'aquelle lethargo.

—Anda cá, minha querida Roza, deixa-me apertar-te ainda uma vez ao meu peito—exclamou o moço, continuando a estender para ella os braços.

E Roza, fazendo então um esforço, correu para elle e cingiu-o com delirio ao coração, confundindo-se n'esse momento dous beijos ardentes como o deviam ser depois de tão longa ausencia.

Permaneceram por muito tempo aquelles dous corpos assim estreitados, e os seus corações não cessaram de pulsar um só momento, ambos tocados por uma mesma ideia, por um mesmo sentimento.

Ao cabo de alguns minutos de inebriante mudez, desenlaçaram-se d'aquelle terno abraço, e Fernando, tomando entre as suas mãos o rosto agora levemente purpureado de Roza, fitou-o tristemente, exclamando em tom supplicante:

—Tu perdoas-me, não é verdade, minha Roza?

—E terei eu de que perdoar-lhe? — respondeu a moça.

—Se tens, minha filha! pois acaso não te fui levar ao coração o desespero e o soffrimento?...

—Oh, por quem é, Fernandinho, não me falle assim, que me mortifica.

—Então tu amas-me ainda, não é verdade?... ainda não morreu na tua alma essa santa affeição que sempre me tiveste?

—Se ainda o amo, Fernandinho! pois será possível que um amor semelhante se extinga em peito humano?... acaso me medirá com muitas d'essas mulheres, que tem o fogo na palavra, mas a dissimulação nos gestos e o gelo no coração?... Ah, vejo que me considerou sempre muito mal.... talvez tenha razão n'isso porque as mulheres tem sempre em mira uma recompensa pelos seus sacrificios, um fito qualquer no amor que juraram áquelles que as acreditam cegamente, e para conseguirem essa recompensa e atingirem a esse fim, immolam muitas vezes a sua propria vontade e usam de todas as dissimulações de que podem lançar mão; mas no coração, por fim, ha esse vacuo, essa realidade chã e mesquinha, que apparece no proprio momento em que se convencem que o homem que fascinaram com as suas mentidas expressões, acordou, para jámais adormecer ás modulações dos seus canticos fascinantes.... E' isto, Fernandinho, a maior parte dos corações humanos e a experiencia ha-de ter-lh'o demonstrado, por muitas e muitas vezes.... Enquanto a mim, sem lisonja para

os meus affectos, juro-lhe que foi outro o sentimento que me impelliu para si; amei-o com todas as forças da minha alma; amei-o, franca e sinceramente, sem embustes, sem mirar a fim algum; anhelava primeiro o seu amor puro e santo como o meu; desejei depois só a sua estima, e a final, vendo que nem uma cousa nem outra podera conseguir, julguei-me verdadeiramente ditosa, vendo-o feliz, senão commigo ao menos com outra que lhe soube inspirar esse sentimento que eu jámais conseguira infiltrar-lhe no coração.... depois vendo que nada mais tinha a esperar n'este mundo, principiei a olhar a morte como um remedio salutar para os meus soffrimentos, e encarei-a firme e impavida, esperando o seu derradeiro golpe. E' isto o que se chama o amor; abnegação completa de todos os gosos do mundo; desprendimento total de todas as vaidades terrenas, e um só sentimento, uma só prece, um só anelo de felicidade para aquelle por quem jámais deixou de estremecer a corda mais sensivel da alma, e por quem, ainda além do tumulo não deixaria de bater o coração.

—Obrigado, Roza, obrigado!—exclamou Fernando com transporte--não te conhecia bem; julguei-te uma trivialidade como todas as outras, e és sublime, inacreditavel até, nos teus sentimentos.

—Fiz sempre somente o meu dever de mulher, para quem o amor não é um calculo nem uma aspiração mesquinha, mas um dom grandioso que nasce no coração, puro de toda a macula.

—Pois bem, minha querida filha, ainda é tempo

de remediar o mal feito e de recompensar os teus elevados dotes; quero desposar-te.

—Desposar-me, Fernando?! acaso endoudeceu?! pois na verdade pensa em unir-se a um semi-cadaver, quando a poucos passos d'aqui está um ente que lhe é querido e que o seu coração escolheu?... oh! nunca, nunca!

—Recusas, Roza? pois queres deixar-me morrer com um pêso horrivel na minha consciencia? Compreendendo-te agora, e se não me engano nas minhas tristes apprehensões, confesso-te que escolheste uma vingança bem terrivel!...

—Fernando, Fernando, que diz?!...—exclamou a pobre moça treinula de espanto.

—Vês o deploravel estado em que estou—continuou Fernando parecendo ligar pouca importancia ás palavras de Roza;—conheces que a existencia se me esvae pouco a pouco, como os grãos de areia que da praia as ondas levam; crês que a nossa união não te pôde fazer agora realmente feliz, porque a morte virá cortar bem depressa os laços que nos prenderem; em vista d'isto, pois, queres mostrar-te tambem superior aos teus sentimentos e veres estorcer-me, nos ultimos momentos da vida, por uma dôr horrivel—o remorso—; pois bem, conclue a tua obra e regosija-te com essa vingança....

—Oh Fernando, não prosiga que me mata—interrompeu a moça, cingindo contra o seu, o peito do seu amante, e derramando sentidas lagrimas;—aqui me tem, faça o que lhe aprouver de mim, mate-me se

quizer, mas não me obrigue a desposal-o, por que seria isso uma dupla vergonha para sua família e para mim propria.

—Minha família está já sciente da minha ultima vontade e a nada se oppõe.

—Oh, mas no emtanto é horrivel! a filha da snr.^a baroneza morreria de dôr se tal succedesse, e o snr. Fernando sacrificar-se-ha de certo preferindo-me áquella a quem tanto ama e que tão digna é d'esse amor; eu perdôo-lhe tudo. . . .

—A quem tanto amo, disseste tu? e acreditas que eu effectivamente a amo?

—Quem ha que o duvide?! . . .

—Pois enganas-te. Effectivamente entretive relações com D. Deolinda e resolvera-me a desposal-a, mas não a amava sinceramente. Não me era completamente indifferente; apreciava as suas bellas qualidades e tinha-lhe affeição, mas todos esses sentimentos me tinham nascido espontaneos no coração, mais por habito do que por inclinação.

«Como sabes, a pessoa a quem fui recommendado para o Porto, foi á baroneza; principiei a frequentar aquella casa, onde ao fim de algum tempo era considerado mais como filho do que como estranho. D. Deolinda habituou-se a olhar-me com uma certa deferencia, graças aos galanteios que eu, por mera delicadeza lhe dirigia, e a final, quando eu menos o pensava, achei-me ligado a ella por uns laços intimos, a que melhor se podia dar o titulo de pura amizade do que amor ardente. A baroneza tambem olhava com

bons olhos as nossas intimas relações, e eu, que nunca quizera desmerecer do conceito em que era tido, movia-me a todas as vontades de D. Deolinda, a pontos de acceder ao consorcio que ella me propunha, sem talvez ter bem a consciencia do que fazia. Foi n'este meio tempo e depois de estarem as cousas assim dispostas, que eu te vi e amei, com o amor puro e ardente que me inspiraram não só as tuas qualidades, como o conjuncto de bellezas com que a natureza tanto caprichou em adornar-te. O que se passou durante o tempo que permaneci na aldeia, bem o sabes tu, e desnecessario é o recorda-t'o, apesar de que me cumpre declarar, que nas proximidades da minha partida, principiei a olhar o amor que te consagrára como um crime, pelo pacto com que me ligára a D. Deolinda, e desde logo forcejei por te esquecer e fazer-te persuadir de que as nossas relações haviam de terminar. Não calculei, porém, o passo errado que dava, porque tambem nunca julguei que no teu peito se abrigassem sentimentos tão puros e uma affeição tão eterna. Parti, finalmente, e ao despedir-me de ti, quiz mostrar-me forte e insensivel aos impulsos do meu coração, mas no fundo d'alma havia ainda esse sentimento primitivo que me impellira para ti, e ainda um outro, mas esse horrivel e desesperador:—o arrependimento e o remorso de te ter roubado o mais precioso dos teus dons....

«Chegado ao Porto, e reatadas as relações com D. Deolinda, principiei a achar-me em uma horrivel coallisão, vendo-me unido a duas mulhe-

res, a uma pela palavra e promessa que fizera, a outra pela honra que lhe roubára. Em breve, porém, a baroneza veio-me fazer inclinar para a primeira, propondo-me ella propria e abertamente o casamento com sua filha, que dizia ser a felicidade d'esta e o seu descanso. Accedi.... accedi, porque assim era preciso, e porque julguei que a final o sentimento que nutriras por mim havia tambem de terminar.... Partimos para a aldeia, e chegados que fomos aqui, D. Deolinda soube então das nossas relações e desde logo, um nobre pensamento, uma vontade de ferro, filha só de uma grande alma, veio fazer mudar os nossos destinos.

«Roza; acreditei sempre que Deolinda me queria extremosamente; podia-o até jurar; mas ainda que eu me tivesse enganado nas minhas supposições, do que estou certo é de que D. Deolinda procedeu como mulher nenhuma, obrigando-me a reparar um erro desposando-te, com sacrificio do seu proprio coração!... é realmente sublime e digno exemplo para todas as mulheres o seu procedimento!... Desde então para cá não tem descansado um só momento, forçando sempre por abreviar a nossa união. Recibi com prazer a sua grandiosa disposição, mas dissimulei para não a degostar; finalmente hontem disse-lhe qual era emfim a minha vontade, e a alegria com que recebeu esta minha deliberação não se póde descrever. Em vista d'isto, pois, já vês, Roza, que não ha o mais minimo inconveniente na nossa união, e é ella a unica felicidade que me póde suavisar os meus ultimos

momentos, fazendo-me reparar um erro, um crime até, que a minha leviandade de rapaz me fez commetter.»

Roza pareceu meditar por algum tempo nas ultimas palavras que Fernando acabava de proferir, e ao fim de alguns minutos, tomando-lhe as mãos nas quaes lhe imprimiu dois beijos, exclamou:

—Pois que assim o quer, Fernandinho, estou prompta a obedecer-lhe em tudo o que exigir de mim.

—Eu não exijo, Rosa, peço; agora, que vou vêr satisfeito o meu maior desejo, nada mais me resta n'este mundo. O nosso casamento far-se-ha hoje mesmo.... sinto-me definhar tão lentamente, que temo não poder chegar a saldar essa grande divida....

—Oh, não diga isso, Fernandinho; ha-de viver para amar-me.

—E' impossivel, minha querida esposa; conheço perfeitamente o estado em que estou para nutrir taes esperanças; ainda assim, não creias que me intimida a morte, oh, não; sou bastante feliz porque levo a firme convicção de ter cumprido um dever sagrado para com uma mulher que sinceramente me idolatrou e que respeitará a minha memoria depois que eu deixar de existir.... tu irás, depois, todos os dias, ajoelhar aos pés da minha campa, e orvalhar com as lagrimas dos teus olhos as flôres silvestres que brotarem por sobre ella, não é verdade?

—Emquanto Deus não me chamar tambem para junto de si; poucos dias talvez lhe sobreviverci, Fernando, e o meu unico desejo é que a minha perigração

n'este mundo seja bem curta depois da sua morte, para mais depressa viver, no ceu, com o ente que eu mais idolatrei na terra; lá então seremos juntos eternamente, não é assim, Fernando?

Fernando limitou-se a fitar o rosto pallido da sua amante, e mumurou apenas:

—Minha pobre Roza!

N'este momento a porta do quarto entre-abriu-se e a figura de Deolinda destacou-se no lumiar.

Caminhou alguns passos para junto do doente, e quando chegou proximo d'elle, Roza lançou-se-lhe nos braços, exclamando entre um soluçar constante:

—Perdoe-me, Deolinda, perdoe-me.

—E que tenho eu que perdoar-te minha pobre amiga?—respondeu a joven—acaso não cumpri com os deveres de uma mulher de bem e perfeitamente conhecedora dos teus direitos?... mas não fallemos mais n'estas cousas.... creio que está tudo resolvido entre ambos, não é assim?

—E' verdade, Deolinda—respondeu Fernando;— agora o que lhe peço é que o nosso casamento seja o mais breve possível.

—Está já tudo prevenido, meus amigos.

—E meus paes? já os fez scientes dos meus desejos?

—Já; agora cumpre-lhe tambem pedir-lhes o seu consentimento.

—Vá então chamal-os, Deolinda.

A filha da baronessa sahiu, voltando d'ahi a pouco acompanhada dos paes de Fernando, da avó de

Reza, e de algumas outras pessoas, que entraram todos no quarto do doente.

Fernando, fazendo então um esforço sobre si, endireitou-se um pouco sobre o leito, e acenando para que se aproximassem mais d'elle, exclamou com a voz já cava e debil pela falta de alento:

—Meus queridos paes; a fatalidade tocou-me com o seu dedo das desventuras, e fez-me prostrar n'este leito de soffrimento, na idade mais bella da existencia, e quando um horisonte de felicidade se abria perante o meu futuro. Deus, porém, assim o quer, e nós, como bons christãos, devemos respeitar os seus insondaveis designios, e não maldizer nunca as suas vontades santas. Sinto a morte transviar-me a pouco e pouco do caminho da vida, e vejo já bem perto o termo d'esta curta viagem. A minha morte deve ser um doloroso golpe para vós, meus bons paes, para quem eu fui sempre o alvo de todos os vossos cuidados, de todas as vossas esperanças. A Providencia, porém, não quiz que a vossa felicidade na minha contemplação fosse duradoura, e em breve me arrebatará de vossos braços queridos. . . . Agora meus affeioados paes, ha um unico e final desejo que eu queria vêr cumprido, e do qual vos hão-de ter já feito scientes. . . . E' de não dar a alma a Deus sem me vêr unido pelos laços sagrados da religião, a este pobre anjo que aqui vêdes junto a mim, e para quem a vida não tem sido tambem mais do que uma serie de desgostos e de amarguradas lagrimas. Esqueci-me d'ella por muito tempo, e enquanto se tratava da minha união com ou-

tro ente não menos virtuoso e não menos digno, esta infeliz finava-se a pouco e pouco, ralando em seu coração os desgostos que eu lhe causava, pelo esquecimento a que votei o seu puro e grandioso amor. A Providencia Divina, porém, que na mais minima cousa faz sentir os seus santos influxos, quiz que esse ente a quem eu estava proximo a unir-me, fôsse o proprio a fazer conhecer os meus deveres de homem de bem, impellindo-me, com o sacrificio do seu proprio coração, a unir-me a essa desventurada a quem de direito pertencia a minha mão de esposo. Grandiosa alma! sublime coração, digno exemplo para todas essas mulheres que se presam de virtuosas e de desprendidas das vaidades humanas e superiores aos impulsos da sua vontade!... Se eu, Deolinda, não lhe posso demonstrar em vida a minha gratidão e o respeito que devo á nobreza dos seus sentimentos, creia que no meu coração vai bem gravada a lembrança da acção evangelica que praticou, e que eu junto de Deus intercederei pela sua felicidade na terra, pedindo áquelle um premio para as suas virtudes.... Agora, pois, meus bons paes, n'esta hora solemne, espero que não me recusareis o vosso consentimento para esta união, que é a minha ultima vontade; posso pois contar com ella?

O auditorio estava commovido ao ultimo ponto; cada uma d'aquellas pessoas, com a cabeça pendida, para o peito e os olhos marejados de lagrimas, parecia vergada ao peso da mais profunda dôr, e foi com a voz entrecortada de soluços que o atribulado pai de Fernando, respondeu:

—Cumpre os teus desejos, meu filho; nós damos-te o consentimento que pedes.

—Obrigado, muito obrigado, meu querido pai—respondeu o moço;—depois dirigindo-se á avó de Roza:

—Tambem não recusa o seu acedimento....

—E poderia eu negar-me a um tal pedido?—respondeu a avó de Roza, banhada em lagrimas.

—Agora, Deolinda—continuou o moço,—encarrego-a dos preparativos d'estas tristes nupcias; o que lhe peço é que a ceremonia se effectue ainda hoje; sinto-me já tão falto de forças....

—Serão promptamente satisfeitos os seus desejos, Fernando; vou tratar já de tudo, e brevemente unir-se-ha a este anjo.

E Deolinda ao proferir estas palavras retirou-se precipitadamente, como para occultar uma torrente de lagrimas que lhe resvalou subitamente dos olhos.

XX

Desde as quatro horas da tarde d'esse dia principiara a juntar-se á porta da herdade um grande numero de pessoas de todas as idades e sexos, attrahidas alli por essa curiosidade tão peculiar, principalmente, nas pequenas povoações.

A noticia do casamento de Fernando com a Roza do Adro, espalhara-se tão rapidamente por toda a aldeia, que dentro em poucos momentos não havia n'ella uma só pessoa que não soubesse d'este repentino successo, e a maior parte d'essa gente, ávida e curiosa de assumptos que dessem largo pasto ás suas conversações, dirigiu-se desde logo em tropel para a casa do pai de Fernando, a fim de indagar os motivos de um tão inesperado acontecimento.

Cada criado ou outra qualquer pessoa que apparecia ao lumiar do portão, era logo cercada e martyrisada com perguntas, de uns e outros, ao que todas respondiam ou por ignorancia ou por qualquer recommendação que lhes fosse feita a tal respeito:

—Nada sabemos; foi cousa deliberada hoje pela manhã lá em segredo. O que apenas podemos affiançar é que este negocio é feito a pedido do filho do nosso amo.

Estas vagas respostas deixavam a multidão perplexa e cada vez mais anciosa, e a final cada um traduzia a cousa a seu modo e dava-lhe uma côr mais ou menos verosimil.

Enquanto porém a multidão se acotovelava á porta da herdade, enchendo o espaço d'esse vosear surdo que se assimilha ao embalar das ondas no mar largo, no aposento do doente passava-se uma outra scena bem differente.

Alli reinava um silencio tumular, e quasi que nem sequer se presentia o respirar das pessoas que cercavam Fernando; este permanecia meio recostado sobre o leito e com os olhos anciosamente fitos na porta pela qual devia entrar a sua futura esposa, parecendo que cada momento que decorria era para elle um seculo de angustias e mortificações.

Os paes de Fernando, a baroneza, a avó de Roza, e algumas outras pessoas de sua intimidade, achavam-se sentadas em volta do leito do doente, e em seus rostos transparecia a tristeza e a magoa.

Proximo do leito fôra improvisado um altar, sobre o qual resplandecia ao clarão de algumas luzes a imagem do Christo cruxificado, e a poucos passos estava o venerando parcho da aldeia devidamente paramentado para a cerimonia que ia celebrar-se.

Esperava-se unicamente pela chegada da noiva,

a quem a filha do baroneza se encarregára de acompanhar.

Afinal a porta do quarto entreabriu-se, e appareceram as duas jovens.

A' entrada de Roza, uma exclamação de espanto sahiu de todas as boccas.

Era que a pobre rapariga, apesar da pallidez do seu rosto e do estado de prostração em que estava, vinha surprehendentemente bella, mas d'essa belleza que inspira um profundo respeito, e que nos confunde ao contemplal-a.

A filha da baroneza, por um d'esses sentimentos de amizade para com a desventurada noiva, quasi que a forcára a adornar-se com a maior parte dos objectos que preparára para o seu casamento com Fernando, e apesar da obstinação de Roza, conseguira convencel-a, exclamando ao mesmo tempo que a vestia:

—E' preciso que Fernando se orgulhe com a sua noiva, minha amiga; tu já és linda, mas este vestido, este collar, devem fazer realçar mais a tua belleza.

Roza, pois, apresentara-se simplesmente adornada, mas d'essa simplicidade encantadora e artistica que só um apurado gosto, como o tinha a filha da baroneza, podia fazer realçar.

Um vestido liso, de seda branca, ligeiramente decotado, e cingido na cintura por uma larga fita côr de rosa, um fio de perolas enlaçado no pescoço e cahido um pouco sobre o collo, tendo pendente uma cruz de ouro, os cabellos soltos em aneis, cahindo alguns d'ellos sobre as espaldas, e rematados na fren-

te por algumas flores e folhas artificiaes de laranjeira, completavam o *toilette* simples mas elegante da desventurada moça.

Dir-se-ia ao vel-a assim, alguma visão de um conto de fadas, ou uma d'essas virgens meigas que a phantasia creadora dos poetas costuma desenhar na tela das suas produções.

Era pois justa a exclamação de espanto que sahiu de todas as boccas á appareição de Roza, e Fernando, mesmo, não pôde deixar de dizer de si para comsigo:

—Como ainda é bella!... mas em breve, pobre anjo, deixarás esses trages de noiva para vestires o luto pesado das viúvas!...

A filha da baroneza conduziu para proximo do leito a futura esposa de Fernando, e este á sua aproximação, por um d'esses movimentos de enternecida delicadeza, apoderou-se de uma das suas mãos, e imprimiu n'ella um ardente beijo.

Roza parecia subjugada por aquellas vistas que incessantemente se fitavam n'ella, e jámais ousára levantar os olhos e orvalhados de lagrimas para qualquer das pessoas que alli permaneciam.

Sentia-se mal com aquelles ricos atavios, e por mais de uma vez a côr lhe subiu ao rosto ao dár por acaso com a vista n'aquellas sedas brancas, que mal ella imaginava, se casavam tão bem com o dourado dos seus cabellos e com a alvura da sua cutis.

Deu-se emfim principio á cerimonia, servindo de

padrinhos a este consorcio, a baroneza e o facultativo de Fernando.

Passou-se tudo no mais religioso silencio, apenas interrompido pelas palavras santas do ministro de Deus, e ao terminar a cerimonia os dous esposos receberam, como é costume, as felicitações de todas as pessoas, felicitações entremisturadas de uma vaga tristeza que nenhuma d'essas pessoas podera reprimir.

Fernando mostrou desejos de ficar só com Roza por alguns momentos, e em seguida foram satisfeitos os seus desejos, sahindo todos do quarto.

Logo que se viram a sós, os dous jovens enlaçaram-se em um prolongado abraço, e duas palavras sahiram extantanea de seus labios.

Fernando exclamára:

--Minha querida esposa....

Roza respondeu simplesmente:

—Fernando.

Passados esses primeiros momentos de enlevada anciedade, o mogo entregue á alegria que lhe exaltava a alma, e como esquecido dos seus proprios soffrimentos, exclamou:

—Minha querida Roza, estamos enfim ligados para sempre; Deus abençoou esta nossa união, e apesar de já tarde, está reparado o meu erro. Sinto-me agora verdadeiramente feliz; havia aqui, no coração, um peso horrivel que me atormentava a cada momento.... parece até que te amo agora mais do que nunca; e tu Roza?

—Eu, Fernandinho, não posso amal-o mais....

—Perdão, Roza—atalhou o moço—prohibo-te desde este momento o dares-me outro tratamento que não seja o que eu te dou; trata-me por tu e desprende-te d'essas delicadezas que não ficam bem nem a dous entes que se amam, quanto mais a dous esposos!...

—Mas....

—Já te disse, e não admitto razões em contrario.

—Pois que assim o queres....

—Assim mesmo; continúa.

—Olha, meu Fernando, agora vamos ser muito felizes, não é verdade? logo que tu melhores, não me deixarás um só momento.... tenho-me visto tão longe de ti....

—Sim, minha pobre Roza, havemos de ser muito felizes—respondeu o moço estremecendo, e annuindo-se-lhe tristemente o rosto.

Rosa percebeu aquella repentina mudança, e anciosa, exclamou:

—Que tens, Fernando? meu Deus, como estás pallido!

—Socega, não é nada.... foi a minha ferida.... uma dôr.... mas já passou; olha, Roza, deixa-me beijar-te.... encosta a tua loura cabeça ao meu seio.... assim!... como és linda!... e eu que te queria trocar por outra!...

E os dous esposos, como esquecidos de tudo, entregavam-se ás mais ternas e puras carícias, sem se lembrarem que talvez dentro em pouco uma força imperiosa viria separal-os para sempre, e pôr termo

aquelles enlevos castos a que descuidadamente se entregavam.

Durou algumas horas aquella scena de estremecimentos do coração, de mutuas caricias, e de enlevos santos.

Repetiam-se a cada passo os momentos felizes que passaram no começo das suas relações, as saudades que soffreram, as descrenças que os atormentaram, e o desespero e as dores que provaram, entremisturando este dialogo de mutuos affagos.

Assim se passou aquelle dia sem haver nada mais de notavel.

Roza, a instancias de Fernando, ficara habitando aquelle quarto, e sentada no leito de seu esposo, velára toda a noute, guardando os poucos momentos em que o doente podéra conciliar o somno.

De madrugada, Fernando pareceu contorcer-se durante algum tempo em terriveis soffrimentos, e comquanto fosse grande a sua resignação e valor, não podia encubrir aos olhos de sua esposa os padecimentos que pareciam augmentar a cada momento.

A's 8 horas da manhã o moço peorára; uma pallidez cadaverica lhe assombrava as faces, os olhos principiavam a perder o antigo brilho e os labios arroxearam-se de momento a momento.

Foi immediatamente chamado o facultativo, e este, mais por obrigação á sciencia, do que por convencimento de melhorar o estado do doente, receitou alguns medicamentos. A sorte de Fernando estava decidida.

A's 10 horas, entraram no quarto seus paes, a baroneza e sua filha.

Fernando, como querendo poupar a sua esposa o testemunho de uma triste scena, voltou-se para ella, e com a voz já pouco firme, exclamou:

—Olha, Roza, já que estão aqui meus paes para velarem por mim, vai acolá áquelle canteiro, que d'aqui se vê, e colhe-me um ramo das mais lindas flôres, sim?

Roza, sem perceber a intenção d'aquelle pedido, obedeceu immediatamente, e apenas desapareceu, Fernando chamou para mais perto de si a seus paes e exclamou:

—«Meus queridos paes: affastei por um pouco d'este lugar aquelle pobre anjo, para não ser testemunha das minhas tristes despedidas. Não queria morrer sem lhes pedir perdão das minhas faltas e sem lhes dar o ultimo adeus....

«Meus bons paes: sei quanto lhes hade custar a morte d'este filho que tanto idolatravam; mas Deus, que é o juiz supremo dos nossos destinos, assim o quer.... A consolação que me resta, meus bons paes, é que sempre os respeitei e amei como authores dos meus dias, e que procurei sempre tornar-me digno de vós.... no entanto, se alguma falta commetti involuntariamente, perdoem-me.... Agora o que por ultimo lhes peço, é que tratem e respeitem essa pobre Roza como esposa de vosso filho, e nada mais.

«Adeus, meus queridos paes, adeus, e até á eternidade, onde só nos tornaremos a encontrar.»

Os paes de Fernando, a estas ultimas palavras, curvaram-se sobre a fronte do moribundo, e suffocados pelo pranto que lhes inundava as fronte, imprimiram n'ella os beijos de despedida.

Os pobres velhos, estavam extenuados por uma dôr suprema, que só os corações de paes experimentam n'essa hora derradeira, e não sabiam responder mais a essa despedida do que com as amargas lagrimas destiladas da dôr profunda que lhes dilacerava as almas.

Fernando, chamou então pela baroneza e sua filha, e dirigiu-se-lhes n'estes termos:

—Senhora baroneza: n'esta hora suprema em que estou prestes a deixal-a, faltaria a um dever sagrado se não lhe agradecesse tambem a amisade de mãe que sempre me consagrou, e se não lhe pedisse igualmente perdão das minhas leviandades e das faltas que commetti para com a senhora. . . . perdôe-me, senhora baroneza, perdôe-me, porque eu não sabia o que fazia. . . .

—Descance, Fernando—exclamou a nobre senhora entre soluços;—descance, que apesar de serem insignificantissimas as faltas que suppôz commetter para commigo, eu lhe perdôo tudo. . . .

—Obrigado, senhora, obrigado — respondeu o moço enternecido. Depois voltando-se para Deolinda, pegou-lhe nas mãos, imprimiu-lhes dous ardentes beijos, e levantando para ella os olhos inundados de pranto, continuou:

—Deolinda, alma nobre e generosa, a ti sobre tudo é que eu tenho de pedir perdão d'essa grande

falta que commetti; estou certissimo que me perdoarás, porque tu és uma santa; a ti, principalmente, é que eu devo o socego d'estes ultimos momentos, e não tenho palavras com que te possa exprimir o meu reconhecimento. Perdoa-me, Deolinda, e adeus; oxalá que na terra encontres um valioso premio das tuas virtudes, porque no ceo já te está reservado o lugar dos bons.»

Passados momentos entrou Roza no quarto, e ao vêr aquelles rostos afflictos e entregues á mais inconsolavel dôr, sentiu tambem as lagrimas cahirem-lhe a uma a uma pelas faces, e como atormentada por um triste presentimento, correu para junto do leito e com a voz anciada chamou Fernando.

Este como extenuado pelo dialogo que tinha tido com os entes que lhe eram tão caros, permanecia com os olhos cerrados e em um estado de languida prostração, mas ao ouvir a voz de sua esposa, entreabriu as palpebras, e com um meigo sorriso nos labios exclamou:

—Ainda estou vivo, minha Roza; julgas que eu te deixaria sem te dar o ultimo beijo?...

A pedido do muribundo fôra chamado um sacerdote para lhe ministrar os ultimos sacramentos.

Confessara-se e commungára com o recolhimento de um bom christão, e como o sacerdote instasse depois d'isso para o ajudar a bem morrer, Fernando exclamou já com a voz meia extincta:

—Meu bom padre: cumpri já com os deveres da religião; respeito-lhe as boas intenções, mas não necessito mais das suas preces nem dos seus salutaes conse-

lhós; agora a unica pessoa que me poderá tornar sereno este passamento eterno, é aquelle anjo, que alli jaz desfeita em lagrimas.

O sacerdote, em vista de um tal pedido ou de uma ordem tão terminante, retirou-se, lançando-lhe a benção derradeira.

Fernando chamou então por sua esposa; pediu-lhe que se sentasse no leito, e recostando a cabeça sobre o seu collo, assim permaneceu silencioso durante algum tempo.

—Minha Roza, axclamou elle a final—estou por momentos a deixar-te.... sinto já o estertor da morte apertar-me a garganta como um annel de ferro.... Olha, filhinha, não te esqueças dos meus rogos.... respeita a minha memoria.... e depois, todas as manhãs, vai regar as fiôres da minha campa com o orvalho salutar das tuas lagrimas, sim?...

A pobre rapariga áquellas palavras, sentiu como um golpe profundo partir-lhe a alma; era a primeira vez, desde que Fernando tinha adoecido, que se convencera de que elle a ia deixar; tornou-se então sublime aquelle rosto; o olhar tomou um fulgor estranho, e curvando-se sobre os labios do seu esposo, collou n'elles as faces, murmurando:

—Descança, Fernando, descança em paz, porque n'esta hora suprema te juro que cumprirei até á morte as tuas vontades.... será talvez bem curto esse espaço, porque eu não poderei sobreviver-te por muito tempo.... e se Deus permittisse que as nossas almas voassem juntas n'este momento para a eternida-

de, se elle me dêsse tambem agora a morte.... seria o meu maior prazer!...

—Pobre Roza!...—respondeu o moço, fitando n'ella os olhos já amortecidos.

Passaram-se assim alguns momentos, em que os dous não deixaram um só instante de despegarem-se os labios um do outro; de repente o corpo de Fernando agitou-se convulsivamente, e de seus labios, sahiu como n'um suspiro o nome de Roza.

Esta soltou um grito penetrante, e todas as pessoas que permaneciam em um aposento immediato, correram apressadas, entrando como em tropel no quarto.

Fernando, entreabriu ainda os olhos, e chamando para junto de si as pessoas que tinham entrado, apertou as mãos, successivamente, de seu pae, da baroneza, do facultativo, da avó de Roza, e de algumas outras pessoas, e quando ia a fazer o mesmo a Deolinda, acenou para que se curvasse sobre elle, e imprimindo-lhe um beijo nas faces, murmurou:

—Adeus.... Deolinda....

A filha da baroneza correspondeu áquelle ultimo adeus com um beijo na testa do moribundo, que elle agradeceu com um olhar.

Depois, voltou todas as attensões para sua esposa e ergueu um pouco a cabeça para ella, como para lhe dizer alguma cousa. Roza curvou-se, recebeu ainda um beijo a que ella correspondeu com outro, e a cabeça cahiu inanimada sobre o collo em que repousava.

Fernando tinha exhalado o ultimo suspiro, e d'ahi a pouco o sino da aldeia dobrava lugubrememente, annunciando que a alma de um justo tinha voado á mansão eterna.

.....

O enterro fez-se no dia seguinte por volta das 11 horas da manhã, como é costume nas aldeias.

Não havia uma unica pessoa que não lamentasse a morte do infeliz moço, e a prova bem significativa do quanto estimavam alli o joven facultativo, demonstrava-se no aspecto consternado da multidão, que se apinhava em todos os locaes por onde passava o lugubre cortejo.

Por essa occasião, o assumpto principal das conversações, depois de exalsadas as boas qualidades do finado, era os motivos que se teriam dado para uma tão desgraçada morte, quem teriam sido os assassinos, e que razões haveriam da parte d'elles para a perpetração de um tal crime.

Eram muitas as versões e supposições que se aventavam, porém todas ellas falliam por falta de provas convincentes ou de coincidencias atrazadas que se tivessem dado com o finado, e a unica que mais parecia predominar no espirito do povo, era que aquelle triste successo não tivera por causa senão a malvadez de alguns malfetores, que por aquelles tempos infestavam as estradas visinhas, para se apossarem de alguns valores que elle levava comsigo.

No entanto o segredo d'aquelle crime continuava envolto no mais intrincado mysterio, e apesar dos esforços que a justiça da terra tinha feito, nem sequer o rasto lhe tinha encontrado.

Roza, por um d'esses sublimes sentimentos de dedicação e amor para com o seu finado esposo, e contra todas as praxes seguidas em taes actos, e ainda contra todas as razões que lhe apresentaram para a desviar de um tal proposito, conseguira acompanhar o corpo do seu marido até á ultima morada.

Apesar de toda a coragem e valor de que a infeliz se revestira para arrostar com aquelle ultimo transe, por mais de uma vez esteve para succumbir no caminho, e só uma vontade de ferro, uma força poderosa que predominava em todos os seus sentimentos a animara a levar a cabo um tal intento.

Caminhava ella pois, logo atraz do caixão, vestida de luto, e debulhada em lagrimas, amparada por um dos criados da herdade, e mais de uns olhos se embaciaram de pranto, e mais de um rosto se cobriu de afflitiva dôr, ao contemplarem aquella triste scena.

Ao entrar o lugubre cortejo na igreja, Roza, em consequencia da multidão que em tropel entrara no templo, vira-se forçada a parar para depois seguir com os ultimos, e ao dar alguns passos, no interior, estacou como petrificada, diante de um vulto, que encuberto pela sombra, e como escondido, permanecia encostado a uma das paredes.

Esse vulto era Antonio, o moço do padre, o an-

tigo namorado de Roza e ultimamente o confidente dos amores dos dous jovens.

A pobre viuva, ao estacar com o rosto pallido e cadaverico d'aquelle homem, que tanta confiança lhe inspirara em outro tempo, sentiu-se opprimida por um horrivel presentimento, e em vez se lhe aproximar para o interrogar sobre os sinistros pensamentos que se lhe tinham gerado na mente, retrocedeu alguns passos como horrorisada, fitando-o atravez da escuridão em que estava envolto, com um olhar penetrante e investigador, como se tentasse aprofundar por meio d'elle o intimo do seu coração.

Antonio, por seu turno, pareceu sentir-se subjugado por aquelle olhar, quiz dar alguns passos para ella, como para lhe fallar, mas Roza, estendendo para elle os braços, e continuando a fulminal-o com a vista de fogo, exclamou em tom abafado pelo desespero e pela dôr:

—Arreda assassino!... nem mais um passo.... revê-te na tua obra diabolica enquanto o dedo da Providencia não te risca na fronte o stygma do crime.... Desgraçado!.... teme a justiça de Deus, porque a dos homens não seria bastante para te punir de um similhante crime, e para aquella é que eu apello....

Antonio, ao ouvir estas palavras, estremeceu, como se um estylete de aço lhe retalhasse as carnes; pareceu cambaliar, cobriu o rosto com as mãos, e desapareceu como uma sombra pela porta da igreja.

Esta scena passara-se tão rapida e tão fóra das

vistas do povo n'aquella occasião só entretidas com a cerimonia que já tinha principiado, que não houve uma só pessoa que attentasse n'ella.

Roza adiantou-se então mais alguns passos para o centro da igreja, assistiu impassivel, como um espectro, á lugubre cerimonia, acompanhou ainda o corpo de seu marido até á sepultura, foi a primeira a lançar-lhe alguns punhados de terra, conservou-se depois um pouco de tempo ajoelhada junto á campa murmurando algumas orações, e voltou a final para a herdade, amparada por algumas pessoas que se tinham condoído do estado de prostração em que ficára.

XXI

São decorridos cerca de trinta dias depois das scenas que deixamos descriptas.

No mesmo quarto onde havia perto de um mez se finára o esposo de Roza, e sobre o mesmo leito onde o seu corpo repousára por alguns dias, dava-se quasi uma scena identica áquella que então alli se passou.

Roza, a bella e alegre rapariga de outras eras, o enlevo dos rapazes da aldeia, jazia como inanimada, sobre aquelle mesmo leito onde seu esposo exhalára o ultimo suspiro.

Conhecia-se que havia ainda alguma vida n'aquelle coração morto de ha muito para as alegrias do mundo, pelo arfar compassado do peito, e pelo olhar já amortecido.

O rosto, esse, já nem a côr affogueada da febre o animava. Proximas do leito achavam-se postadas, guardando religioso silencio, duas mulheres, de idade bem differentes. Uma, ainda nova, era Deolinda, a filha da baroneza, que depois da morte de Fernando, instára com sua mãe para alli ficarem mais algum tempo; a outra, já de avançada idade, era a pobre avó da doente.

Ambos aquelles entes, desde que Roza cahira de cama, o que havia tres dias, não lhe tinham deixado o leito sequer por um instante, esforçando-se cada qual em lhe velar os ultimos momentos da existencia.

Roza, desde a morte de seu marido, não deixára, enquanto podéra, de ir todos os dias rezar junta á sua campa, e derramar sobre ella algumas lagrimas, conforme a promessa que lhe fizera.

Havia porém tres dias, que não podera cumprir aquelle seu ultimo desejo, porque o mau estado da sua saude chegára ao ultimo extremo.

A pobre rapariga, pois, esperava com a resignação de uma martyr a sua ultima hora, e do intimo da alma só pedia a Deus que lhe abreviasse os seus soffrimentos, para mais depressa se ir unir eternamente áquelle a quem tanto amara no mundo.

Um unico desejo, porém, ainda lhe occupava a mente: o de ir dar o ultimo adeus á campa de seu marido antes de morrer, e era tal a força de vontade que a movia, que por mais de uma vez tentou erguer-se do leito para experimentar se teria forças para caminhar até alli; baldado intento, porém, porque mal se erguia, o corpo cahia logo inanimado e sem alento.

Eram perto de dez horas da manhã e Roza recostada sobre a cabeceira, com os olhos meios amortecidos, parecia completamente estranha a tudo o que se passava em derredor d'ella.

De repente, porém, as faces tingiram-se-lhe de uma estranha vermelhidão, a vista recuperou algum brilho, ergueu impetuosamente meio corpo, e enca-

rando a filha da baroneza com um leve sorriso de alegria, exclamou:

—Deolinda, minha avó, não sei o que n'este momento se passa em mim, mas parece-me que já não estou doente.... sinto um tal vigor....

A duas mulheres, amedrontadas por uma tão repentina mudança levantaram-se, e como receiando muito de taes melhoras, tentaram socegal-a, exclamando:

—Descansa, Roza, que tu has-de melhorar, mas precisas de socego; qualquer excesso n'este momento podia ser bem fatal.

—Ah, não, não, sinto-me reviver e estou certissima de que terei forças para....

—Para que?—atalhou a filha da baroneza, como adivinhando-lhe as intenções.

—Para ir visitar o meu Fernando, que de certo ha de ter estranhado a minha ausencia d'estes dias.

—Enlouqueceste?—respondeu a avó de Roza, —pois tu quererias agora levantar-te com essa febre?... Não te lembres de tal minha filha....

—Como estão enganadas comigo!... pois julgam que eu me levantaria d'aqui se não me sentisse com forças bastantes para ir até ao adro?... vamos, vamos depressa..., ajudem-me a vestir.... talvez seja o ultimo adeus que eu vá dar áquelles lugares.

E dizendo isto, Roza levantara-se do leito e procurava descer d'elle.

Por mais esforços que as duas fizeram, por mais convincentes que foram as razões para a distrahir

d'aquelle intento, nada conseguiram, porque a doente instava de tal modo, que a final não tiveram remedio senão obedecer-lhe.

D'ahi a pouco transpunha ella o portão da herdade, encostada ao braço de D. Deolinda, seguindo-lhe as pisadas sua avó e um criado.

Roza ao sahir de casa, por um triste presentimento, ou bem naturalmente, despedira-se com um adeus, dos paes de Fernando, dizendo:

—Até logo, sim?... eu hei de voltar talvez perfeitamente bôa.... este passeio e estes ares, parece que me dão vida.

Chegados que foram ao adro, Roza pediu para entrarem um pouco na igreja; ajoelhou diante de um altar, e alli permaneceu durante muito tempo, murmurando secretamente, e n'um completo recolhimento, algumas orações.

Levantou-se depois, mais animada, e dirigiu-se, sem auxilio de pessoa alguma, para junto da campa de seu marido; ajoelhou ahi de novo, pareceu rezar por algum tempo, e depois curvou-se sobre ella, segredando mysteriosas palavras que ninguem pôde perceber.

Ao levantar-se, estava completamente desfigurada.

O rosto tinha recuperado uma pallidez mortal, os olhos já não brilhavam e os labios principiavam a arroxear-se-lhe.

As pessoas que a cercavam estremeceram.

Roza apontando então para proximo da campa de Fernando exclamou com a voz quasi extincta:

—Hão-de enterrar-me alli, sim?...

As ultimas syllabas d'estas palavras foram suffocadas por uma golfada de sangue, e cahiu repentinamente de bruços sobre a sepultura.

Um grito de dôr sahiu de todos os peitos.

Tentaram erguel-a para a conduzir para uma casa proxima, mas a pobre rapariga, meneando tristemente a cabeça, murmurou:

—E' escusado.... Deus fez-me a vontade.... chegou finalmente a hora de me unir para sempre ao meu Fernando.... Deolinda, minha avó, adeus até á eternidade.... despeçam-se.... por mim.... aos pacs.... de meu mar....

A voz extinguiu-se-lhe na garganta; relanceou ainda um terno olhar de despedida para sua avó e para Deolinda, pendeu a cabeça, as palpebras cerram-se-lhe e o coração cessou de bater.

Deolinda, que a sostera, durante esse tempo, nos braços, ergueu os olhos inundados de lagrimas para o ceo, e exclamou para os circumstantes:

—Rezem pela alma d'esta santa martyr.... Roza morreu.

E movidas por um mesmo instincto, todas as testemunhas d'este triste desfecho ajoelharam e murmuraram as orações dos mortos.

Deolinda, no entretanto, elevando o pensamento para Deus, exclamava:

—Grande Deus!... vós que me escolhestes para testemunha do triste desenlace d'este drama, disponde de minha alma, porque para mim morreram todas

as alegrias, todas as afeições d'este mundo; amei-os a ambos como se pôde amar na terra.... esses dous entes tão queridos quizeste!-os vós para a vossa santa companhia: recebei-me também agora no vosso seio, porque a vida para mim não será mais do que um prolongado martyrio.... ah Fernando, Fernando, como tu foste amado!...

.....

.....

No dia seguinte ao do fallecimento da Roza do Adro, o padre Francisco achava-se no seu quarto recostado na costumada cadeira de couro, e com a cabeça abanlonadamente reclinada sobre a mão, como se um pesar qualquer o opprimesse.

A final, depois de alguns momentos de muda preocupação, lançou mão de uma pequena campainha que lhe estava proxima, agitou-a, e á appareição de uma velha creada, disse simplesmente:

—O Antonio que venha aqui fallar-me.

A criada retirou-se e poucos momentos depois entrou o moço.

Vinha com o rosto desfigurado, os olhos sumidos e a fronte pendida para a terra, como se vergasse ao peso de uma grande dôr.

O padre ao attentar n'aquella figura soffredora, meneou tristemente a cabeça e murmurou de si para consigo:

—Pobre rapaz!... a que ponto nos levam as paixões humanas!...

Depois, dirigindo-se-lhe em voz alta continuou:

—Senta-te aqui, meu rapaz, temos muito que conversar.

O moço obedeceu, sentando-se quasi machinalmente em uma cadeira que estava proxima da de seu amo.

O padre, sorvendo então uma grossa pitada de rapé da sua grande caixa de tartaruga, como se se dispozesse para encetar um longo discurso, principiou assim:

—Como sabes, a Roza do Adro, essa infeliz rapariga tão querida d'esta aldeia, morreu.

Antonio acenou apenas com a cabeça sem poder articular uma palavra.

O padre continuou:

—A sua morte e a de Fernando foi um successo de que ha muitissimos annos não ha memoria. No entanto, a nenhum d'elles podemos dar remedio, e o que nos resta agora é resarmos pelas suas almas e conformarmos-nos com a vontade do Deus Poderoso. Depois d'isso, porém, ainda temos mais alguma cousa a fazer.... é curarmos a grande ferida que uma d'aquellas existencias deixou bem aberta.... e evitarmos d'essa fórma talvez mais uma victima....

—Não o percebo, senhor!—gesticulou o moço.

—Eu me explico: essa victima de que quero falar és tu, essa grande ferida é a que te rasga o coração...

Antonio levantou os olhos espantados para seu

amo, como se não atinasse com o verdadeiro sentido d'aquellas palavras.

—Tu tambem amaste loucamente a Roza—proseguiu o padre,—e esse amor que ainda concentras no peito póde ser-te duplamente fatal; é portanto de ti e d'esse amor sem esperanças, que precisamos tratar.

—Oh, mas eu não a amo.... não sei até se algum dia a ameï.

—Não tentes illudir-te o coração illudindo-me tambem, Antonio, porque para conhecer o teu estado moral não é necessaria grande prespicacia, e só um leve conhecimento do coração humano.... Mas vamos ao fim principal. Lembras-te de eu por mais de uma vez tentar desviar de ti essa desgraçada paixão, chegando a dizer-te, que ainda mesmo que Roza correspondesse aos teus affectos nunca poderias ser seu esposo?

—Recordo-me, e então?

—Quando te dizia isso, tinha bem sobejas razões para o fazer, e sabes porque?—e o padre olhou então em redor de si como para se certificar de que ninguem o ouvia, e abaixando mais a voz, concluiu:—Porque Roza era tua irmã!

—Minha irmã!—exclamou o moço, levantando-se subitamente da cadeira, como aterrorisado por aquella revelação, e continuou com accento desvairado, meneando a cabeça com ar de incredulidade.

—Minha irmã!... minha irmã!... é impossivel.... engana-se, por certo, senhor.

—Oxalá que assim fosse, mas infeliz ou felizmente, é verdade.

—Verdade!... mas como se concebe isso?... parece que a cabeça se me parte, meu Deus!

—Ora senta-te e ouve-me serenamente:

«Quando a mãe de Roza estava prestes a dar a alma a Deus, fui chamado á sua cabeceira para a ouvir de confissão. N'esse instante supremo revelou-me ella o segredo do teu nascimento. Disse-me ter entretido relações com um rapaz d'estes sitios, que mais tarde se viu obrigado a deixal-a, por ter ido alistar-se no exercito. Por essa occasião o novo soldado levava consigo uma criança pouco mais que recém-nascida, que pela força da circumstancia se viu obrigado a expôr no hospicio dos expostos no Porto. Ao deixar a mãe de seu filho, jurára elle lavar a sua honra, desposando-a, logo que tivesse acabado de pagar á patria o seu tributo de sangue, mas infelizmente esse juramento jámais o podera cumprir, porque pouco mais de um anno depois do seu alistamento, fallecera de uma bala no campo da batalha. Dois annos depois d'estes successos, casava tua mãe com o pae de Roza, tendo antes d'isso confessado a sua falta ao seu futuro esposo. Este, vendo que o teu nascimento jazia envolto no mais denso mysterio, amando muito tua mãe, e conhecendo-lhe os bons sentimentos que a adornavam, esqueceu-se de tudo isso e deu-lhe o seu nome, vivendo sempre na mais santa paz de familia.

«Tua mãe, pois, revelou-me esse segredo á hora da morte, e pediu-me por ultimo que se um dia te encontrasse, te trouxesse para a minha companhia, e que olhasse sempre por ti como filho d'aquella peccadora,

pedindo-me que te occultasse sempre o nome de teus paes, podendo revelar-te tudo se a força das circumstancias a isso me obrigassem.

«Pouco tempo depois da morte de tua mãe, dirigi-me ao Porto, e conquanto já então devesse ter 10 ou 11 annos, sendo por isso difficil encontrar-te no Hospicio, não desanimei contudo, e principiei as minhas pesquisas, que tive a felicidade de vêr coroadas do melhor exito, porque poucos dias depois fui encontrar-te como creado, em casa de uma familia honrada, que te fôra buscar ao Asylo dos desamparados onde tu estiveras ultimamente. Trouxe-te pois para minha casa, e o que depois d'isso se passou já tu o sabes. Ora eis ali a razão porque eu disse que Roza era tua irmã, e porque sempre tentei desviar-te das relações amorosas que principiarias a entreter com a infeliz rapariga».

O moço, durante a curta narração de seu amo, permanecera como recolhido em um mar de reflexões, e ao terminar levantou-se com a fronte sinistramente tranquilla:

—E tem a certeza—interrogou elle—de que sou eu esse rapaz exposto por meu pae no hospicio dos expostos?

—Tenho, porque tua mãe disse-me para que eu te conhecesse melhor, que te procurasse no braço direito dous signaes negros, bem distinctos e separados, que effectivamente possúes.

—Tem razão, senhor—continuou o moço, cada vez mais taciturno—e agora permitta-me ir vêr, pela ulti-

ma vez, minha pobre irmã, e dar-lhe o ultimo adeus.

E sem esperar por mais resposta sahiu precipitadamente, deixando seu amo boqui-aberto e attonito, por uma tal frieza, quando elle esperava uma scena de lagrimas e commoções.

Antonio, logo que sahiu do quarto do padre, dirigiu-se á sala da bibliotheca, sentou-se a uma escrivaninha, pegou em uma folha de papel onde lançou precipitadamente algumas linhas, dobrou-a em fórma de carta, subscriptou-a, e deixou-a sobre o mesmo sitio, sahindo em seguida pela porta que dava para a quinta e desaparecendo em pouco tempo por entre os arvoredos frondosos que a coalhavam.

Antonio não appareceu ao jantar, com o que o padre pareceu affligir-se bastante, e segundo o seu costume quotidiano dirigiu-se depois á bibliotheca, onde costumava passar algumas horas entregue á leitura. Ao aproximar-se porém da escrivaninha, deu com os olhos na carta cujo subscripto lhe era dirigido, lançou mão d'ella, leu-a, e ao passo que corria os olhos por aquellas linhas, o rosto impalledecia-lhe de momento a momento, e a final cahiu como extenuado sobre uma cadeira, exclamando em tom desesperado, e apertando entre as mãos aquelle papel que parecia conter bem horribeis cousas:

— Desgraçado! . . .

A carta dizia o seguinte:

«Snr. padre Francisco:

«Quando lêr esta carta já eu terei deixado de

existir. Suicido-me porque não tenho animo bastante para arrostar durante a vida com os remorsos dos meus crimes.

«Occultei-lhe as minhas intenções sinistras, não lhe revelei, sequer, o inferno em que ardia a minha alma depois d'essa terrivel noute, porque não me atrevi a fazer-lhe uma tal confissão, e porque estou certo que a sua maldição cahiria sobre a minha cabeça. Fernando, o esposo da minha irmã, foi victima de um trama que lhe urdi, e fui eu proprio que o assassinei com o auxilio de mais dous cumplices a quem comprei com todo o dinheiro que possuia.

«O que me levou á perpetração de um tal crime foi o demonio do ciuime, esse amor infernal que senti sempre por minha irmã, sem saber então que o era. Em vista d'isto, fui eu o causador de duas mortes; da de Fernando para quem a felicidade ia principiar a sorrir-lhe, e da de minha irmã, que morreu, amaldiçoando-me, talvez, do fundo d'alma, porque a infeliz quasi que advinhára quem fôra o assassino de seu esposo. Morro pois sem esperança de salvação, porque para criminosos como eu, Deus deve ser inexoravel.

«Não procurem o meu corpo, porque será difficil o encontrarem-no. Nem eu quero que o encontrem, porque não vá a presença d'elle manchar a santidade do lugar em que descansam esses dous entes tão infelizes, indo roubar-lhes a paz que ambos alli gosam.

«Adeus, snr. padre Francisco, perdõe-me os dissabores que eu talvez lhe tenha causado, e em nome da minha pobre mãe receba os protestos mais sinceros

de gratidão que ella e eu lhe devemos, pelo cumprimento da sua ultima vontade.

Antonio.

Padre Francisco, passados que foram os primeiros momentos de admiração, deu logo ordem a todos os creados para que procurassem o corpo do infeliz, dirigindo elle proprio algumas das buscas, mas todos esses trabalhos faram infructiferos, porque depois de oito dias de incessantes e minuciosas pesquisas nada conseguiram saber do destino que tomára o desgraçado suicida.

Mais tarde, uns dez ou doze annos depois, sendo necessario concertar uma nora ao fuudo de um campo contiguo á propriedade do padre Francisco foram ahi encontradas as ossadas de um cadaver, no fundo do poço, que alguma gente disse pertencerem ao infeliz Antonio, moço do padre, que desaparecera sem mais se saber do seu destino.

Quanto á baroneza e sua filha, alguns dias depois da morte de Roza, vieram para o Porto, venderam todos os bens e propriedades que possuiam, e entraram depois ambas em um dos conventos d'esta cidade. A ultima d'estas, D. Deolinda, ainda ha poucos annos que morreu, e no convento onde permaneceu, era olhada como um modelo de virtudes.

FIM

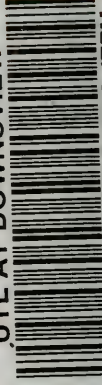
PQ
9261
R617R6

Rodrigues, Manoel Maria
A Roza do Adro

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 13 020 6